



Universidade de Lisboa
Faculdade de Motricidade Humana



O COMPORTAMENTO DO TREINADOR PRINCIPAL E TREINADOR ADJUNTO EM TREINO NA MODALIDADE DE FUTEBOL

Dissertação com vista à obtenção do Grau de Mestre em Treino de Alto Rendimento

Orientador: Professor Doutor Fernando Paulo de Oliveira Gomes

Júri

Presidente

Professor Doutor Nuno Miguel da Silva Januário, professor auxiliar da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa

Vogais

Professor Doutor Ângelo Miguel Pedregal de Brito, professor auxiliar convidado da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa

Professor Doutor Fernando Paulo de Oliveira Gomes, professor auxiliar da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa

Rodrigo da Costa Alves Gato

2023

Para ser grande, sê inteiro: nada teu exagera ou exclui, Sê todo em cada coisa.

Põe quanto és no mínimo que fazes.

Ricardo Reis

Agradecimentos

Primeiro de tudo, gostaria de agradecer à minha família, em especial à minha mãe e à minha avó, pela educação e pelos valores que me transmitiram, e ao meu irmão, pelo apoio incansável ao longo desta jornada. Obrigado por terem estado sempre presentes, por sempre acreditarem em mim e me ajudarem na concretização dos meus sonhos. Espero ter-vos deixado orgulhosos.

Aos meus amigos, obrigado por toda a confiança ao longo deste processo, por estarem presente e por me ajudarem nos momentos mais difíceis.

Ao António Cruz e João Abreu, por desde o primeiro momento aceitarem participar nesta investigação. Obrigado pelo esforço, dedicação e devoção a esta investigação, sempre com a ambição de serem mais e melhor. Transmitem valores que levo para a vida.

Ao Sporting Clube de Portugal, em especial à sua direção e coordenação, por sempre terem manifestado interesse no desenvolvimento da investigação, e principalmente, no desenvolvimento de um melhor Treinador.

Ao Professor Fernando Gomes, por desde o primeiro momento ter aceitado orientar a minha investigação. O meu muito obrigado pela partilha do conhecimento, pela amizade, pela motivação e total disponibilidade ao longo desta jornada.

Por último, agradecer à Faculdade de Motricidade Humana, pelo tanto que me ensinou para a vida, por me ter tornado um melhor Homem e um melhor profissional.

Resumo

O presente estudo procurou analisar o comportamento de dois treinadores, Treinador Principal e Treinador Adjunto, da modalidade de Futebol, ao longo de três fases de observação de uma época desportiva. Os Treinadores pertenciam à mesma equipa técnica, onde assumiam as respetivas funções no escalão de sub-13. Para a análise dos Treinadores, foi desenvolvido o S.O.A.T., sistema de observação composto por 27 dimensões e 67 categorias do comportamento. Para a análise do estudo foi tido em conta a ocorrência e durabilidade dos comportamentos dos treinadores ao longo de três fases de observação, onde cada fase incluía dez unidades de treino. Os resultados sugerem uma heterogeneidade entre o perfil comportamental dos treinadores em estudo, a registarem diferenças significativas em todas as fases de observação, e onde as modificações apresentaram um carácter progressivo, mas lento, em cada um dos treinadores. Apurou-se que a última fase de observação demonstrou menor número de diferenças significativas no comportamento entre os Treinadores, tornando-se mais idênticos na fase final da época, onde a elevada variabilidade comportamental do Treinador Principal nesta fase de observação sugere ser o principal responsável.

Palavras-chave: comportamento do treinador; treinador principal; treinador adjunto; treino; futebol formação; atleta infantojuvenil; sistema de observação; fases de observação; análise; observação sistemática.

Abstract

The present study sought to analyze the behavior of two coaches, Head and Assistant coaches, of Football modality, over three observation phases of a sport's season. The coaches belonged to the same technical staff, where they assumed their respective functions at the under 13 level. For the analysis of the coaches, was developed the S.O.A.T., observation system composed by 27 dimensions and 67 behavior categories. For the study's analysis, was considered the occurrence and durability of the coaches' behavior throughout the three observation phases, where each phase included ten training sessions. The results suggest a heterogeneity between the behavioral profile of the studied coaches, where in each observation phase significant differences were registered, and where the differences presented a progressive, but slow modifications, in each coach. It was found that the last observation phase showed a smaller number of significant differences in behavior between the Coaches, becoming more identical in the final phase of the season, where the high behavioral variability of the Head Coach in this observation phase suggests that he is the main responsible.

Keywords: coach behavior, head coach, assistant coach, train, youth football, youth athlete, observation system, observation phase, analysis, systematic observation.

Índice Geral

Agradecimentos	ii
Resumo	iii
Abstract	iv
Índice Geral	v
Índice de Tabelas	vii
Índice de Figuras	viii
Abreviações	ix
1 Introdução	1
1.1 Contexto e Problema	1
1.2 Objetivos do Estudo	2
1.3 Estrutura da Dissertação	3
2 Revisão de Literatura	4
2.1 A investigação Científica em Pedagogia do Desporto	4
2.2 O Treinador	8
2.2.1 O Treinador da Formação	11
2.3 O Comportamento do Treinador	12
2.3.1 Instrução	12
2.3.2 Feedback	14
2.3.3 Exposição/Preleção	16
2.3.4 Demonstração	17
2.3.5 Questionamento	18
2.4 Observação Sistemática	18
2.5 Sistema de Observação do Comportamento do Treinador	19
3 Metodologia	33
3.1 Introdução	33
3.2 Caracterização da Amostra	33
3.3 Procedimentos	34
3.3.1 Procedimentos Prévios	34
3.3.2 Procedimentos de Recolha de Dados	35
3.4 Sistema de Observação da Ação do Treinador – S.O.A.T.	36
3.4.1 Protocolo de Observação	41
3.5 Validade do Sistema de Observação	42

3.6	Fiabilidade do Sistema de Observação.....	43
3.6.1	Fiabilidade Intra Observador.....	43
3.6.2	Fiabilidade Inter Observador.....	45
3.7	Tratamento dos Dados e Procedimentos Estatísticos	47
4	Apresentação de Resultados	49
4.1	Introdução	49
4.2	Comportamento do Treinador Principal e Treinador Adjunto ao longo das fases de observação.....	49
4.2.1	Comportamento do Treinador Principal no registo de ocorrências.....	49
4.2.2	Comportamento do Treinador Adjunto no registo de ocorrências	54
4.2.3	Comportamento do Treinador Principal no registo de duração.....	56
4.2.4	Comportamento do Treinador Ajunto no registo de duração.....	59
4.2.5	Comportamento do Treinador Principal e do Treinador Adjunto entre as fases de observação.....	62
5.	Discussão de Resultados.....	75
5.1	Análise do Comportamento do Treinador Principal no registo de ocorrências e duração	75
5.2	Análise do Comportamento do Treinador Adjunto no registo de ocorrências e duração	80
5.3	Análise do Comportamento entre o Treinador Principal e o Treinador Adjunto no registo de ocorrências e duração	81
6.	Conclusão	93
6.1	Conclusões	93
6.2	Limitações.....	96
6.2.1	Limitação da Recolha de Dados.....	96
6.2.2	Limitação do Registo de Observações	96
6.2.3	Limitações ao nível da amostra do estudo.....	97
6.3	Recomendações.....	97
6.4	Aplicações Práticas	98
7.	Referências Bibliográficas	100
8.	Anexos	107
8.1	Anexo 1 - Consentimento Informado da Coordenação Técnica	107
8.2	Anexo 2 - Consentimento Informado do Treinador Principal.....	108
8.3	Anexo 3 - Consentimento Informado do Treinador Adjunto	109
8.4	Anexo 4 – Validade do Sistema de Observação.....	110
8.5	Anexo 5 – Tratamento Estatístico	113

Índice de Tabelas

Tabela 1. Caraterização da Amostra - Função; habilitações literárias e profissionais; anos como treinador; anos na mesma equipa técnica; sessões observadas.....	34
Tabela 2. Sistema de Observação da Ação do Treinador (S.O.A.T.).....	37
Tabela 3. Fidelidade Intra Observador – Sistema de Observação da Ação do Treinador (S.O.A.T.).....	44
Tabela 4. Fidelidade Inter Observador – Sistema de Observação da Ação do Treinador (S.O.A.T.).....	46
Tabela 5. Resultados do registo de ocorrências, das categorias do Comportamento do Treinador Principal nas 3 Fases de Observação.....	50
Tabela 6. Resultados do registo de ocorrências, das categorias do Comportamento do Treinador Adjunto nas 3 Fases de Observação.....	54
Tabela 7. Resultados do registo de duração, das categorias do Comportamento do Treinador Principal nas 3 Fases de Observação.....	56
Tabela 8. Resultados do registo de duração, das categorias do Comportamento do Treinador Adjunto nas 3 Fases de Observação.....	59
Tabela 9. Resultados do registo de ocorrências, das categorias do Comportamento do Treinador Principal e do Treinador Adjunto nas 3 Fases de Observação.....	62
Tabela 10. Resultados do registo de duração, das categorias do Comportamento do Treinador Principal e do Treinador Adjunto nas 3 Fases de Observação.....	69

Índice de Figuras

Figura 1. Modelo de análise da relação pedagógica em desporto, adaptado do modelo de análise em Educação Física (Piéron, 1986)	5
---	---

Abreviações

TP – Treinador Principal

TA – Treinador Adjunto

FO1 – Fase de Observação 1

FO2 – Fase de Observação 2

FO3 – Fase de Observação 3

1 Introdução

1.1 Contexto e Problema

Apesar de existirem diversas investigações na área da intervenção pedagógica do Treinador, nomeadamente na descrição e análise do seu comportamento (Ford et al., 2010; O'Connor et al., 2018; Partington & Cushion, 2011; Partington et al., 2014; Partington et al., 2015; Raya-Castellano et al., 2020; Smith & Cushion, 2006), existe a necessidade de compreender, mais aprofundadamente, o comportamento do treinador infantojuvenil, como também o comportamento dos vários elementos da equipa técnica que atuam diretamente no processo de formação desportiva dos atletas.

Como qualquer outro agente no meio desportivo, o Treinador apresenta inúmeras responsabilidades, que se assumem de grande importância na equipa que orienta, no clube e na modalidade que representa. Uma das principais funções dos treinadores enquanto orientadores do processo formativo dos atletas é auxiliá-los na aquisição de capacidades, técnicas, táticas ou estratégicas, que permitam obter sucesso no contexto competitivo (Ford et al., 2010).

Cunha et al. (2000) referem que muitos dos problemas que afligem os sistemas desportivos direcionam-se para os treinadores, como também para o seu papel decisivo na organização, condução e orientação do processo desportivo, expondo assim a responsabilidade que lhes é atribuída.

No caso do treinador de formação, este normalmente não apresenta nenhum tipo de preparação para lidar com faixas etárias mais baixas, não tendo noção de como o seu papel como treinador deve ser direcionado. Gilbert e Trudel (1999) referem que este tipo de situação origina que os treinadores construam o seu próprio perfil de liderança, de comunicação, e que apresentem determinados tipos de comportamentos que considerem pertinentes, promovendo uma heterogeneidade entre os diferentes perfis de treinador. Torna-se, desta forma, de extrema importância compreender como são os comportamentos dos treinadores em diferentes contextos formativos, tendo em conta as necessidades dos atletas ao longo do seu espectro de idade e desenvolvimento (Côté & Gilbert, 2009; Ford et al., 2010).

Smith e Cushion (2006) afirmam que o comportamento do treinador tem sido cada vez mais observado em contextos de treino face a contextos de jogo, devido ao número mais elevado de momentos, como também a um maior alcance de observação. Verifica-se que a sessão de treino permite a aquisição de capacidades motoras e a recreação das necessidades perceptivas, cognitivas e motoras dos momentos competitivos (Ford et al., 2010; Partington et al., 2008).

Desta forma, torna-se relevante estudar o comportamento dos treinadores em situação real de treino, de forma a poder analisar e comparar a sua intervenção pedagógica ao longo de todo o processo de treino. O presente estudo pretende então, caracterizar e descrever a dinâmica da relação do comportamento de dois elementos da mesma equipa técnica da modalidade de Futebol, Treinador Principal e Treinador Adjunto, de um escalão de formação infantojuvenil de elite, no processo de treino, ao longo de três fases de uma época desportiva. O presente estudo tem ainda em conta a realização de dois tipos de registos distintos: um registo de ocorrências, procurando analisar o número de vezes que o comportamento é realizado, e um registo de duração, procurando analisar o tempo de utilização de cada comportamento.

1.2 Objetivos do Estudo

Para o presente estudo, os objetivos específicos foram definidos de forma a:

1. Analisar o Comportamento do Treinador Principal (TP) ao longo das fases de observação. H1: Existem diferenças significativas no Comportamento do TP entre as várias fases de observação.
2. Analisar o Comportamento do Treinador Adjunto (TA) ao longo das fases de observação. H2: Existem diferenças significativas no Comportamento do TA entre as várias fases de observação.
3. Analisar o Comportamento do Treinador Principal (TP) e do Treinador Adjunto (TA) durante uma determinada fase de observação. H3: Existem diferenças significativas entre o TP e o TA durante uma determinada fase de observação.
4. Analisar o Comportamento do TP e do TA entre as várias fases de observação. H4: Existem diferenças significativas entre o TP e o TA entre as várias fases de observação.

1.3 Estrutura da Dissertação

Como forma de organização lógica e estrutural, o presente estudo está organizado em 6 capítulos. O capítulo 1 apresenta uma introdução ao estudo, expondo a sua problemática e os respetivos objetivos. O capítulo 2 inclui uma revisão de literatura sobre o tema do estudo, incluindo uma pequena reflexão sobre a investigação científica em pedagogia do desporto e os respetivos paradigmas, seguindo-se do papel do treinador e respetivo treinador de formação. Seguem-se os comportamentos associados ao treinador e sua observação sistemática ao nível do treino, concluindo este capítulo com um tópico sobre os sistemas de observação que permitem analisar o comportamento do Treinador. O capítulo 3 compreende a descrição da amostra do estudos e os respetivos procedimentos, a descrição do sistema e o respetivo protocolo de observação, e também a validade e a fiabilidade do sistema de observação, concluindo com o tratamento dos dados e os respetivos procedimentos estatísticos. No capítulo 4 são apresentados os resultados do presente estudo, e no capítulo 5 a discussão desses mesmos resultados. O último capítulo, capítulo 6, apresenta as conclusões gerais do estudo, bem como as limitações verificadas ao longo da sua realização e possíveis sugestões para investigações futuras e aplicações práticas.

2 Revisão de Literatura

2.1 A investigação Científica em Pedagogia do Desporto

Na pesquisa pedagógica têm sido utilizados diversos paradigmas que, de certa forma, tiveram origem em modelos de investigação provenientes da Pedagogia Geral (Piéron, 1993).

Rodrigues (1995) refere que as aplicações dos paradigmas de pesquisa da Pedagogia Geral à análise do ensino da Educação podem ser benéficas, uma vez que enquadram devidamente o pensamento científico e sistémico relativamente às principais variáveis típicas do processo de treino.

Grande parte dos trabalhos de investigação sobre o ensino da Educação Física têm por base dois modelos típicos: o modelo “Descrição – Correlação - Experimentação”, desenvolvido por Rosenshine e Furst (1973), e o modelo “Presságio – Processo - Produto”, apresentado por Mitzel (1960, citado por Rodrigues, 1995), relativamente ao ensino em geral, tendo sido adaptados para o Treino Desportivo (Rodrigues, 1995).

Além destes dois modelos, tem-se vindo a desenvolver uma diversificação dos modelos de pesquisa, que por sua vez associam-se ou completam outros paradigmas, entre eles a pesquisa etnográfica, o paradigma dos processos mediadores e a pesquisa sobre mestres (Rodrigues, 1995).

Existindo uma ligação entre os paradigmas existentes no ensino da Educação Física e o processo desportivo, torna-se importante sistematizar novamente os paradigmas utilizados, de forma a entender a sua aplicação ao desporto, onde o treinador é um dos principais objetos de pesquisa (Rodrigues, 1995).

Desta forma, colocam-se algumas questões na aplicação dos paradigmas ao desporto, entre elas: “Como os treinadores apresentam os exercícios? Como é que eles os organizam e implementam? Como intervêm para motivar os seus atletas, como exigem o máximo do seu esforço, como estabelecem uma relação de confiança com eles? Como corrigem, como intervêm para melhorar a prestação dos atletas?” (Piéron, 1988).

O modelo “Descrição-Correlação-Experimentação” (Rosenshine & Furst, 1973), aplicado ao processo de treino em Desporto, tem por base três elementos fundamentais de pesquisa:

1. A descrição da relação treinador-atleta, desenvolvendo métodos e procedimentos qualitativos e quantitativos;
2. A relação entre as variáveis de carácter descritivo do processo em Desporto e os seus resultados, sendo quantificados através dos ganhos de prestação ou da modificação comportamental;
3. Pesquisas, onde controlando algumas variáveis do processo de treino, realizam manipulação de outras variáveis, aplicando modelos de análise estatística de forma a interpretar os resultados.

De acordo com Rodrigues (1995), outro paradigma que tem sido utilizado nas investigações pedagógicas que incidem sobre o processo de treino é o “Presságio – Processo – Produto”. Adaptando o modelo de ensino da Educação Física (Piéron, 1986) ao treino desportivo, apresenta as seguintes variáveis (figura 1):



Figura 1. Modelo de análise da relação pedagógica em desporto, adaptado do modelo de análise em Educação Física (Piéron, 1986).

As variáveis de presságio dizem respeito às características do treinador que podem exercer influência nos efeitos do treino (Rodrigues, 1995). Estas variáveis dizem respeito à formação inicial do treinador, à experiência adquirida ao longo do processo de treino, à formação contínua a que o treinador vai sendo submetido ao longo do processo de treino e às características pessoais intrínsecas (Rodrigues, 1995).

As variáveis de processo referem-se aos comportamentos e interações suscetíveis de ocorrerem no treino (Rodrigues, 1995). Torna-se importante identificar e caracterizar os principais comportamentos dos diversos intervenientes no processos de treino, bem como as suas inter-relações (Rodrigues, 1995). É deste modo que poderá ser analisado o comportamento do treinador, dos atletas e de outros intervenientes do processo de treino (Rodrigues, 1995).

As variáveis de contexto dizem respeito às condições em que decorre o treino, obrigando, muitas vezes, o treinador a alterações importantes, podendo interferir no processo pedagógico (Rodrigues, 1995). Tem-se em conta o envolvimento, as instalações, o equipamento a utilizar e as características dos atletas, como o nível socioeconómico, o estatuto amador-profissional, o sexo, a idade, a condição física e motora, entre outras (Rodrigues, 1995).

As variáveis de programa reconhecem os objetivos a serem alcançados, bem como os conteúdos do treino, que são influenciados diretamente pela tomada de decisão do treinador (Rodrigues, 1995).

As variáveis de produto referem-se ao resultado do processo pedagógico (Rodrigues, 1995). No sistema desportivo, como é o caso, estas variáveis refletem a aprendizagem dos atletas, os efeitos educativos e a melhoria das qualidades físicas, técnicas, táticas e psicológicas (Rodrigues, 1995).

Outro modelo de pesquisa utilizado na Educação Física é definido pela Observação Etnográfica. Piéron (1993) refere que este modelo tem por base as descrições críticas e minuciosas, que contribuem para a explicação e interpretação dos fenómenos ocorridos no desporto. No entanto, estando limitado ao contexto a ser observado, dificulta seriamente a identificação de padrões gerais que caracterizem a situação (Rodrigues, 1995). A aplicação ao contexto desportivo torna-se bastante interessante, na medida do contexto específico que cada processo de treino assume (Rodrigues, 1995).

O modelo de Processos Mediadores define-se como o processo de mediação entre o estímulo pedagógico e a aprendizagem dos alunos (Levie & Dickie, 1973, citado por Rodrigues, 1995). Este modelo pretende conhecer todos os processos mentais que decorrem entre o estímulo emitido pelo treinador até à resposta por parte do atleta (Levie & Dickie, 1973, citado por Rodrigues, 1995).

Outro paradigma utilizado nas investigações desportivas é o paradigma da pesquisa sobre “experts”. Segundo Siedentop e Eldar (1989), a mestria é um termo técnico que se refere à virtuosidade de competência. Os “mestres” colocam os problemas pela sua verdadeira importância, enquanto os “inexperientes” identificam os problemas a partir de evidências superficiais (Siedentop & Eldar, 1989). Os “mestres” possuem padrões rápidos e precisos de resposta a situações de ensino, elaborando representações de problemas pedagógicos, apresentam mecanismos de autorregulação e avaliação dinâmica e eficaz, e revelam a sua competência pedagógica através da prática progressiva e prolongada no tempo (Berliner, 1986).

Um das dificuldades neste tipo de pesquisa remete à definição dos conceitos de “mestre”. Piéron (1993) define alguns dos critérios de seleção dos “mestres”, entre eles: recomendação por supervisores institucionais, reconhecimento por supervisores universitários e o currículo pessoal, revelando o envolvimento em processos de formação contínua dos seus colegas.

Siedentop e Eldar (1989) caracterizaram o termo “mestria” aplicada ao treino desportivo, perante uma perspectiva comportamentalista, da seguinte forma:

- Maior capacidade de efetuar discriminações mais finas e precisas, melhorando a qualidade de julgamento, que é fundamental no processo de treino;
- Maior capacidade de resposta, detendo uma melhor antecipação e velocidade de reação às situações;
- Um repertório técnico mais sensível e alargado, permitindo uma maior seleção de respostas perante a situação;
- Uma capacidade de analisar a situação para além do imediatismo que o estímulo apresenta procurando encontrar as causas profundas da atividade, dando origem a uma mais adequada resposta;
- Uma independência do planeado, visto que não se apresentam absolutamente circunscritos ao que planearam, mas são capazes de se adaptar aos eventuais condicionalismos, ajustado ao seu comportamento;
- Uma capacidade de autoanálise e crítica da sua própria competência.

2.2 O Treinador

O Treinador deve ser compreendido como o principal responsável ao nível do desenvolvimento, tanto individual como coletivo, da sua equipa, tendo em vista a obtenção do melhor rendimento que permita alcançar o sucesso desportivo (Gouveia et al., 2014).

Gomes et al. (2006) assumem uma grande relevância para o papel do treinador, uma vez que as suas ações implicam não só o ensino das competências ao nível técnico, ao nível tático e ao nível motor, como também produzem um efeito positivo no desenvolvimento psicológico dos atletas. Cunha et al. (2000) referem ainda que a definição de um bom treinador é verificada pela integração de diversas dimensões no seu trabalho, nomeadamente a organização do treino, a apresentação das atividades, a observação e a reação à prestação motora dos seus atletas, como também à criação de um clima positivo.

Reinboth et al. (2004) sugerem que os diferentes contextos sociais, aliados ao comportamento do treinador, desempenham um papel fundamental na formatação das competências físicas, psicológicas e emocionais dos atletas envolvidos. É através das relações que os atletas estabelecem com o contexto, com o conteúdo e com a tarefa, que o treinador encontra verdadeiramente o significado para explicar, para questionar e para motivar (Rosado & Mesquita, 2015).

Côté et al. (1995) desenvolveram uma forma de conceptualizar as variáveis que deviam ser consideradas na projeção de um ambiente de aprendizagem ideal para o Treinador, a partir da criação do modelo do treinador. Este permite identificar o conhecimento operacional e conceptual, a partir da divisão de dois níveis de variáveis: variáveis que afetavam o comportamento do treinador e variáveis que representavam o comportamento do treinador (Côté et al., 1995). As variáveis que afetavam o comportamento do treinador são categorizadas como componentes ambientais, englobando as características pessoais do treinador, as características da equipa, dos atletas e os fatores contextuais (Côté et al., 1995). As variáveis que representavam o comportamento do treinador são classificadas em componentes comportamentais, englobando a competição, o treino e a organização (Côté et al., 1995). Em cada uma das

variáveis, os treinadores apresentavam diferentes funções, mas todas elas inter-relacionadas (Côté et al., 1995).

Como acontece com vários professores especialistas, os treinadores mais experientes têm a capacidade de formar procedimentos contextualizados de resolução de problemas que permitem um maior controlo de determinadas situações mais complexas (Nash & Colins, 2006). O treinador dá a entender que a resolução de um determinado problema é resolvida de forma apropriada, não necessariamente com base em pensamento racional ou raciocínio dedutivo, mas sim por já ter experienciado situações semelhantes no passado e recordando soluções que permitissem ter resolvido a situação (Nash & Colins, 2006).

A experiência do treinador na modalidade que leciona apresenta-se como um fator determinante. Saury et al. (1998) referem que os treinadores experientes, além do seu conhecimento técnico, utilizam as suas experiências pessoais vivenciadas previamente para interpretar o que os atletas estão a experienciar numa determinada situação, de forma a conseguir atuar da maneira mais adequada.

Gilbert e Trudel (2004) verificaram que a experiência prévia dos treinadores de futebol, tanto como atletas, ou como treinadores-adjuntos, permitiu desenvolver capacidades, não só da modalidade em específico, como também da capacidade de poder socializar dentro do meio desportivo, permitindo instruir-se acerca de como o papel do treinador deve ser realizado. Verificou-se também que, enquanto treinador principal, existe uma necessidade de interação com o restante staff técnico, fornecendo situações de partilha e discussão de opiniões, ampliando dessa forma a capacidade de adquirir conhecimento (Gilbert & Trudel, 2004).

Na resolução de problemas, os treinadores mais experientes tendem a resolver de acordo com as informações fornecidas, ao contrário dos treinadores menos experientes, que tendem a eliminar várias hipóteses a partir da tentativa e erro (Nash & Colins, 2006).

Cunha et al. (2010) verificaram diferenças significativas ao nível do treino e competição, na medida em que os treinadores com maior experiência profissional reconheciam menores necessidades de formação para áreas como o planeamento, organização e implementação de planos plurianuais de treino e competição, percecionando um maior domínio de competências no âmbito da orientação e gestão do treino. Desta forma, treinadores com mais experiência tendem a descrever-se como mais

competentes, sendo a experiência apontada pelos próprios como a competência principal para o desenvolvimento profissional (Cunha et al, 2010).

Nash e Colins (2006) afirmam que o poder de decisão é identificado com uma das funções mais importante que definem o treinador. Além do poder de decisão, os autores afirmam que o mais importante não é o executar a decisão, mas sim o executar a decisão correta. A melhoria da tomada de decisão promove um aumento da sua velocidade de execução, permitindo ao treinador transparecer um maior conhecimento técnico e controlo da situação por parte dos atletas (Nash & Colins, 2006).

Numa modalidade desportiva, torna-se ainda mais importante esta capacidade de tomada de decisão por parte do treinador, uma vez que o contexto ambiental está em constante mudança e a velocidade de decisão torna-se essencial para o correto funcionamento de todo o sistema (Nash & Colins, 2006).

Rosado e Mesquita (2015) afirmam que a capacidade de comunicar deve constituir um dos fatores determinantes da eficácia pedagógica no contexto das atividades físicas e também das atividades desportivas. A comunicação possibilita a transmissão de elementos de caráter informativo, mas também apresenta um efeito persuasivo, tanto ao nível do processamento consciente, como ao nível do processamento inconsciente (Rosado & Mesquita, 2015).

Importante referir que a comunicação deve ser vista como a interligação entre as mensagens verbais e não verbais (Rosado & Mesquita, 2015). Ao nível da mensagem verbal deve-se ter em especial atenção o volume da voz, a ressonância, a articulação e a entoação, enquanto ao nível da mensagem não verbal, as características mais importantes são o contato visual, as expressões faciais e também o entusiasmo do preletor (Rosado & Mesquita, 2015).

Ao nível da comunicação, existe uma distinção entre os treinadores com maior e menor experiência ao nível das estratégias de comunicação, identificando-se a clareza da informação e a aplicação do feedback apropriado como essenciais na eficácia do ensino aprendizagem de uma tarefa motora (Werner & Rink, 1987).

2.2.1 O Treinador da Formação

Ao nível do ensino dos atletas mais jovens, o treinador deve apresentar um papel bastante complexo, dependente de diversos fatores contextuais como também das características pessoais dos atletas (Gilbert & Trudel, 2004).

A formação do treinador deve estar orientada para o treinador como sujeito e não apenas como objeto, permitindo-lhe encarar o conhecimento não, exclusivamente, como um instrumento profissional, mas também como um meio de realização pessoal, de forma a conceber a profissão como um projeto de valorização e crescimento pessoal (Gilbert & Trudel, 2004). Cabe ao treinador formar e capacitar os jovens, no respeito pelo saber, saber fazer e saber estar (Garganta et al., 2013).

De acordo com Gilbert e Trudel (2004), algumas das características essenciais de um treinador ligado à formação devem incluir ênfase numa relação alegre com os atletas, desenvolvimento específico da modalidade e foco no desenvolvimento individual do atleta. O treinador, em vez de punir os erros, deve estar devidamente capacitado para os identificar, bem como os enredos que estão na origem da ocorrência, devendo-os aproveitar e fazer desenvolver os atletas (Garganta et al., 2013).

Num estudo de Gilbert et al. (2001), realizado a treinadores de formação das modalidades de hóquei no gelo e futebol, verificou-se que os treinadores devem ter em conta as características dos atletas e o contexto do grupo antes de implementar algum tipo de comportamento de cariz individual. Uma estratégia adequada e eficaz deve ter em conta a idade, o género, o nível de competição e o desenvolvimento físico e cognitivo dos atletas (Gilbert et al., 2001).

Desta forma, treinadores que estejam familiarizados com o processo de ensino das diferentes etapas de formação dos atletas conseguem realizar decisões mais estruturadas sobre que tipo de comportamento devem utilizar, de forma a potenciar tanto o comportamento do próprio atleta, como também da sua performance (Gilbert et al., 2001).

2.3 O Comportamento do Treinador

2.3.1 Instrução

Com a evolução do desporto, existe uma procura constante pelo desenvolvimento das equipas em competição, e também pelo desenvolvimento dos próprios atletas. Esta situação obriga a que o treinador obtenha o conhecimento vasto sobre os processos de intervenção, principalmente ao nível da emissão de informação (Cushion & Jones, 2001). Cushion e Jones (2001) referem que saber o que dizer, bem como o quando e como dizer, são fatores essenciais para o sucesso na intervenção pedagógica do treinador.

Ao nível do processo ensino-aprendizagem, a instrução deve ser vista como de extrema importância, na medida em que permite relacionar a informação fornecida aos objetivos de ensino (Rosado & Mesquita, 2015). Rosado e Mesquita (2015) afirmam que a instrução se torna essencial na estruturação e modificação dos processos de aprendizagem, uma vez que é fulcral para a eficaz aprendizagem dos educandos. A responsabilização do aluno/atleta no cumprimento da tarefa de aprendizagem e a forma como o agente de ensino lida com o erro são duas das orientações pedagógicas fundamentais para a eficácia do processo de instrução (Rosado & Mesquita, 2015).

Rosado et al (2008) afirmam que a informação deve ser concisa para que os atletas possam reter da melhor forma possível, em que o excesso de informação não é útil, uma vez que os atletas não apreendem tudo o que é transmitido, especialmente se a informação é extensiva e se o Treinador não repete a mesma informação várias vezes.

Rosado e Mesquita (2015) afirmam que durante a mensagem imposta pelo treinador, o conteúdo que pretende expor e aquilo que realmente expõe origina uma discrepância entre aquilo que o atleta percebe e aquilo que realmente compreende, podendo originar sucessivas perdas de informação que, de acordo com Rosado et al. (2008), pode chegar aos 60%. Torna-se importante adotar algumas estratégias de comunicação que envolvam a utilização de múltiplos canais de informação, de forma a reduzir a probabilidade de má compreensão, e a capacidade de adaptar a mensagem ao nível de compreensão dos atletas (Rosado & Mesquita, 2015).

De acordo com Rosado e Mesquita (2015) é importante reconhecer a existência de três etapas que permitem garantir a qualidade da informação: uma etapa de instrução, uma etapa de controlo da qualidade dessa informação e uma etapa de reformulação da informação.

Siedentop (1991) afirma que a durante situações de instrução, a informação é normalmente emitida com referência a três momentos: antes do momento de prática, onde se recorre à apresentação da tarefa, explicação e demonstração; durante a prática, com recurso à utilização do feedback; e após o momento de prática, pela análise da prática desenvolvida.

No início da sessão, segundo Siedentop (1991), além de existir um momento de instrução inicial antes do momento de prática, o treinador deve conseguir potenciar um clima motivacional com o grupo de trabalho, apresentando o objetivo da sessão, conseguindo criar uma relação entre a sessão de trabalho e sessões anteriores ou seguintes, apresentar os conteúdos propriamente ditos, apresentar tanto as condições de realização como também algumas regras de organização da sessão, e também ter a percepção se o grupo de trabalho compreendeu a informação transmitida, de forma a não existir nenhum tipo de dúvidas.

O treinador deve ter em atenção o público-alvo a quem vai instruir. Sweeting e Rink (1999) apresentam uma estratégia que perspetiva a criação de momentos de aprendizagem adequados à capacidade dos atletas através da emissão de informação centralizada na intencionalidade dos movimentos, promovendo maior liberdade ao atleta na escolha de respostas.

De acordo com Rosado e Mesquita (2015), os autores sugerem que não existe nenhuma preferência de modelo ideal de apresentação ao nível das atividades físicas e desportivas. Rink (1994) afirma que a escolha do modelo de apresentação deve seguir um conjunto de aspetos, entre os quais a natureza do conteúdo, os objetivos de aprendizagem, as características dos praticantes e a natureza da tarefa motora a ser executada. O autor refere ainda que a quantidade de tempo despendida na apresentação das tarefas está relacionada com a idade do alunos, com os alunos mais novos a realizar o transfer para situações de prática mais rapidamente (Rink, 1994).

Deve-se ter em conta que o momento instrutivo apresenta uma diversidade de comportamentos que podem auxiliar o treinador durante a transmissão de informação

(Rosado & Mesquita, 2015). Rosado e Mesquita (2015) indicam que os comportamentos de caráter verbal, como a explicação, a demonstração e o feedback, e também os de caráter não verbal, estão diretamente associados ao objetivo do ensino- aprendizagem.

2.3.2 Feedback

No término da realização de uma tarefa motora, o atleta deve receber um conjunto de informação que lhe permita compreender como realizou a ação, e também de que forma o seu desempenho deve ser melhorado. A este comportamento do treinador face à resposta motora por parte do atleta dá-se o nome de feedback (Rosado & Mesquita, 2015).

“O feedback resulta, assim, de uma competência de tomada de decisões oportunas com base numa seleção e num processamento de informação pertinente recolhida durante uma observação formal ou informal, envolvendo não só a análise da resposta motora do aluno, mas também do ambiente em que ela se desenvolve” (Rosado & Mesquita, 2015).

O treinador realiza um processo de tomada de decisão em que a prestação do atleta é confrontada com o modelo ideal definido pelo treinador e, deste processo de avaliação, resulta a diferença entre a prestação desejada pelo treinador e a efetivamente realizada pelo atleta, originando uma reflexão sobre a sua natureza e importância, a identificação da causa dessa diferença e a prescrição de uma solução, com a aplicação de um feedback (Hoffman, 1983, citado por Rosado & Mesquita, 2015).

De acordo com Arnold (1981, citado por Rosado & Mesquita, 2015) o conteúdo informativo do feedback pode ser classificado tendo em conta duas categorias: o conhecimento da performance, onde a informação advém da execução do movimento, e o conhecimento do resultado, onde a informação sucede ao resultado pretendido através da realização da tarefa motora.

Ao nível da prática de modalidades desportivas, o feedback informativo centrado no conhecimento da performance é de extrema importância para os atletas, uma vez que estes não têm a capacidade de visualizar a execução do movimento (Magill, 1994). Nesta medida, o movimento realizado pelo atleta deve ser completado de informação externa por parte do treinador (Magill, 1994).

A reação à prestação motora do atleta parece envolver duas fases distintas que, segundo Hoffman (1983, citado por Rosado & Mesquita, 2015) designam-se de fase de diagnóstico e fase de prescrição: a fase diagnóstica, segundo o autor, consiste em identificar o erro, refletir sobre a sua natureza e importância e identificar as suas causas, enquanto a fase de prescrição envolve a organização de um feedback ou a indicação de uma determinada ação que permita resolver uma insuficiência ou incorreção ao nível da atividade motora.

A informação recolhida na reação da atividade motora, segundo Hoffman (1983, citado por Rosado & Mesquita, 2015), vai depender da competência de observação e da identificação dos erros por parte do treinador, mas também na perceção sobre o impacto da performance futura por parte do atleta, determinando as causas e conseguindo providenciar os melhores meios para poder reduzir ou anular as diferenças encontradas. Segundo o autor, este é um processo unitário, envolvendo vários tipos de decisão, realizado em períodos bastante reduzidos, quando realizado em situação de treino (Hoffman, 1983, citado por Rosado & Mesquita, 2015).

Tan (1996) ao comparar o comportamento de feedback entre professores com maior nível de experiência e menor nível de experiência, verificou que as diferenças não se apresentavam ao nível da estrutura do feedback, mas sim ao nível do conhecimento específico de cada treinador, conseguindo utilizar esse conhecimento no uso apropriado de palavras-chaves durante a aplicação do feedback.

Ao nível da frequência do feedback, Rosado e Mesquita (2015) indicam que o mesmo deve ser frequente, na medida em que cada praticante receba algum tipo de informação sobre as suas ações motoras. Os autores afirmam ainda que o feedback deve ser fornecido imediatamente a seguir à execução, na medida em que permite obter informação externa e confrontar com informação da sua própria execução, aumentando assim a sua eficácia (Rosado & Mesquita, 2015).

Já ao nível da emissão do feedback num período de tempo alargado após a realização da ação motora, Rosado (1995, citado por Rosado & Mesquita, 2015) aponta para perda de eficácia, uma vez que os pormenores da execução podem ter sido esquecidos pelos atletas.

Horn (1985) sugere que a perceção dos jovens atletas sobre a sua competência nos vários domínios, entre eles o cognitivo, social e físico, não dependem apenas da sua

performance, mas sim do feedback avaliativo que recebem do treinador face ao seu desempenho.

Quanto ao tipo de feedback, Rosado (1988, citado por Rosado & Mesquita, 2015) indica que o mesmo deve apresentar um caráter auditivo-visual ou auditivo-cinestésico e não apenas de caráter verbal. A variabilidade do tipo de feedback promove a receção da mensagem de diversas formas e por diferentes tipos de canais (Rosado & Mesquita, 2015).

Nas etapas de formação, é bastante usual os atletas não terem o domínio de determinada tarefa motora (Rosado & Mesquita, 2015). No que diz respeito à fase inicial da aprendizagem de uma determinada tarefa, Schmidh (1991) revela que o feedback centrado no conteúdo informativo é de extrema importância, dado o facto de que os atletas necessitem de compreender a forma como o movimento deve ser executado.

O feedback do treinador serve assim como fonte de informação para o jovem atleta, de forma a que o mesmo possa evoluir tanto na sua competência como na habilidade de controlar a sua performance (Smith et al., 1979).

2.3.3 Exposição/Preleção

Ao nível da exposição do conteúdo aos atletas, Rosado e Mesquita (2015) indicam alguns dos critérios de realização que devem ser cumpridos: (1) apenas as informações mais importantes devem ser expostas, de forma a não gerar comportamentos de desatenção e indisciplina; (2) a apresentação da informação deve ser realizada de forma clara, fluída, numa linguagem que os alunos possam entender e num ritmo que lhes permita acompanhar a exposição; (3) a duração da seleção deve ser prevista, sempre quando possível, no planeamento da sessão; (4) os momentos de exposição devem ser previstos no plano de sessão, apresentando as condições de realização como a posição dos atletas e do treinador; (5) organização prévia com o aluno de forma a combinar sinais de sinalização para evitar situações de perda de tempo.

2.3.4 Demonstração

Usar diferentes estratégias instrucionais face à apresentação das tarefas motoras, as habilidades de aprendizagem e o nível de desempenho dos praticantes, tem-se revelado bastante eficaz (Rosado & Mesquita, 2015). A demonstração, em conjunto com a exposição, assume o papel fundamental nas atividades desportivas, uma vez que possibilita a visualização por parte dos praticantes sobre o movimento a realizar (Rink, 1994; Darden, 1997).

Na aprendizagem do movimento, uma demonstração que apresente as condições críticas de realização é vista como mais eficaz, na medida em que o agente de ensino apresenta a informação precisa e correta do movimento (McCullagh & Meyer, 1997). Ao nível da visualização do movimento, as demonstrações completas têm sido mais eficazes face à utilização de demonstrações parciais, uma vez que o observador consegue visualizar a totalidade do movimento de uma só vez (Kwak, 2005).

De acordo com Rosado e Mesquita (2015), alguns dos critérios para a realização da demonstração indicam que: (1) deve ser provida de um planeamento, onde o seu executante deverá ser um bom modelo; (2) deve-se ter em conta a posição e a distância dos observadores, de forma a conseguirem visualizar os elementos técnicos; (3) se necessário, repetir a demonstração até que o observador consiga entender a ação motora; (4) a realização deve ser, sempre que possível, realizada pelos praticantes, de forma a libertar o professor para o foco dos alunos nos critérios relevantes a entender; (5) a velocidade da realização, de maneira geral, deve ser normal, no local e nas condições em que os praticantes a realizarão; (6) a demonstração de aspetos incorretos deve ser realizada por atletas que dominam a ação motora ou pelo treinador, e não por atletas com dificuldades, de forma a evitar a humilhação e o embaraço na realização da ação; (7) informação verbal deve preceder a demonstração, de forma a que visualização dos observadores esteja orientada para os aspetos críticos do movimento; (8) após a realização da demonstração, deve-se ter em conta se os atletas realmente compreenderam as componentes críticas mais importantes.

2.3.5 Questionamento

Após um período de apresentação de informação torna-se necessário verificar se a informação transmitida foi devidamente compreendida. Como forma de avaliação contínua e formativa do processo de ensino do treinador, Rosado e Mesquita (2015) afirmam que o questionamento permite verificar o estado em que os atletas se encontram relativamente aos objetivos pedagógicos, nomeadamente os de carácter cognitivo e sócio afetivo.

Mais do que um comportamento que permite compreender a capacidade de compreensão dos atletas, o questionamento pode ser uma forma bastante benéfica de conseguir criar uma relação saudável com o grupo de trabalho (Rosado & Mesquita, 2015). Questionar os atletas sobre a sua vida pessoal, sobre a sua situação escolar ou sobre os seus interesses e problemas pode ser uma forma de criar laços afetivos (Rosado & Mesquita, 2015).

É frequente, no final da sessão, o treinador reunir com os atletas de forma a reforçar a instrução emitida durante a sessão e também perceber se a informação transmitida foi devidamente compreendida (Rosado et al., 2008).

2.4 Observação Sistemática

Tendo em conta a constante evolução do desporto e o seu crescente interesse, torna-se pertinente diferenciar a atividade pedagógica do treinador, identificando e analisando todas as variáveis que lhe são inerentes (Smith & Cushion, 2006).

Partington e Cushion (2011), de forma a estudar o comportamento do Treinador, demonstraram que os treinadores têm uma capacidade limitada de compreender que comportamentos utilizam e de que forma são utilizados, existindo uma “lacuna epistemológica” entre o conhecimento subjacente e o comportamento do Treinador.

A aprendizagem através da observação e experiência pode promover e reforçar determinadas interpretações ideológicas de prática e conhecimento, resultando numa prática guiada por uma inércia acrítica, onde conhecimentos e comportamentos

desatualizados do Treinador são atualizados e reproduzidos por outros Treinadores (Cushion et al., 2012a).

Os Treinadores necessitam de refletir de forma crítica sobre os seus comportamentos ao invés de reforçar certo tipo de práticas e crenças, desenvolvendo ferramentas que os incentivem a uma autorreflexão e avaliação contínua (Partington et al., 2015).

De forma a conceber um melhor entendimento ao nível micro das interações dos treinadores, a observação sistemática, num primeiro momento, permite identificar os comportamentos utilizados pelo treinadores dentro do seu contexto pedagógico (Potrac et al., 2000).

O papel da observação sistemática no fornecimento de dados sobre os comportamentos do treino foi estabelecida como precursor, para identificar, a partir de metodologias qualitativas, respostas mais específicas do que até à data foi considerado no processo pedagógico do Treinador (Potrac et al., 2000).

Van der Mars (1989) afirma que os benefícios da observação sistemática são claros e eloquentes em relação aos métodos de recolha tradicionais. O autor afirma que este tipo de métodos de recolha mais tradicionais baseiam-se na falta de objetividade, fiabilidade e especificidade, onde as recolhas de observação têm por base a opinião pessoal do observador bem como a sua experiência, resultando um registo de observação pretensioso em vez do que realmente aconteceu (van der Mars, 1989).

A utilização da gravação da sessão parece ser uma ferramenta bastante importante para permitir a reflexão do treinador, principalmente daqueles incapazes de explicar algumas das suas ações (McPherson, 2000). De Marco et al. (1997) defendem que uma observação sistemática das sessões de treino, efetuadas pelos próprios treinadores, melhora na sua intervenção ao nível do treino, aconselhando todos os treinadores a gravarem e observarem as suas próprias sessões.

2.5 Sistema de Observação do Comportamento do Treinador

Um dos estudos pioneiros da observação comportamental do Treinador foi realizado por Tharp e Gallimore (1976, citado por Rodrigues, 1995), onde os autores

observaram um treinador de sucesso da modalidade de basquetebol, John Wooden. O treinador foi observado durante 15 sessões de treino da época desportiva, utilizando-se um sistema de categorias comportamentais.

Os resultados obtidos revelaram que os valores comportamentais mais elevados foram nas categorias de instrução (50,3%) e pressão (12,7%), indicando que o Treinador realiza a sua intervenção no que deve ser realizado e na forma como se deve realizar (Tharp & Gallimore, 1976, citado por Rodrigues, 1995).

Langsdorf (1979, citado por Rodrigues, 1995), desenvolveu o *Coach Behavior Recording Form* (C.B.R.F.). À semelhança do estudo de Tharp e Gallimore (1976, citado por Rodrigues, 1995), realizou uma análise a um treinador de futebol americano de alto nível, Frank Kush, durante 18 sessões de treino da época desportiva.

Neste estudo os resultados revelaram a instrução como a categoria mais utilizada (36%), seguindo-se da categoria reprimenda-reinstrução (12%) (Langsdorf, 1979, citado por Rodrigues, 1995).

Após estes estudos primórdios, começa a surgir a necessidade de categorização do sistema de observação de uma forma mais específica em relação aos comportamentos do Treinador, nomeadamente categorias com elevados valores, como a instrução, a serem definidas de forma mais descritiva (Rodrigues, 1995).

Ainda utilizando o sistema de observação C.B.R.F. (Langsdorf, 1979, citado por Rodrigues, 1995), Segrave e Ciancio (1990) procuram estudar o comportamento de um treinador de formação de futebol americano, comparando o seu perfil comportamental com John Wooden (Tharp & Gallimore, 1976, citado por Rodrigues, 1995) e Frank Kush (Langsdorf, 1979, citado por Rodrigues, 1995). Foram realizadas 20 observações do treino, repartindo-se por cinco períodos da época desportiva.

Os resultados revelaram que os comportamentos mais utilizados pelo treinador foram a instrução (34%), seguindo-se a interação com os atletas (21%) e o elogio (13%) (Segrave & Ciancio, 1990). Verificou-se também que determinadas categorias de comportamentos, nomeadamente a Instrução, a Modelação Positiva e o Questionamento diminuíam ao longo da época desportiva a sua quantidade de utilização, enquanto categorias como a Interação do Treinador e Outros Comportamentos aumentavam ao longo da época desportiva (Segrave & Ciancio, 1990). Quando comparado com os outros treinadores, verificou-se que, apesar de apresentarem a categoria instrução como

comportamento mais utilizado, o treinador em estudo baseava a sua interação em comportamentos de caráter positivo, de forma a motivar os seus atletas, em comparação com John Wooden e Frank Kush que usavam comportamentos negativos como forma de motivação dos seus atletas (Segrave & Ciancio, 1990). Estes dados sugerem uma diferença comportamental dos treinadores face à idade e ao contexto dos atletas envolvidos (Segrave & Ciancio, 1990).

Torna-se visível, no estudo acima referido, uma necessidade em comparar o perfil comportamental do treinador sénior como o perfil comportamental do treinador de formação, numa tentativa de perceber se existem diferenças significativas entre os mesmos. É notório também a preocupação de comparar o perfil comportamental do treinador ao longo dos vários períodos da época desportiva, pressupondo que o seu comportamento é distinto consoante o momento de observação.

Smith et al. (1977) desenvolveram o *Coaching Behavior Assessment System* (C.B.A.S.), que permitia uma codificação do comportamento do treinador durante o contexto de treino e competição. O sistema é composto por 12 categorias de comportamentos, divididas por duas grandes classes: comportamentos de reação e comportamentos espontâneos. Ao nível dos comportamentos de reação, estes são subdivididos em três áreas de observação direcionadas para o comportamento do atleta: performance desejada, erros e mau comportamento. Relativamente aos comportamentos espontâneos, estes são divididos em duas áreas de observação direcionadas para o jogo/competição: comportamentos relacionados com o jogo e comportamentos irrelevantes para o jogo. Ao nível da performance desejada, esta engloba comportamentos de reforço positivo e não reforço. Relativamente à área de observação dos erros, engloba comportamentos como encorajamento contingente ao erro, instrução técnica de contingência ao erro, castigo, punição e ignorância do erro. Quanto ao mau comportamento, esta área engloba unicamente a capacidade de manter o controlo.

Relativamente aos comportamentos espontâneos, dentro da área dos comportamentos relacionados com o jogo, esta engloba o comportamento de instrução técnica geral, o encorajamento geral e a organização, e ao nível da área dos comportamentos irrelevantes para o jogo, destaca-se o comportamento de comunicação geral.

Smith et al. (1979) aplicaram o C.B.A.S a 31 treinadores de basebol, de jovens atletas com idades compreendidas entre os 10 e os 15 anos, durante as primeiras 2 semanas da época desportiva. Verificou-se que os comportamentos mais utilizados

tinham sido o encorajamento geral, o reforço positivo e a instrução técnica geral, enquanto os comportamentos menos utilizados verificavam-se na punição, na capacidade de manter o controlo e no castigo (Smith et al., 1979).

Utilizando o sistema C.B.A.S, Rejeski et al. (1979) verificaram o comportamento de 14 treinadores de basquetebol, de atletas entre os 8 e os 12 anos. Durante 3 semanas, os treinadores avaliaram os atletas quanto à sua habilidade, por ordem de maior e menor expectativa. Os autores concluíram que os atletas com menor expectativa recebiam mais instrução técnica geral e os atletas com maior expectativa recebiam mais reforço, indicando que além de ignorarem os atletas de menor expectativa, os treinadores não conseguiam ajustar as suas reações às capacidades de cada um (Rejeski et al., 1979).

Sherman e Hassan (1986, citado por Rodrigues, 1995), utilizando o sistema de observação C.B.A.S., analisaram 102 treinadores, onde 24 pertenciam ao basebol, 66 ao futebol e 12 ao ténis. O objetivo do estudo passava por descrever o comportamento dos treinadores das diferentes modalidades e identificar as diferenças entre os mesmos, tendo em conta a sua experiência e sucesso (Sherman e Hassan, 1986, citado por Rodrigues, 1995).

Verificou-se que o feedback era a categoria mais importante do estudo, com uma utilização de 30% por parte dos treinadores (Sherman & Hassan, 1986, citado por Rodrigues, 1995). Apurou-se também que os treinadores das equipas com mais derrotas ignoravam mais frequentemente os erros (14,3%), em comparação com os treinadores das equipas vencedoras (12,6%) (Sherman & Hassan, 1986, citado por Rodrigues, 1995). Relativamente à experiência dos treinadores do estudo, os autores registaram diferenças significativas, na medida em que os treinadores com menor experiência ignoram mais frequentemente os erros (11,3%) do que os treinadores mais experientes (6,4%) (Sherman & Hassan, 1986, citado por Rodrigues, 1995).

Na modalidade de basebol, Smith e Smoll (1990), realizaram um estudo a 51 treinadores de jovens atletas com uma idade média de 11 anos, durante, pelo menos, 3 jogos do campeonato, utilizando o sistema de observação C.B.A.S. A instrução técnica geral, o encorajamento geral e o reforço positivo foram os comportamentos mais utilizados pelos treinadores, enquanto a punição, a capacidade de manter o controlo e o castigo apresentaram-se como os comportamentos menos utilizados, indo de acordo aos resultados do estudo de Smith et al. (1979).

Lombardo et al. (1983) conceberam um instrumento de observação do treinador em competição, o *Lombardo Coaching Behavior Analysis System* (L.O.C.O.B.A.S), composto por 5 categorias de comportamento onde, além de apresentarem a capacidade de fornecer dados descritivos relacionados com a quantidade e qualidade da interação do treinador, tinham a capacidade de identificar a direção de determinado comportamento. Durante um intervalo de 5 segundos o comportamento do treinador era observado e registado, como também a direção do próprio comportamento.

As 5 categorias do sistema de observação são compostas por comportamentos de carácter positivo, comportamentos de carácter neutro, comportamentos de carácter negativo, comportamentos interativos e comportamentos não interativos (Lombardo et al., 1983). Relativamente aos comportamentos de carácter positivo, neutro e negativo, é indicado se o comportamento se realiza de forma verbal ou de forma não verbal (Lombardo et al., 1983).

Ao nível da direção do comportamento, é utilizado o prefixo 1 quando a direção do comportamento é para os atletas da equipa do treinador, o prefixo 2 quando é direccionado para o treinador-adjunto, o prefixo 3 quando é dirigido para os oficiais de jogo e o prefixo 4 quando é dirigido para os espetadores, jogadores da equipa adversária ou treinadores da equipa adversária (Lombardo et al., 1983). Quando é necessário descrever um comportamento direccionado apenas para um individuo, utiliza-se prefixo 1 (Lombardo et al., 1983).

Foram observados 38 treinadores de formação de diversas modalidades desportivas, durante um período competitivo. Os resultados do estudo indicaram uma maior utilização de comportamentos de carácter neutro e carácter positivo, ambos do tipo verbal, e uma menor utilização de comportamentos de carácter negativo, tanto do tipo verbal como do tipo não verbal (Lombardo et al., 1983).

Conclui-se que 34% das interações apresentavam um comportamento de carácter positivo, enquanto 6.8% eram de carácter negativo (Lombardo et al., 1983). Ao nível da direção do comportamento, 30% eram direccionados apenas para um atleta específico (Lombardo et al., 1983). Verificou-se também que 49.3% dos comportamentos apresentavam um carácter não interativo (Lombardo et al., 1983).

Lacy e Darst (1985) desenvolveram um novo sistema de observação, o *Arizona State University Observation Instrument* (A.S.U.O.I.). Devido à necessidade de

subdividirem as categorias instrucionais em mais categorias, contêm comportamentos de maior vertente instrucional, na medida em que 7 das 13 categorias de comportamento podem ser classificadas como instrução direta (Lacy & Darst, 1985). O registo de observação é realizado num espaço temporal de 3 a 5 segundos, registando-se posteriormente o comportamento observado.

As categorias que compõem o sistema de observação são: pré-instrução, instrução concorrente, pós-instrução, questionamento, manipulação manual, reforço positivo, reforço negativo, uso do primeiro nome, incentivo, elogio, repreensão, gestão, silêncio e outro tipo de comportamento (Lacy & Darst, 1985).

Os autores utilizaram o sistema de observação A.S.U.O.I. para comparar 10 treinadores de futebol americano do ensino médio ao longo de 3 fases da época desportiva: início da temporada, meio da temporada e final da temporada (Lacy & Darst, 1985).

Os resultados do estudo registaram diferenças significativas nas categorias de elogio, repreensão, instrução e reforço positivo ao longo das 3 fases de observação, onde a instrução foi a categoria mais utilizada pelos treinadores, registando-se valores duas vezes superior a todas as outras categorias utilizadas, em todas as fases de observação (Lacy & Darst, 1985).

Claxton (1998), utilizando o sistema de observação A.S.U.O.I., comparou 9 treinadores de formação de ténis, onde 5 treinadores apresentavam sucesso e 4 eram treinadores sem sucesso na modalidade. Para o critério de sucesso, foi definido o número de vitórias de cada treinador na sua carreira profissional, onde os treinadores de sucesso apresentavam um valor superior a 60% de vitórias, enquanto os treinadores sem sucesso um valor igual ou inferior a 50% (Claxton, 1988).

Verificou-se que a categoria instrução foi a mais utilizada pelos treinadores, com 20% de todos os comportamentos utilizados, seguido de outros comportamentos (15%), gestão (13,5%) e silêncio (13%), enquanto as categorias de outros comportamentos, gestão e silêncio contabilizaram 41,5% de todos os comportamentos observados pelos treinadores (Claxton, 1988). Os resultados apresentaram ainda diferenças significativas ao nível do questionamento, com os treinadores de maior sucesso a utilizarem o questionamento com maior frequência (Claxton, 1988).

Noutro estudo, Lacy (1989, citado por Rodrigues, 1995) observou 12 treinadores de futebol juvenil, onde se verificou valores elevados para os comportamentos de gestão, pré-instrução e elogios, revelando-se ainda uma taxa de 3:1 no ratio entre elogios e reprimendas.

Potrac et al. (2007) observaram 4 treinadores de elite do futebol profissional inglês, utilizando o sistema de observação A.S.U.O.I. Os treinadores, com experiência entre 5 a 20 anos no futebol profissional, foram observados durante 3 momentos da época em contexto de treino.

Os resultados obtidos demonstraram que as componentes relacionadas com a instrução (pré-instrução, instrução concorrente, pós-instrução, questionamento, manipulação manual, reforço positivo e reforço negativo) registaram 59.8% de todos os comportamentos observados, em que 54,5% referem-se apenas à pré-instrução, instrução concorrente e pós-instrução (Potrac et al., 2007). Verificou-se que o rácio do comportamento de elogio e o comportamento de repreensão era substancialmente elevado (23:1), onde o elogio representava 14.4% de todos os comportamentos registados, enquanto a repreensão registava apenas 0.7% (Potrac et al., 2007). Destacou-se ainda o comportamento de silêncio com 14.5% e o comportamento de gestão com 6.2% (Potrac et al., 2007).

Através do mesmo sistema (A.S.U.O.I), Smith e Cushion (2006) observaram 6 treinadores de futebol de formação, de ligas de elite inglesas. Os treinadores apresentavam uma média de 8 anos de experiência como treinador profissional. Foram observados 4 momentos de competição ao longo da época a cada um dos treinadores.

Como resultado do estudo, os autores verificaram que o silêncio, o uso do primeiro nome e o elogio tinham sido os comportamentos mais frequentemente utilizados pelos treinadores, enquanto o reforço negativo, a manipulação manual e o reforço positivo os menos utilizados (Smith & Cushion, 2006).

Os autores concluíram que os treinadores passaram 40.4% do tempo de jogo em silêncio, apenas observando os atletas, funcionando como um “*modus operandi*” intencional (Smith & Cushion, 2006). Estes períodos de silêncio, onde os treinadores realizavam um processo cognitivo de análise do atleta ou da equipa, eram intercalados com algumas instruções verbais, curtas e específicas ou algum tipo de correção (Smith & Cushion, 2006). Desta forma, o silêncio era utilizado como uma ferramenta de

aprendizagem para os atletas na medida em que demasiada intervenção iria afetar a aprendizagem dos mesmos, mas também a demonstração dessa mesma aprendizagem (Smith & Cushion, 2006).

Ford et al. (2010) analisaram o comportamento de 25 treinadores de futebol de equipas jovens durante 70 sessões de treino. De entre os 25 treinadores, 9 estavam associados ao escalão de sub-9, 8 estavam associados ao escalão de sub-13 e 8 estavam associados ao escalão de sub-16. Quanto ao nível da equipa que representavam, 9 treinadores trabalhavam em equipas de elite, 9 treinadores em equipas sub-elite e 7 treinadores em equipas não elite. O sistema de observação utilizado para analisar o comportamento dos treinadores foi o A.S.U.O.I.

Relativamente ao nível da equipa que representavam, os treinadores que orientavam atletas de elite apresentavam valores superiores de repreensão, elogio, encorajamento, silêncio e gestão em comparação com os treinadores de sub-elite e não elite (Ford et al., 2010). Ao nível do escalão dos atletas, não se verificaram diferenças significativas no tipo de comportamento observado, mas sim na frequência de utilização, uma vez que os treinadores do escalão de sub-16 exibiam frequências de comportamentos superiores aos treinadores de sub-13 e sub-9 (Ford et al., 2010).

Rodrigues et al. (1993) de forma a compararem o comportamento de treinadores de Natação e de Voleibol, conceberam o *Sistema de Observação do Comportamento do Treinador* (S.O.T.A). O sistema apresenta-se subdividido em 5 dimensões de intervenção pedagógica, correspondendo a um total de 16 categorias de comportamento, entre as quais:

- Instrução: informação; demonstração; correção; avaliação positiva; avaliação negativa; questionamento;
- Organização: gestão;
- Interação: afetividade positiva; afetividade negativa; pressão; conversas;
- Controlo: observação; atenção às intervenções verbais;
- Atividade: atividade motora; não-atividade motora;
- Outros: outros comportamentos.

Ainda sobre o estudo acima referido, os autores observaram o comportamento dos treinadores em treino das duas modalidades referidas: voleibol e natação e em cada modalidade, registaram duas unidades de treino na tentativa de identificar diferenças no

perfil de comportamento dos treinadores entre as modalidades desportivas (Rodrigues et al., 1993).

Os resultados apresentaram a categoria observação com maior número de utilizações nas duas modalidades (57,6% a 76,5%), seguido da correção, informação, gestão e conversas (valores médios entre 12,9% e 3,1%), e onde as categorias de outros comportamentos apresentaram ocorrências muito reduzidas (Rodrigues et al., 1993). Verificou-se na modalidade de voleibol a valorização dos comportamentos de informação, enquanto na modalidade de natação os treinadores despendiam mais tempo em gestão da atividade e em conversas com dirigentes e elementos estranhos ao treino (Rodrigues et al., 1993).

Alves et al. (1994, citado por Rodrigues, 1995) observaram seis treinadores de ginástica rítmica, com o objetivo de caracterizar o comportamento do treinador no treino prévio à competição. Os autores utilizaram como sistema de observação o S.O.T.A.

Os resultados demonstraram uma predominância da categoria observação silenciosa (44%-57%), seguido das categorias conversas (7%-32%), instrução (3%-26%) e correção (7%-22%) (Alves et al., 1994, citado por Rodrigues, 1995).

Rodrigues (1995), no seu estudo, pretendeu procurar diferenças no comportamento dos treinadores de voleibol de acordo com os objetivos dos treinos, em diferentes momentos da época desportiva. Foram observados 10 treinadores num total de 91 treinos, entre 4 períodos da época desportiva (preparatório, pré-competição, após vitória e após derrota). O sistema de observação utilizado foi o S.O.T.A.

Os resultados do estudo revelaram diferenças significativas nas categorias correção, afetividade positiva, pressão e outros comportamentos (Rodrigues, 1995). Os resultados permitiram ainda ao autor concluir que o treinador apresenta estratégias de intervenção pedagógica em função dos resultados desportivos (Rodrigues, 1995).

Brito (1999) pretendeu comparar o treinador de ginástica artística do sistema educativo com o treinador de ginástica artística do desporto federado, na unidade de treino que antecedia a competição e na unidade de treino posterior à competição. Foram observados 13 treinadores, onde 8 pertenciam a clubes federados e 5 pertenciam ao desporto escolar. O sistema de observação utilizado foi o S.O.T.A.

Verificou-se que os comportamentos mais frequentes dos treinadores de desporto escolar, no treino prévio à competição, foram a Observação (32%), Gestão (22%),

Correção (12,7%), Informação (9,8%) e Pressão (7,4%) (Brito, 1999). Relativamente aos treinos posteriores à competição, os comportamentos mais frequentemente utilizados pelos treinadores foram a Observação (27,4%), Gestão (21,3%), Informação (11,8%), Correção (10%) e Pressão (6,7%) (Brito, 1999).

Comparativamente aos treinadores de clubes federados, os comportamentos mais frequentemente utilizados na unidade de treino prévia à competição foram a Observação (26%), Correção (16,9%), Gestão (14,4%), Conversas (7,1%) e Informação (7,1%), enquanto na unidade de treino posterior à competição, os comportamentos mais utilizados pelos treinadores foram a Observação (27,3%), Correção (19,5%), Gestão (15,2%), Pressão (8%) e Informação (7,1%) (Brito, 1999).

Verificaram-se diferenças significativas nas categorias de Observação e Afetividade Positiva nos treinos realizados previamente à competição, e em relação aos treinos posteriores à competição, verificaram-se diferenças significativas nas categorias Correção e Avaliação Negativa (Brito, 1999)

Utilizando novamente o sistema de observação S.O.T.A, Palma et al. (2004) observaram 10 treinadores de futebol, em que 5 pertenciam à primeira ou segunda liga portuguesa e os outros 5 pertenciam à terceira liga portuguesa. Foram registados 2 treinos de uma semana do período competitivo para cada treinador.

De acordo com os resultados obtidos, existe uma predominância notória das dimensões de controlo (50,5%) e de instrução (34%), enquanto as dimensões de outros comportamentos (0,7%) e atividades (0,15%) revelaram ser os comportamentos menos usuais do perfil de interação do treinador (Palma et al., 2004). Ao nível dos comportamentos, os autores verificaram a existência de diferenças significativas apenas na categoria demonstração, verificando-se ser relativamente superior nos treinadores de terceira liga (Palma et al., 2004). Os autores justificam este resultado com base na necessidade deste tipo de treinadores terem de reforçar mais a instrução técnica, uma vez que os atletas desta liga têm menor experiência e menor nível de prática nos aspetos técnicos e táticos do jogo de futebol (Palma et al., 2004).

Estes resultados indicam que, à exceção da demonstração, os treinadores da primeira e segunda liga possuem um perfil comportamental muito semelhante em relação aos treinadores da terceira liga, não variando em função do contexto competitivo (Palma et al., 2004).

De forma a alargar o desenvolvimento do comportamento do treinador e sua respetiva forma de observação, Johnson e Franks (1991, citado por More & Franks, 1996) desenvolveram o *Coach Analysis Instrument* (C.A.I.). O C.A.I. é um sistema de observação realizado a partir do computador que utiliza uma gravação hierárquica de eventos, o que permite ao observador identificar sequencialmente a natureza de cada comportamento durante um determinado período de tempo, recolher a informação e analisar comportamentos associados às componentes de instrução e organização.

Enquanto a componente organizacional está associada à informação recolhida do comportamento verbal do treinador, englobando a explicação e organização do exercício ou do treino, a componente instrucional refere-se a todas os comportamentos dirigidos pelo treinador, à exceção de informação de carácter organizacional (Johnson & Franks, 1991, citado por More & Franks, 1996).

Ao nível da componente instrucional, o C.A.I. divide-se em 5 níveis, que são registados de forma sequencial. No nível 1, o observador regista a direcção do comportamento, indicando se o mesmo é de carácter individual ou direccionado para o grupo. O nível 2 é registado pelo foco do comportamento, distinguindo-se quanto à natureza técnica da ação. No nível 3, o observador está dependente do tipo de ação observada no nível 2, na medida em que regista o comportamento do treinador face à altura em que a ação técnica decorreu. No nível 4, é selecionado se o comportamento do treinador é acompanhado de demonstração e no nível 5 se utilizou algum tipo de palavras-chave previamente identificadas.

Numa tentativa de modificar o comportamento verbal do treinador, More e Franks (1996) realizaram um estudo com 4 treinadores de futebol. Durante 12 sessões de treino, 3 treinadores recebiam a análise e feedback da sua intervenção a partir do sistema de observação C.A.I, enquanto outro treinador recebia apenas a gravação da sua intervenção, sem nenhum tipo de análise.

Foi possível concluir que, com a utilização do sistema de observação, os comportamentos poderiam ser alterados para valores de referência, desde que o treinador se mantivesse focado e empenhado em modificar os comportamentos previamente identificados (More & Franks, 1996). Ao nível do treinador sem acesso ao sistema de observação, existiriam limitações ao nível da perceção sobre que tipo de comportamentos deveriam ser modificados (More & Franks, 1996). Apesar dos autores concederem mérito

ao treinador, este só conseguiu identificar dois aspetos do comportamento que necessitavam de ser alterados (More & Franks, 1996).

Através da evolução da observação sistemática computadorizada, foi necessário desenvolver um sistema que permitisse detalhar e contextualizar os dados fornecidos a partir do comportamento do treinador, de forma a poder ser aplicado no contexto de treino e no contexto de competição. Desta forma, Cushion et al. (2012b) conceberam o *The Coach Analysis and Interventions System* (C.A.I.S).

Este sistema de observação sistemático contempla 23 comportamentos designados como primários, onde se enquadra o comportamento físico, o feedback, a instrução, o comportamento verbal/ não-verbal, o questionamento e a gestão (Cushion et al., 2012b).

O instrumento de observação tem ainda a capacidade de analisar o comportamento secundário do treinador de uma forma sequencial. englobando a natureza da atividade, o recetor da informação, o timing da transmissão de informação, o conteúdo da informação e a natureza do questionamento/silêncio (Cushion et al., 2012b).

Uma das grandes vantagens adicionais deste sistema de observação prende-se com a distinção das diferentes estruturas de treino e de jogo (Cushion et al., 2012b). A adição deste nível de análise além de permitir o registo da duração do treino e de jogo, permite localizar o comportamento do treinador dentro de cada estrutura, oferecendo uma descrição contextualizada da sua intervenção (Cushion et al., 2012b).

De forma a investigar o comportamento de 11 treinadores de futebol formação de equipas elite inglesas nos diferentes contextos de prática no treino, Partington e Cushion (2011) utilizaram o sistema de observação C.A.I.S. Os treinadores apresentavam uma idade média de 8 anos de experiência, orientando equipas de atletas com idades compreendidas entre os 9 e os 15 anos.

Após a observação das sessões de treino, verificou-se nos resultados obtidos que a instrução tinha sido o comportamento mais utilizado pelos treinadores (42,6%), seguido do feedback (10,7%), dos elogios (9,8%) e do questionamento (7,3%) (Partington & Cushion, 2011). Os treinadores reconheceram a importância do elogio para com os atletas, especialmente após feedback negativo (Partington & Cushion, 2011). Verificou-se um elevado comportamento de elogio em comparação com a repreensão (2.1%) e a punição (0.1%) (Partington & Cushion, 2011).

Partington et al. (2014), realizaram um estudo com 12 treinadores de futebol formação de equipas profissionais inglesas com o objetivo de investigar o efeito do comportamento dos treinadores em atletas de diferentes idades. Foram considerados 6 grupos de atletas tendo em conta a idade, desde os escalões de sub-9 até aos sub-15/16. Cada grupo de atletas era representado por dois Treinadores, onde cada Treinador era observado entre 5 a 9 vezes.

Verificou-se que os treinadores de escalões mais jovens utilizam mais comportamentos de instrução e os treinadores de escalões mais velhos mais comportamentos de questionamento divergente e significativamente mais comportamentos de feedback e punição (Partington et al., 2014). Os autores explicam estes resultados com a necessidade dos atletas mais jovens carecerem de mais informação sobre os objetivos da tarefa em comparação com os atletas mais velhos (Partington et al., 2014).

Na tentativa de verificar o impacto do feedback via observação em 5 treinadores de futebol formação de equipas inglesas, Partington et al. (2015) usaram o sistema de observação C.A.I.S. durante três épocas consecutivas.

Ao longo das três épocas, observou-se que os treinadores diminuíram a quantidade de comportamentos de instrução e feedback e aumentaram o silêncio durante o exercício de treino, e à medida que os atletas iam adquirindo conhecimento e perceção sobre os conteúdos do treino, cada vez menos o treinador necessitava de atuar (Partington et al. 2015). O uso do vídeo permitiu aos treinadores suportarem as decisões dos seus comportamentos além da sua dependência ou auto-perceção, que provaram ser imprecisos, e desenvolver uma maior autoconsciência da forma como realmente se comportam (Partington et al., 2015).

Comparando treinadores de formação da modalidade de futebol quanto à sua formação desportiva nas unidades de treino, Stonebridge e Cushion (2018) utilizaram o C.A.I.S. como sistema de observação.

Os resultados do estudo demonstraram que os comportamentos mais frequentemente utilizados pelos treinadores graduados e não graduados foi a Gestão, com 26,2% e 25,6%, respetivamente, seguidos do Silêncio, com 17,6% para os treinadores graduados e 14,3% para os treinadores não graduados (Stonebridge & Cushion, 2018). Verificou-se ainda que os treinadores não graduados utilizaram significativamente mais

comportamentos de Feedback Negativo Específico, Feedback Negativo Geral e Pós-Instrução do que os treinadores graduados (Stonebridge & Cushion, 2018).

Para analisar a forma como um treinador de futebol de formação estrutura as sessões de treino para a potencialização dos atletas ao longo da época desportiva, O'Connor et al. (2018), utilizando o C.A.I.S. como sistema de observação, realizou um estudo com 34 treinadores, com uma média de 9 anos de experiência, representando equipas em que os atletas compreendiam idades entre os 11 e os 17 anos.

Os resultados demonstraram que a categoria mais utilizada pelos treinadores foi o feedback (32,5%), seguido da instrução (26%), gestão (22,7%) e questionamento (14,6%) (O'Connor et al., 2018).

Num dos estudos mais recentes sobre o comportamento do treinador de futebol formação de equipas elite, Raya-Castellano et al. (2020), utilizando os sistemas de observação C.A.I.S. e A.S.O.U.I., observou 4 treinadores ao nível do processo de treino, cada um deles correspondentes ao escalão de sub-13, sub-14, sub-15 e sub-16.

Observou-se que o comportamento mais despendido por todos os treinadores tinha sido o feedback (38,3% - 52,91%), seguido do silêncio (10,85% - 36,8%), e participação como atleta (7,93% - 20,17%), enquanto os comportamentos menos despendidos tinham sido a repreensão (0,0%) e a punição (0,0%) (Raya-Castellano et al., 2020).

3 Metodologia

3.1 Introdução

Neste capítulo pretendemos descrever os procedimentos metodológicos que levaram à conceção e realização do estudo, entre eles a caracterização da amostra, os procedimentos prévios, os procedimentos de recolha de dados, a criação do sistema de observação, o protocolo de observação, a validade e fiabilidade do sistema de observação e também os métodos estatísticos a serem adotados para o tratamento dos dados.

3.2 Caracterização da Amostra

A amostra foi constituída por sessenta unidades de treinos, divididas de igual forma por três fases da época desportiva. Em cada fase foram observadas dez unidades de treino conjuntas, do Treinador Principal e do Treinador Adjunto, registando um total de trinta unidades de treino observadas por cada Treinador.

Para a realização do estudo foram selecionados dois Treinadores infantojuvenis, Treinador Principal e Treinador Adjunto, pertencentes à mesma equipa técnica, a exercerem funções no escalão de sub-13 (Infantis A).

Os dois Treinadores apresentam habilitações literárias idênticas, com licenciatura em Ciências do Desporto e Mestrado em Treino Desportivo, com especialidade na modalidade de Futebol. Ambos possuem o título profissional de Treinador de Desporto, na modalidade de Futebol, com o grau II, e o respetivo nível UEFA B.

O Treinador Principal conta com mais de treze anos de experiência como Treinador da modalidade e assume funções como Treinador Principal há cinco anos, todos no Sporting Clube de Portugal. O Treinador Principal tem um ano de experiência como Treinador Principal do escalão de sub-13.

O Treinador Adjunto exerce funções no clube, como Treinador Adjunto, à cinco anos, nos escalões de formação, contando com sete anos de experiência como Treinador

da modalidade. O Treinador Adjunto apresenta também um ano de experiência como Treinador Adjunto no escalão de sub-13.

Ambos os Treinadores pertencem à mesma equipa técnica à quatro anos, assumindo sempre os respetivos cargos, alterando-se apenas o escalão de formação no clube.

As características dos respetivos Treinadores que constituem a amostra são apresentados na tabela seguinte:

Tabela 1. Caraterização da Amostra - Função; habilitações literárias e profissionais; anos como treinador; anos na mesma equipa técnica; sessões observadas.

Função	Habilitações Literárias	Habilitações Profissionais	Nº de anos como Treinador	Nº de anos na Função	Funções na mesma equipa Técnica	Sessões observadas
Treinador Principal	Mestrado Treino Desportivo – Modalidade Futebol	Grau II TPTD; UEFA B	13	5	4	30
Treinador Adjunto	Mestrado Treino Desportivo - Modalidade Futebol	Grau II TPTD; UEFA B	7	6	4	30

3.3 Procedimentos

3.3.1 Procedimentos Prévios

Para a realização do estudo foi necessário obter o consentimento informado por parte dos dois Treinadores e respetiva Direção Técnica do Sporting Clube de Portugal. Para tal, foi agendada uma reunião com a finalidade de não só expor o objetivo do estudo, como também apresentar os respetivos procedimentos metodológicos para a sua realização, garantindo a confidencialidade dos dados. Foi informado que a gravação dos

respetivos Treinadores seria realizada em todas as unidades de treino conjuntas da época desportiva, de forma a reduzir o efeito da reatividade.

3.3.2 Procedimentos de Recolha de Dados

Ao nível da recolha de dados, nomeadamente a gravação dos Treinadores, foram utilizados dois formatos distintos. Para o Treinador Principal foi utilizado um gravador de voz colocado à cintura, por dentro do equipamento de treino, de forma a ficar num local onde não influenciasse a sua intervenção. Para o Treinador Adjuto foi utilizado um SmartWatch que permitia a sua gravação da voz, igualmente sem prejudicar a sua intervenção. Ambas as gravações permitiram, com nitidez, ouvir todo o comportamento verbalizado pelos Treinadores durante a unidade de treino.

Como forma de registo do comportamento não verbal dos Treinadores, foi utilizada uma câmara que registava a filmagem da unidade de treino. A câmara era colocada numa torre de filmagem que permitia que o ângulo de gravação fosse o mais elevado e amplo possível, facilitando a visualização dos Treinadores em treino.

As gravações de voz eram iniciadas e concluídas pelos Treinadores, no início e no fim da unidade de treino, respetivamente. A compilação do registo de vídeo com o registo de voz era registada, para cada Treinador, após a unidade de treino, através do programa de edição Camtasia 2019. Cada Treinador ficava assim com a respetiva gravação de voz incorporada no registo de vídeo da unidade de treino.

Para a realização da análise do comportamento dos Treinadores foi utilizado o programa LongoMatch 1.0, que permitiu a inclusão de todas as dimensões e categorias do sistema de observação e posterior codificação. Após codificação, os registos foram importados para o programa Microsoft Excel 2019 (16.0), onde foi realizado o tratamento dos dados.

3.4 Sistema de Observação da Ação do Treinador – S.O.A.T.

Vangucci et al. (1998) referem existir uma tendência para diferenças comportamentais dos treinadores tendo em conta a modalidade desportiva, a idade dos praticantes e a experiência dos treinadores. Já Potrac et al. (2000) refere a necessidade de considerar, para cada modalidade desportiva, as especificidades culturais na elaboração de um sistema de observação.

Tendo conhecimento desde os estudos primórdios do Treinador que o comportamento pode ser modificado através da análise sistemática (Werner e Rink, 1987), o principal objetivo na criação de um sistema de observação assenta no desenvolvimento de uma base de dados de comportamentos selecionados que podem ser alterados ao longo do tempo (More & Franks, 1996) e a capacidade do sistema em distinguir e mensurar os comportamentos cruciais do treinador (Brewer & Jones, 2002).

Para realizar uma comparação entre os comportamentos do Treinador Principal e do Treinador Adjunto ao longo das fases da época desportiva, o sistema de observação necessita de ser o mais sensível possível, de forma que as dimensões mais utilizadas, como a Instrução (Lacy & Darst, 1985; Ford et al., 2010; Partington & Cushion, 2013) e o Feedback (Rink, 1994), possam ser o mais discriminativas possíveis.

Existindo diversas variáveis em causa, entre elas o número, o contexto e a modalidade dos Treinadores em estudo, surgiu a necessidade de construir um instrumento de observação que permitisse analisar, de forma objetiva, válida e fiável, todas essas variáveis.

Desta forma, foi necessário a construção do *Sistema de Observação da Ação Treinador (S.O.A.T.)*. O sistema, apesar de inovador, tem por base outros instrumentos de observação, entre eles o Sistema de Observação do Treinador e do Atleta (SOTA) (Rodrigues et al., 1993), o Coach Analysis and Intervention System (CAIS) (Cushion et al., 2012b) e categorias utilizadas no estudo de Rosado et al. (2008).

O Sistema de Observação da Ação Treinador (S.O.A.T.) é composto por 10 dimensões do comportamento, desdobradas em 27 categorias (Tabela 2). O S.O.A.T. classifica-se como um sistema multidimensional e aberto, uma vez que possibilita a aplicação de vários comportamentos de forma simultânea. De acordo com Cushion et al. (2012b), os treinadores realizam mais do que uma ação ao mesmo tempo, e portanto, os

sistemas de observação devem utilizar uma metodologia que tenha a capacidade de lidar com diferentes níveis de complexidade de forma simultânea.

Além das dimensões e categorias do comportamento acima referidas, o sistema apresenta uma dimensão de *Direção*, onde é possível identificar o recetor do comportamento mencionado pelo Treinador. O recetor do comportamento pode ser o *atleta*, quando o comportamento é realizado apenas para um jogador, o *Grupal*, quando o comportamento é direcionado para um grupo de jogadores, ou *Equipa*, quando o comportamento é dirigido para a totalidade dos atletas presentes em treino.

O sistema apresenta dois métodos de registo, realizados de forma simultânea: um método de registo de ocorrências, que permite contabilizar a frequência de vezes que um determinado comportamento ocorreu, expresso em valores absolutos, e também um método de registo de duração, que viabiliza a contabilização do tempo despendido pelo Treinador na realização do comportamento codificado, expresso no valor temporal de minutos e segundos. A informação proveniente de ambos os registos é posteriormente convertida em valor médio, permitindo realizar comparações entre as diferentes fases de observação.

Relativamente à codificação do sistema, esta realiza-se ao longo de toda a unidade de treino, desde a primeira até à última ação comportamental do Treinador. Toda a informação que não seja emitida pelo Treinador em análise não deverá ser codificada.

Tabela 2. Sistema de Observação da Ação do Treinador (S.O.A.T.).

Instrução	Questionamento	Feedback	Demonstração
Objetivo Condições de Realização Critérios de Êxito Componentes Críticas	Questão Responder à Questão	Feedback Prescritivo Feedback Descritivo Feedback Interrogativo Feedback Avaliativo Feedback Positivo Feedback Negativo	Demonstração Positiva Demonstração Negativa
Comportamentos Verbais/ Não Verbais	Gestão	Conversa	Observação
Humor Encorajar Elogio Punição Repreensão	Gestão da Equipa Técnica Gestão de Atletas	Conversa com Equipa Técnica Conversa com Atletas	Observação
Silêncio	Atividade Motora	Outro Comportamentos	
Silêncio	Atividade Motora	Outros Comportamentos	

No *Sistema de Observação da Ação do Treinador (S.O.A.T)*, as categorias associadas às diferentes dimensões foram definidas da seguinte forma:

- **Instrução**
 - **Objetivo** - Informação sobre o objetivo geral do exercício.
 - **Condições de Realização** - Informação sobre as condições de realização do exercício, bem como os recursos necessários
 - **Crítérios de Êxito** - Informação sobre os critérios de êxito a serem alcançados no exercício.
 - **Componentes Críticas** - Informação sobre as componentes críticas a serem realizadas durante o exercício.

- **Questionamento**
 - **Questão** - O treinador realiza uma questão ao atleta/grupo/equipa de caráter técnico, caráter tático ou outra informação necessária que suporte a realização do exercício ou do treino.
 - **Responder à Questão** - Treinador responde a uma questão realizada pelo atleta, ou a uma questão que o mesmo tenha realizado ao atleta/grupo/equipa.

- **Feedback**
 - **Feedback Prescritivo** - O Treinador oferece uma solução a uma ação realizada previamente. Pode referir algum tipo de erro que o atleta/grupo/equipa deve evitar.
 - **Feedback Descritivo** - O Treinador descreve a forma como o atleta/grupo/equipa realizou determinada ação prévia
 - **Feedback Interrogativo** - O Treinador questiona o atleta/grupo/equipa sobre uma ação realizada previamente.
 - **Feedback Avaliativo** - O treinador avalia o desempenho do atleta/grupo/equipa numa ação realizada previamente.
 - **Feedback Positivo** - O Treinador provém informação positiva sobre a qualidade de uma ação realizada previamente.

- **Feedback Negativo** - O Treinador provém informação negativa sobre a qualidade de uma ação realizada previamente.

- **Demonstração**
 - **Demonstração Positiva** - O treinador, com auxílio de instrução verbal, demonstra a ação a ser executada pelo atleta/grupo/equipa de forma correta.
 - **Demonstração Negativa** - O treinador, com auxílio de instrução verbal, demonstra a ação a ser executada pelo atleta/grupo/equipa de forma incorreta.

- **Comportamentos Verbais/ Não Verbais**
 - **Humor** - Conteúdo de caráter verbal ou não verbal, concebido pelo treinador, para fazer o atleta/grupo/equipa rir ou sorrir.
 - **Encorajar** - Conteúdo de caráter verbal ou não verbal associado ao esforço, proferido pelo treinador, de forma a ativar ou intensificar uma ação a ser realizada.
 - **Elogio** - Conteúdo verbal ou não verbal, proferido pelo Treinador, de forma a demonstrar satisfação pelo atleta/grupo/equipa, que não visa melhorar o desempenho de uma próxima ação a ser realizada.
 - **Punição** - Conteúdo de caráter verbal onde o treinador pune o atleta/grupo/equipa devido a um erro, falta de atenção, ou um fraco desempenho de uma determinada ação durante a realização do exercício ou do treino.
 - **Repreensão** - Conteúdo verbal ou não verbal, proferido pelo Treinador, que demonstra descontentamento pelo atleta/grupo/equipa, e que não visa melhorar o desempenho de uma próxima ação a ser realizada.

- **Gestão**
 - **Gestão da Equipa Técnica** - Gestão realizada pela equipa técnica, podendo estar inserido o próprio treinador, que estando relacionada com

treino, não se encontra diretamente associada ao momento de prática. Tarefas organizativas como organização de grupos, montagem de exercícios, recolha de materiais ou estabelecimento da ordem.

- **Gestão de Atletas** - Gestão realizada pelo(s) atleta(s), com ordem do treinador, que estando relacionada com treino, não se encontra diretamente associada ao momento de prática. Tarefas organizativas como organização de grupos, montagem de exercícios, recolha de materiais ou estabelecimento da ordem.

- **Conversa**

- **Conversa com Equipa Técnica** - O treinador inicia conversa com elemento(s) da equipa técnica, estando esta relacionada com a unidade de treino (organização, desempenho dos atletas) ou sendo de cariz pessoal.
- **Conversa com Atletas** - O treinador inicia conversa com atleta/grupo/equipa, estando esta relacionada com a unidade de treino (organização, desempenho dos atletas) ou sendo de cariz pessoal.

- **Observação**

- **Observação** - Momento em que o Treinador realiza observação sobre o momento de prática, monitorizando o exercício, não proferindo nenhum outro comportamento de carácter verbal ou não verbal. Durante este comportamento deve ser possível, através de suporte visual, identificar o treinador.

- **Silêncio**

- **Silêncio** - Momento em que o Treinador não realiza nenhum comportamento de carácter verbal durante, pelo menos, 3 segundos, e não é possível identificá-lo através de suporte visual.

- **Atividade Motora**

- **Atividade Motora** - O Treinador participa ativamente durante a realização do exercício.

- **Outros Comportamentos**
 - **Outros Comportamentos** - Comportamentos de caráter visual ou auditivo que não foram passíveis de serem registados devido a problemas técnicos, ou que não pertencem a nenhuma das categorias acima expostas.

Importante destacar o caráter comparativo da categoria Feedback Avaliativo, englobando duas outras categorias da dimensão Feedback, nomeadamente o Feedback Positivo e o Feedback Negativo.

3.4.1 Protocolo de Observação

Foi definido que a observação de ambos os Treinadores deveria ser realizada em três fases distintas da época desportiva, com o mesmo número de observações em cada fase (10 observações) e com distâncias temporais idênticas entre as diferentes fases, indo de encontro às recomendações de três sessões de prática observadas para cada Treinador (Brewer & Jones, 2002).

A 1ª fase de observação foi realizada no início da época desportiva, contabilizando as primeiras dez unidades de treino conjuntas do Treinador Principal e do Treinador Adjunto. A observação foi registada desde a unidade de treino nº1 (22/08/201) até à unidade de treino nº 17 (07/10/2021).

A 2ª fase de observação iniciou-se no momento intermédio da época desportiva, com as dez unidades de treino conjuntas a serem registadas desde a unidade de treino nº37 (02/12/2021) até à unidade de treino nº49 (24/01/2022). Registou-se um intervalo de tempo de 20 unidades de treino entre a 1ª e a 2ª fase de observação.

A 3ª e última fase de observação foi concluída com as dez últimas unidades de treino conjuntas da época desportiva, tendo sido registadas desde a unidade de treino nº72

(24/03/2022) até à unidade de treino nº97 (01/06/2022). Registou-se um intervalo de tempo de 23 unidades de treino entre a 2ª e a 3ª fase de observação.

3.5 Validade do Sistema de Observação

A validade de um sistema permite compreender se o mesmo é uma representação precisa das variáveis que pretendem ser mensuráveis (More & Franks, 1996).

Apesar de existirem diversos tipos de validação de instrumentos de observação, entre elas a validade aparente, validade concorrente, validade de construção e validade de conteúdo, o presente estudo utilizou a validade concorrente por peritagem, método utilizado em diversos estudos na área do comportamento do Treinador (More & Franks, 1996; Ford et al., 2010; Cushion et al., 2012b).

A validação concorrente por peritagem pretende que o sistema de observação seja comparado a outros sistemas já validados, através da avaliação por parte de peritos, entre eles o Sistema de Observação do Comportamento do Treinador e do Atleta (Rodrigues et al., 1993), o Coach Analysis and Intervention System (CAIS) (Cushion et al., 2012b) e as dimensões Instrução e Feedback utilizadas no estudo de Rosado et al. (2008).

Devido ao fato do instrumento de observação ser original (S.O.A.T.), realizou-se a validação por um grupo de peritos, entre eles cinco especialistas em Futebol (quatro treinadores de futebol com o nível UEFA B e um treinador com o nível UEFA C, todos com mais de cinco anos de experiência na modalidade) e cinco especialistas na área das Ciências do Desporto (cinco Professores Doutores da Faculdade de Motricidade Humana).

A análise das dimensões e categorias do instrumento de observação foi efetuada por todos os peritos de forma individual, realizando-se da seguinte forma:

1. Entrega do documento de validação do instrumento de observação aos peritos. No documento, os peritos podiam avaliar as diferentes categorias e dimensões do sistema de observação quanto à sua relevância, clareza, simplicidade e ambiguidade;
2. Receção do documento de validação e feedback sobre o mesmo;
3. Síntese de alterações sugeridas pelos peritos;

4. Reformulação do Instrumento de Observação Inicial.

A validação ficou concluída quando os peritos reconheceram que o instrumento representava de forma adequada os objetivos do estudo.

3.6 Fiabilidade do Sistema de Observação

Para garantir que um determinado instrumento de observação possa ser utilizado pelo observador ou por diferentes observadores, é necessário averiguar a sua fiabilidade. Brewer e Jones (2002) referem que a precisão do registo de um determinado comportamento depende da capacidade do instrumento de medida distinguir e mensurar os comportamentos cruciais do treinador.

Para garantir a fiabilidade do sistema de observação, foram utilizados dois métodos: fiabilidade intra observador e fiabilidade inter observador.

3.6.1 Fiabilidade Intra Observador

A fiabilidade intra observador pretende garantir que o mesmo observador, em diferentes momentos de observação, realize uma codificação semelhante dos comportamentos em estudo.

Para este tipo de fiabilidade, foram realizadas duas observações da mesma unidade de treino, pelo mesmo observador, com um intervalo de quinze dias entre cada observação.

Os valores obtidos para todas as categorias foram iguais ou superiores a 85%, de acordo com o Índice de Acordos de Bellack (van der Mars, 1989), aplicados ao registo de ocorrências.

Este índice foi aplicado a todas as categorias do sistema de observação, registando-se valores entre os 85% e os 100%, e uma média de 98,6%, como é possível verificar na tabela 3.

Tabela 3. Fidelidade Intra Observador – Sistema de Observação da Ação do Treinador (S.O.A.T).

Dimensão	Categoria	Recetor	%Fidelidade
Instrução	Objetivo	Individual	-
		Grupal	100%
		Equipa	100%
	Condições de Realização	Individual	100%
		Grupal	100%
		Equipa	100%
	Critérios de Êxito	Individual	93,8%
		Grupal	100%
		Equipa	-
	Componentes Críticas	Individual	98%
		Grupal	100%
		Equipa	-
Questionamento	Questão	Individual	100%
		Grupal	100%
		Equipa	100%
	Responder à Questão	Individual	-
		Grupal	100%
		Equipa	-
Feedback	Feedback Positivo	Individual	100%
		Grupal	100%
		Equipa	-
	Feedback Negativo	Individual	100%
		Grupal	-
		Equipa	-
	Feedback Prescritivo	Individual	98,4%
		Grupal	100%
		Equipa	-
	Feedback Descritivo	Individual	100%
		Grupal	100%
		Equipa	-
Feedback Interrogativo	Individual	100%	
	Grupal	-	
	Equipa	-	
Feedback Avaliativo	Individual	100%	
	Grupal	100%	
	Equipa	-	
Demonstração	Demonstração Positiva	Individual	100%
		Grupal	100%
		Equipa	-
	Demonstração Negativa	Individual	-
		Grupal	-
		Equipa	-
Comportamentos Verbais/Não Verbais	Humor	Individual	100%
		Grupal	100%
		Equipa	-
	Encorajamento	Individual	93,5%
		Grupal	100%
		Equipa	-
	Elogio	Individual	97,7%
		Grupal	100%
		Equipa	-
	Punição	Individual	-
		Grupal	100%

		Equipa Individual	-
	Repreensão	Grupal	85,7%
		Equipa	100%
			-
Gestão	Gestão da Equipa Técnica		88,9%
	Gestão de Atletas		96,3%
	Conversa com Equipa Técnica		100%
Conversa	Conversa com Atletas	Individual	100%
		Grupal	89,5%
		Equipa	100%
Observação	Observação		100%
Silêncio	Silêncio		100%
Atividade Motora	Atividade Motora		-
Outros Comportamentos	Outros Comportamentos		-

Uma vez que as categorias do sistema de observação apresentam um nível de acordo entre os 85% e os 100%, podemos considerar que o observador, independentemente do momento de observação, realiza a codificação de forma idêntica, apresentando valores elevados de fiabilidade.

3.6.2 Fiabilidade Inter Observador

A fiabilidade inter observador pretende garantir que diferentes observadores, utilizando o mesmo sistema de observação, consigam codificar os comportamentos de forma consistente em diferentes momentos de observação.

Para este tipo de fiabilidade, foram realizadas cinco observações da mesma unidade de treino, cada uma por um observador diferente. De salientar que todos os observadores são treinadores da modalidade de Futebol, onde quatro deles possuem o nível UEFA B e um o nível UEFA C.

A fiabilidade foi verificada em todas as categorias do sistema de observação, através do Índice de Acordos de Bellack (van der Mars, 1989), aplicado ao registo de ocorrências, como é possível verificar na tabela 4:

Tabela 4. Fidelidade Inter Observador – Sistema de Observação da Ação do Treinador (S.O.A.T).

Dimensão	Categoria	Recetor	%Fidelidade			
			1v2	2v3	3v4	4v5
Instrução	Objetivo	Individual	-	-	-	-
		Grupal	100%	100%	100%	100%
		Equipa	100%	100%	100%	100%
	Condições de Realização	Individual	87,5%	100%	100%	100%
		Grupal	90,3%	93,3%	96,8%	100%
		Equipa	100%	100%	100%	100%
	Critérios de Êxito	Individual	96,9%	87,9%	96,6%	96,6%
		Grupal	100%	87,5%	100%	87,5%
		Equipa	-	-	-	-
	Componentes Críticas	Individual	98%	90,9%	96,4%	92,5%
		Grupal	100%	100%	100%	100%
		Equipa	-	-	-	-
Questionamento	Questão	Individual	100%	100%	100%	100%
		Grupal	100%	100%	100%	100%
		Equipa	100%	100%	100%	100%
	Responder à Questão	Individual	-	-	-	-
		Grupal	100%	100%	100%	100%
		Equipa	-	-	-	-
Feedback	Positivo	Individual	89,2%	97,1%	100%	91,9%
		Grupal	100%	100%	80%	80%
		Equipa	-	-	-	-
	Negativo	Individual	100%	100%	100%	100%
		Grupal	-	-	-	-
		Equipa	-	-	-	-
	Prescritivo	Individual	91,9%	100%	86,4%	98,5%
		Grupal	100%	100%	100%	100%
		Equipa	-	-	-	-
	Descritivo	Individual	85,7%	85,7%	100%	100%
		Grupal	100%	100%	100%	100%
		Equipa	-	-	-	-
Interrogativo	Individual	100%	100%	100%	100%	
	Grupal	-	-	-	-	
	Equipa	-	-	-	-	
Avaliativo	Individual	90,7%	97,4%	97,4%	95,1%	
	Grupal	100%	100%	100%	100%	
	Equipa	-	-	-	-	
Demonstração	Positiva	Individual	100%	100%	100%	100%
		Grupal	100%	100%	100%	100%
		Equipa	-	-	-	-
	Negativa	Individual	-	-	-	-
		Grupal	-	-	-	-
		Equipa	-	-	-	-
Comportamentos Verbais/Não Verbais	Humor	Individual	100%	100%	85,7%	85,7%
		Grupal	100%	100%	100%	100%
		Equipa	-	-	-	-
	Encorajamento	Individual	94,2%	95,7%	97,1%	89,7%
		Grupal	90,5%	85,7%	100%	94,7%
		Equipa	-	-	-	-
	Elogio	Individual	88%	94%	100%	93,6%
		Grupal	100%	100%	100%	100%
		Equipa	-	-	-	-
	Punição	Individual	-	-	-	-
		Grupal	100%	100%	100%	100%

		Equipa	-	-	-	-
		Individual	100%	85,7%	100%	100%
	Repreensão	Grupal	100%	100%	100%	100%
		Equipa	-	-	-	-
Gestão	Gestão da Equipa Técnica		88,9%	100%	100%	100%
	Gestão de Atletas		100%	93,1%	93,1%	100%
Conversa	Conversa com Equipa Técnica		97,1%	89,7%	94,9%	91,9%
	Conversa com Atletas	Individual	95,2%	86,9%	100%	91,3%
		Grupal	94,7%	94,7%	94,7%	100%
		Equipa	100%	100%	100%	100%
Observação	Observação		95,9%	89,7%	97,4%	96,1%
Silêncio	Silêncio		93,8%	94,1%	90,2%	97,8%
Atividade Motora	Atividade Motora		-	-	-	-
Outros Comportamentos	Outros Comportamentos		-	-	-	-

Verificou-se que os valores das categorias do sistema de observação variaram entre 80% e 100% de acordos, com um valor médio de 97%. Apesar do intervalo de tempo dos valores do teste de fiabilidade inter observador serem relativamente inferiores aos verificados no teste de fiabilidade intra observador (85%-100%), van der Mars (1989) afirma que intervalos de valores entre 80% e 85% de concordância são suficientemente altos, uma vez que a fiabilidade está dependente da complexidade do instrumento.

Os valores mais reduzidos de fiabilidade encontram-se na categoria de feedback positivo, com a direção grupal (80%). Esta situação ocorreu com a codificação de um dos observadores ao registar apenas o comportamento com uma determinada direção, enquanto os outros quatro observadores a registarem duas vezes o comportamento, cada um com direções diferentes. Esta situação já ocorreu previamente no estudo de Cushion et al. (2012b), com o registo incorreto de apenas um comportamento em vez de dois comportamentos com diferentes direções.

3.7 Tratamento dos Dados e Procedimentos Estatísticos

Ao nível do tratamento dos dados. os resultados foram apresentados tendo em conta parâmetros de tendência central (média) e de dispersão (desvio padrão), através do programa IBM SPSS Statistics (versão 28.0).

Não se verificando os pressupostos da distribuição normal em estudo, face ao reduzido número da amostra, foram utilizados apenas testes não paramétricos. Ao nível da análise individualizada dos Treinadores, foi utilizado o teste de Friedman para verificar a existência de diferenças significativas no comportamento de cada Treinador entre as fases de observação e a correção de Bonferroni de medidas emparelhadas para localizar as diferenças, caso necessário. De forma a comparar o comportamento dos dois Treinadores em cada fase de observação, foi utilizado o teste do Wilcoxon. A significância estatística para os testes em estudo foi estabelecida em $p < 0.05$.

4 Apresentação de Resultados

4.1 Introdução

Neste capítulo serão apresentados os resultados do Comportamento dos Treinadores em estudo, ao longo das três fases de observação, em ambos os registos de observação. Serão utilizados os testes não paramétricos de Wilcoxon e de Friedman, da qual irá ser representado o valor de Z e o Qui Quadrado, respetivamente, bem como os valores significativos de erro (p) que lhes correspondem. Será ainda utilizado a correção de Bonferroni, caso necessário, de forma a localizar as diferenças entre as fases de observação. Posteriormente irá proceder-se à discussão dos respetivos resultados e conclusão.

4.2 Comportamento do Treinador Principal e Treinador Adjunto ao longo das fases de observação

4.2.1 Comportamento do Treinador Principal no registo de ocorrências

Relativamente ao registo de ocorrências do Comportamento do TP durante as três fases de observação do estudo, os resultados são apresentados na tabela 5, demonstrando o seu valor médio e desvio padrão em cada fase de observação.

Ao nível das categorias englobadas na dimensão Instrução, foram encontradas diferenças significativas ao nível das Condições de Realização e das Componentes Críticas. Verifica-se, ao nível da categoria Condições de Realização, diferenças significativas quanto ao recetor Equipa ($\chi^2 (2, 10) = 9.722; p = 0.005$), tendo-se registado um valor médio significativamente inferior na FO3 quando comparado com a FO2 ($p = 0.016$), apontando para uma redução da explicação dos exercícios à totalidade dos atletas presentes em treino entre as duas fases.

Na categoria Critérios de Êxito, apesar de terem sido registadas diferenças significativas quanto ao recetor Individual ($\chi^2 (2, 10) = 6.158; p = 0.041$) e ao recetor

Equipa ($\chi^2(2, 10) = 6.421; p = 0.049$), a correção de Bonferroni não foi capaz de localizar essas diferenças entre as fases de observação.

Na categoria Componentes Críticas, foram encontradas diferenças significativas ao nível Individual ($\chi^2(2, 10) = 7.800; p = 0.018$), apresentando-se um valor médio significativamente superior na FO2 ($p = 0.022$) quando comparado com a FO1.

Tabela 5. Resultados do registo de ocorrências, das categorias do Comportamento do Treinador Principal nas 3 Fases de Observação.

Categoria	Recetor	FO1	FO2	FO3
		X±SD	X±SD	X±SD
Objetivo	Individual	0.4±0.84	0.0±0.0	0.0±0.0
	Grupal	3.80±2.66	1.60±1.71	2.10±2.56
	Equipa	0.2±0.63	0.7±1.25	0.10±0.32
Condições de Realização	Individual	11.70±13.94	7.60±3.86	7.90±9.85
	Grupal	27.80±11.67	27.30±13.31	17.80±13.73
	Equipa	0.70±0.82	15.80±12.67*	1.30±2.98
Critérios de Êxito	Individual	5.50±11.21	10.40±9.02	20.40±18.58
	Grupal	3.20±3.16	5.00±5.64	4.30±4.22
	Equipa	0.10±0.32	1.50±2.32	0.20±0.63
Componentes Críticas	Individual	33.60±23.29*	64.20±27.50	45.30±20.47
	Grupal	12.70±10.71	14.50±5.80	6.9±5.20
	Equipa	0.10±0.32	0.30±0.68	0.0±0.0
Questão	Individual	0.5±0.97	0.9±1.10	0.9±1.20
	Grupal	13.10±8.88**	4.60±4.35	1.40±1.35
	Equipa	0.20±0.42	1.20±1.55	0.20±0.63
Responder à Questão	Individual	0.60±1.08	2.80±2.57	1.10±1.85
	Grupal	5.50±5.70 **	1.50±1.51	0.10±0.32
	Equipa	0.10±0.32	0.70±1.16	0.0±0.0
Feedback Positivo	Individual	37.90±13.97**	27.70±13.33	17.00±7.92
	Grupal	3.60±1.90**	2.10±1.73	1.10±0.74
	Equipa	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0
Feedback Negativo	Individual	12.90±5.61	6.30±3.74	8.70±5.25
	Grupal	0.70±1.25	1.0±1.25	0.4±0.70
	Equipa	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0
Feedback Prescritivo	Individual	89.0±34.20	55.20±28.53	50.40±22.72
	Grupal	9.0±8.37**	4.7±2.45	2.10±1.45
	Equipa	0.0±0.0	0.10±0.32	0.0±0.0
Feedback Descritivo	Individual	6.80±3.52**	5.70±3.23	2.90±2.33
	Grupal	0.50±0.71	1.40±1.51	0.20±0.42
	Equipa	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0
Feedback Interrogativo	Individual	2.90±3.11	1.70±2.16	1.80±1.55
	Grupal	0.40±0.70	0.20±0.42	0.10±0.32
	Equipa	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0
Feedback Avaliativo	Individual	50.70±17.55**	34.00±14.21	25.60±11.74
	Grupal	4.30±2.06**	3.10±1.85	1.50±0.85
	Equipa	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0
Demonstração Positiva	Individual	2.10±2.42	0.40±0.97	1.10±1.20
	Grupal	4.60±4.55**	1.90±1.79	0.70±0.82
	Equipa	0.30±0.95	0.60±1.08	0.40±0.84
Demonstração Negativa	Individual	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0
	Grupal	0.10±0.32	0.10±0.32	0.10±0.32

	Equipa	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0
Humor	Individual	9.80±6.83	10.0±6.53	9.80±8,31
	Grupal	3.00±3.74	2.40±2.46	2.30±2.54
	Equipa	0.50±1.58	0.40±0.97	0.0±0.0
Encorajamento	Individual	51.30±17.43	52.50±16.84	38.10±18,91
	Grupal	25.30±13.71**	24.70±15.90*	5.70±4.90
	Equipa	0.0±0.0	1.00±2.31	0.0±0.0
Elogio	Individual	34.70±26.12	30.50±10.85	26.10±16.11
	Grupal	2.90±1.97	2.30±1.57	0.9±0.88
	Equipa	0.10±0.32	0.10±0.32	0.0±0.0
Punição	Individual	0.0±0.0	0.70±1.89	0.30±0.68
	Grupal	0.90±0.99	0.10±0.32	0.10±0.32
	Equipa	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0
Repreensão	Individual	7.90±3.14	5.20±4.32	3.70±2.11
	Grupal	1.80±2.86	1.10±1.66	0.20±0.42
	Equipa	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0
Gestão da Equipa Técnica	-	6.20±2.97	6.90±4.63*	9.40±3.20
Gestão de Atletas	-	21.60±6.11	25.50±13.00	19.90±6.94
Conversa com Equipa Técnica	-	50.10±17.78	42.10±12.22*	56.70±14.41
Conversa com Atletas	Individual	17.90±6.39	25.10±7.30	17.30±9.13
	Grupal	24.10±24.98	16.30±7.212	8.10±5.34
	Equipa	2.40±3.95	3.30±2.75*	0.10±0.32
Observação	-	60.80±18.13	56.30±38.89	85.90±37.52
Silêncio	-	26.50±19.11**	28.30±14.95	51.0±15,12
Atividade Motora	-	0.40±0.52	2.0±4.45	0.30±0.95
Outros Comportamentos	-	1.10±1.37	1.60±2.12	1.40±2.55

*- Diferenças significativas entre FO1 e FO2, $p < 0.05$

*- Diferenças significativas entre FO2 e FO3, $p < 0.05$

** - Diferenças significativas entre FO1 e FO3, $p < 0.05$

Dentro da dimensão Questionamento, foram encontradas diferenças significativas tanto ao nível da categoria Questão, como ao nível da categoria Responder à Questão.

Na categoria Questão, as diferenças significativas foram encontradas ao nível do recetor Grupal ($\chi^2 (2, 10) = 10.205$; $p = 0.004$), com os valores médios do comportamento a serem significativamente inferiores na FO3, quando comparados com a FO1 ($p = 0.005$), diminuindo as questões realizadas a um grupo de atletas entre as duas fases.

Relativamente à categoria Responder à Questão, as diferenças significativas foram novamente encontradas ao nível do recetor Grupal ($\chi^2 (2, 10) = 12.061$; $p < 0.001$), verificando-se uma redução significativa dos valores obtidos na FO3 quando comparado com os obtidos na FO1 ($p = 0.002$), diminuindo novamente as respostas às questões impostas pelo Treinador e pelos atletas entre as duas fases.

Na dimensão Feedback, foram registadas diferenças significativas nas categorias Feedback Positivo, Feedback Prescritivo, Feedback Descritivo e Feedback Avaliativo, não se tendo verificado nenhum tipo de diferenças no Feedback Negativo e Feedback Interrogativo.

Em relação ao Feedback Positivo, foram registadas diferenças significativas ao nível Individual ($\chi^2 (2, 10) = 8.539; p = 0.013$) e Grupal ($\chi^2 (2, 10) = 9.784; p = 0.005$), com uma diminuição significativa dos valores médios entre a FO1 e FO3, tanto ao nível Individual ($p = 0.016$) como ao nível Grupal ($p = 0.011$), apontando para uma maior tendência de utilização da intervenção de carácter positivo sobre as ações bem executadas pelo atleta ou grupo de atletas numa fase inicial da época desportiva.

No Feedback Prescritivo, as diferenças significativas foram verificadas ao nível do recetor Grupal ($\chi^2 (2, 10) = 9.526; p = 0.006$), onde ocorreu uma diminuição significativa do comportamento entre a FO1 e a FO3 ($p = 0.011$), sugerindo uma ocorrência significativa de intervenção de carácter prescritivo sobre as ações realizadas entre vários atletas numa fase inicial da época desportiva.

No Feedback Descritivo, foram encontradas diferenças significativas em relação ao recetor Individual ($\chi^2 (2, 10) = 7.514; p = 0.020$), onde os valores médios da FO3 diminuíram significativamente, quando comparados com a FO1 ($p = 0.030$). Nesta situação, os resultados apontam para elevada ocorrência da descrição da ação realizada de forma incorreta por parte do atleta na fase inicial da época.

Ao nível do Feedback Avaliativo, verifica-se que apresentou diferenças significativas ao nível Individual ($\chi^2 (2, 10) = 7.200; p = 0.030$) e Grupal ($\chi^2 (2, 10) = 10.316; p = 0.004$), tendo-se registado uma diminuição significativa do comportamento da FO1 para a FO3, tanto ao nível Individual ($p = 0.022$) como Grupal ($p = 0.005$). Apurou-se ainda que esta categoria registou diferenças significativas idênticas às verificadas no Feedback Positivo, uma vez que é uma das categorias englobadas no seu registo.

Em relação à dimensão Demonstração, verificou-se apenas diferenças significativas na categoria Demonstração Positiva quanto ao recetor Grupal ($\chi^2 (2, 10) = 8.061; p = 0.014$), onde essas diferenças foram registadas entre a FO1 e FO3 ($p = 0.030$), com uma diminuição significativa da ocorrência do comportamento entre as duas fases, sugerindo

uma maior necessidade de demonstrar corretamente a ação a ser desempenhada, ao nível de um grupo de atletas, numa fase inicial da época desportiva.

Dentro da dimensão Comportamentos Verbais/Não Verbais, apenas se verificaram diferenças significativas na dimensão Encorajamento. Nesta categoria, as diferenças foram registadas ao nível do recetor Grupal ($\chi^2 (2, 10) = 12.600; p < 0.001$), verificando-se uma diminuição significativa dos valores médios do comportamento da FO1 para a FO3 ($p = 0.002$) e da FO2 para a FO3 ($p = 0.022$).

Na categoria Punição, apesar de terem sido verificadas diferenças significativas quanto ao recetor Grupal ($\chi^2 (2, 10) = 8.333; p = 0.016$), a correção de Bonferroni não foi capaz de localizar essas diferenças entre as fases de observação.

Ao nível da dimensão Gestão, foram encontradas diferenças significativas na categoria Gestão da Equipa Técnica ($\chi^2 (2, 10) = 7.400; p = 0.026$). Apesar desta categoria não apresentar recetor do comportamento, verificou-se que a ocorrência do comportamento foi significativamente superior na FO3, quando comparado com a FO2 ($p = 0.042$), verificando-se uma maior necessidade de intervenção do TP na organização do treino e dos diversos elementos da equipa técnica na fase final da época desportiva.

Na dimensão Conversa, ambas as categorias associadas registaram diferenças significativas. Na Conversa com Equipa Técnica ($\chi^2 (2, 10) = 6.200; p = 0.046$), verificou-se um aumento significativo da FO2 para a FO3 ($p = 0.042$), enquanto na Conversa com Atletas, as diferenças significativas ocorreram ao nível do recetor Equipa ($\chi^2 (2, 10) = 9.588; p = 0.005$), com uma diminuição significativa da FO2 para a FO3 ($p = 0.016$). Verifica-se que entre a FO2 e a FO3, à medida que a conversa com a totalidade dos atletas em treino diminui, a conversa com os diversos elementos da equipa técnica aumenta.

Verificou-se ainda diferenças significativas na categoria Silêncio ($\chi^2 (2, 10) = 7.400; p = 0.026$), onde a ocorrência de utilização do comportamento aumentou significativamente da FO1 para a FO3 ($p = 0.042$), sugerindo, apesar de não se verificar no registo de vídeo, maior recorrência de comportamentos não ativos em treino, apresentando uma maior necessidade de visualização dos atletas na realização dos exercícios de treino na fase final da época, comparativamente com a fase inicial.

4.2.2 Comportamento do Treinador Adjunto no registo de ocorrências

Ao nível do Comportamento do TA, os resultados do registo de ocorrências durante as três fases de observação são apresentados na tabela 6, tendo em conta o seu valor médio e respetivo desvio padrão em cada fase de observação.

Verifica-se que, de todas as categorias do Comportamento observadas para o TA, apenas os Critérios de Êxito apresentam diferenças significativas, nomeadamente ao nível do recetor Individual ($\chi^2(2, 10) = 10.205$; $p = 0.004$). Verifica-se ainda que existe um aumento significativo entre a FO1 e a FO3 ($p = 0.002$), sugerindo um aumento do número de ocorrências na instrução quanto à forma de chegar ao sucesso do exercício, quando o comportamento é direcionado para apenas um atleta, da fase inicial para a fase final da época.

Tabela 6. Resultados do registo de ocorrências, das categorias do Comportamento do Treinador Adjunto nas 3 Fases de Observação.

Categoria	Recetor	FO1	FO2	FO3
		X ± SD	X±SD	X±SD
Objetivo	Individual	0.50±0.71	0.60±1.58	0.20±0.63
	Grupal	1.90±2.56	0.40±0.70	0.60±1.08
	Equipa	0.10±0.32	0.0±0.0	0.0±0.0
Condições de Realização	Individual	15.0±16.57	13.50±8.13	16.20±5.27
	Grupal	27.20±22.98	20.80±17.38	28.0±14.95
	Equipa	0.20±0.63	1.80±3.16	0.0±0.0
Critérios de Êxito	Individual	1.0±2.54 **	3.10±2.89	12.40±8.29
	Grupal	0.80±1.55	2.30±2.21	3.70±3.40
	Equipa	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0
Componentes Críticas	Individual	22.60±18.67	35.60±22.73	42.40±14.18
	Grupal	7.30±7.78	6.30±9.53	6.20±5.02
	Equipa	0.0±0.0	0.20±0.63	0.0±0.0
Questão	Individual	0.80±1.14	1.00±1.41	2.60±2.37
	Grupal	6.89±6.39	2.00±1.63	3.00±3.30
	Equipa	0.0±0.0	0.40±1.27	0.0±0.0
Responder à Questão	Individual	0.80±1.14	1.70±1.89	2.30±2.67
	Grupal	2.60±4.12	0.20±0.42	0.50±0.97
	Equipa	0.10±0.32	0.0±0.0	0.0±0.0
Feedback Positivo	Individual	13.10±11.26	21.70±10.70	13.60±6.06
	Grupal	1.30±1.34	0.80±1.48	1.80±1.75
	Equipa	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0
Feedback Negativo	Individual	9.0±7.38	3.40±3.66	6.30±4.03
	Grupal	1.80±1.69	0.70±0.82	1.80±3.08
	Equipa	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0
Feedback Prescritivo	Individual	76.80±37.90	34.90±21.90	45.70±13.05
	Grupal	7.70±5.10	3.80±3.65	4.10±3.51
	Equipa	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0
Feedback Descritivo	Individual	4.60±3.44	2.10±1.97	5.10±3.57

	Grupal	0.30±0.68	0.50±0.71	0.80±0.92
	Equipa	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0
Feedback Interrogativo	Individual	2.20±3.05	2.70±3.80	4.60±2.17
	Grupal	0.60±0.70	0.60±1.08	0.40±0.512
	Equipa	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0
Feedback Avaliativo	Individual	30.70±17.42	16.50±14.57	19.90±7.53
	Grupal	3.10±1.60	1.50±2.01	3.60±4.20
	Equipa	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0
Demonstração Positiva	Individual	0.90±1.29	1.50±1.35	1.70±3.02
	Grupal	2.80±3.97	1.0±1.41	2.40±2.80
	Equipa	0.0±0.0	0.1±0.32	0.0±0.0
Demonstração Negativa	Individual	0.0±0.0	0.0±0.0	0.10±0.32
	Grupal	0.30±0.68	0.0±0.0	0.20±0.63
	Equipa	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0
Humor	Individual	22.50±15.39	22.0±8.97	21.0±13.43
	Grupal	5.60±8.07	6.80±8.88	4.80±4.19
	Equipa	0.10±0.32	0.20±0.63	0.0±0.0
Encorajamento	Individual	53.40±19.96	32.80±20.28	33.50±14.88
	Grupal	14.70±12.76	17.70±17.91	8.40±7.26
	Equipa	0.0±0.0	0.5±0.97	0.0±0.0
Elogio	Individual	23.70±17.58	23.50±19.36	33±14.70
	Grupal	2.30±2.45	1.20±1.75	2.60±2.27
	Equipa	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0
Punição	Individual	0.10±0.32	0.0±0.0	0.0±0.0
	Grupal	0.20±0.63	0.40±1.27	0.90±2.03
	Equipa	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0
Repreensão	Individual	9.90±4.53	8.10±4.28	5.40±2.99
	Grupal	1.60±1.96	1.20±1.32	0.60±0.70
	Equipa	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0
Gestão da Equipa Técnica	-	7,60±4.93	5.10±2.33	8.80±3.05
Gestão de Atletas	-	20±4.42	25.10±7.20	20±10.42
Conversa com Equipa Técnica	-	44.20±13.34	53.70±16.17	55.90±20.52
Conversa com Atletas	Individual	23.10±10.24	39.10±17.52	24.10±6.08
	Grupal	18.20±17.11	21.60±17.44	11.20±4.32
	Equipa	2.60±5.23	1.10±1.73	0.0±0.0
Observação	-	40.10±29.12	38.50±17.92	69.10±31.79
Silêncio	-	16.70±14.13	29.00±19.55	37.70±15.88
Atividade Motora	-	2.20±2.39	2±4.64	2.40±2.41
Outros Comportamentos	-	1.70±2.54	1.70±2.16	0.40±0.94

** - Diferenças significativas entre FO1 e FO3, $p < 0.05$

Apurou-se ainda diferenças significativas nas categorias Critérios de Êxito ao nível do recetor Grupal ($\chi^2 (2, 10) = 7.371; p = 0.022$), Feedback Interrogativo ao nível Individual ($\chi^2 (2, 10) = 6.412; p = 0.040$) e na Observação ($\chi^2 (2, 10) = 6.000; p = 0.048$). Novamente, a realização da correção de Bonferroni não foi eficaz na localização das diferenças entre as fases de observação.

4.2.3 Comportamento do Treinador Principal no registo de duração

Relativamente ao registo de duração, é possível verificar na tabela 7, os resultados do TP durante as três fases de observação, através do valor médio e desvio padrão de cada fase.

Ao nível da dimensão Instrução, verificaram-se diferenças significativas apenas na categoria Condições de Realização, nomeadamente ao nível do recetor Equipa ($\chi^2 (2, 10) = 9.722; p = 0.005$). Apurou-se que ocorreu uma diminuição significativa da dispendiosidade do comportamento da FO2 para a FO3 ($p = 0.016$), sugerindo uma diminuição do tempo despendido na explicação do exercício a todos os atletas presentes em treino por parte do TP entre a fase intermédia e a fase final da época. A mesma situação ocorreu ao nível do registo de ocorrências, entre as mesmas fases de observação.

Na categoria Critérios de Êxito, apesar de se ter verificado a existência de diferenças significativas ao nível do recetor Equipa ($\chi^2 (2, 10) = 6.421; p = 0.049$), a correção de Bonferroni não revelou a localização das diferenças do comportamento entre as fases de observação.

Tabela 7. Resultados do registo de duração, das categorias do Comportamento do Treinador Principal nas 3 Fases de Observação.

Categoria	Recetor	FO1	FO2	FO3
		X ± SD	X±SD	X±SD
Objetivo	Individual	0:00:02±0:00:04	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00
	Grupal	0:00:34±0:00:28	0:00:11±0:00:11	0:00:12±0:00:16
	Equipa	0:00:00±0:00:02	0:00:05±0:00:09	0:00:00±0:00:01
Condições de Realização	Individual	0:00:41±0:00:45	0:00:29±0:00:15	0:00:31±0:00:30
	Grupal	0:04:18±0:01:29	0:03:18±0:01:43	0:02:20±0:01:49
	Equipa	0:00:07±0:00:11	0:01:37±0:00:58*	0:00:17±0:00:37
Critérios de Êxito	Individual	0:00:20±0:00:43	0:00:34±0:00:36	0:01:15±0:01:08
	Grupal	0:00:17±0:00:18	0:00:28±0:00:30	0:00:18±0:00:18
	Equipa	0:00:00±0:00:01	0:00:12±0:00:19	0:00:01±0:00:03
Componentes Críticas	Individual	0:01:44±0:01:08	0:03:08±0:01:17	0:02:12±0:01:03
	Grupal	0:00:55±0:00:43	0:00:49±0:00:21	0:00:22±0:00:17
	Equipa	0:00:02±0:00:07	0:00:01±0:00:03	0:00:00±0:00:00
Questão	Individual	0:00:03±0:00:06	0:00:03±0:00:04	0:00:06±0:00:11
	Grupal	0:01:31±0:01:00**	0:00:23±0:00:25	0:00:08±0:00:09
	Equipa	0:00:01±0:00:02	0:00:06±0:00:08	0:00:00±0:00:02
Responder à Questão	Individual	0:00:03±0:00:06	0:00:14±0:00:11	0:00:04±0:00:09
	Grupal	0:00:32±0:00:28**	0:00:08±0:00:10	0:00:00±0:00:02
	Equipa	0:00:00±0:00:01	0:00:04±0:00:06	0:00:00±0:00:00
Feedback Positivo	Individual	0:01:58±0:00:52	0:01:27±0:00:38	0:01:07±0:00:32
	Grupal	0:00:10±0:00:06	0:00:07±0:00:05	0:00:03±0:00:02
	Equipa	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00

Feedback Negativo	Individual	0:00:42±0:00:17	0:00:22±0:00:14	0:00:36±0:00:23
	Grupal	0:00:02±0:00:04	0:00:03±0:00:03	0:00:01±0:00:03
	Equipa	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00
Feedback Prescritivo	Individual	0:06:06±0:02:29	0:03:40±0:01:54	0:03:35±0:01:44
	Grupal	0:00:38±0:00:36*	0:00:22±0:00:11	0:00:09±0:00:06
	Equipa	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00
Feedback Descritivo	Individual	0:00:29±0:00:16*	0:00:22±0:00:13	0:00:11±0:00:10
	Grupal	0:00:02±0:00:03	0:00:05±0:00:06	0:00:00±0:00:01
	Equipa	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00
Feedback Interrogativo	Individual	0:00:12±0:00:12	0:00:06±0:00:08	0:00:07±0:00:07
	Grupal	0:00:02±0:00:05	0:00:00±0:00:01	0:00:00±0:00:01
	Equipa	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00
Feedback Avaliativo	Individual	0:02:46±0:00:49	0:01:59±0:00:46	0:01:50±0:00:53
	Grupal	0:00:14±0:00:06*	0:00:11±0:00:06	0:00:05±0:00:03
	Equipa	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00
Demonstração Positiva	Individual	0:00:13±0:00:18	0:00:03±0:00:08	0:00:06±0:00:07
	Grupal	0:01:36±0:01:42**	0:00:22±0:00:30	0:00:10±0:00:12
	Equipa	0:00:16±0:00:52	0:00:16±0:00:26	0:00:15±0:00:33
Demonstração Negativa	Individual	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00
	Grupal	0:00:00±0:00:01	0:00:00±0:00:01	0:00:00±0:00:01
	Equipa	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00
Humor	Individual	0:00:45±0:00:37	0:00:44±0:00:28	0:00:45±0:00:40
	Grupal	0:00:14±0:00:21	0:00:11±0:00:12	0:00:12±0:00:13
	Equipa	0:00:02±0:00:07	0:00:03±0:00:10	0:00:00±0:00:00
Encorajamento	Individual	0:03:20±0:01:18	0:03:09±0:01:03	0:02:22±0:01:14
	Grupal	0:01:43±0:00:53*	0:01:48±0:01:24*	0:00:21±0:00:19
	Equipa	0:00:00±0:00:00	0:00:03±0:00:09	0:00:00±0:00:00
Elogio	Individual	0:01:54±0:01:23	0:01:39±0:00:32	0:01:30±0:00:56
	Grupal	0:00:10±0:00:06	0:00:08±0:00:05	0:00:03±0:00:03
	Equipa	0:00:00±0:00:02	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00
Punição	Individual	0:00:00±0:00:00	0:00:02±0:00:06	0:00:01±0:00:02
	Grupal	0:00:05±0:00:07	0:00:00±0:00:01	0:00:00±0:00:01
	Equipa	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00
Repreensão	Individual	0:00:31±0:00:11	0:00:18±0:00:14	0:00:15±0:00:09
	Grupal	0:00:07±0:00:01	0:00:04±0:00:06	0:00:00±0:00:01
	Equipa	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00
Gestão da Equipa Técnica	-	0:00:50±0:00:25	0:01:00±0:00:38	0:01:13±0:00:29
Gestão de Atletas	.	0:03:08±0:00:45	0:04:47±0:01:31	0:02:32±0:01:08
Conversa com Equipa Técnica	.	0:10:24±0:05:23	0:09:29±0:03:46	0:12:59±0:07:12
Conversa com Atletas	Individual	0:02:15±0:00:52	0:03:30±0:02:53	0:01:54±0:00:58
	Grupal	0:02:17±0:01:40	0:01:54±0:00:52	0:01:05±0:00:53
	Equipa	0:01:20±0:01:37	0:00:38±0:01:02*	0:00:00±0:00:00
Observação	.	0:09:24±0:03:19	0:09:38±0:09:57	0:15:25±0:07:02
Silêncio	.	0:04:22±0:03:01**	0:04:40±0:03:19*	0:11:40±0:03:53
Atividade Motora	.	0:03:15±0:06:43	0:05:57±0:18:28	0:00:58±0:03:04
Outros	.	0:00:24±0:00:36	0:00:25±0:00:33	0:01:33±0:03:37
Comportamentos	.			

*- Diferenças significativas entre FO2 e FO3, $p < 0.05$

** - Diferenças significativas entre FO1 e FO3, $p < 0.05$

Na dimensão Questionamento, verificou-se diferenças significativas tanto ao nível da categoria Questão ($\chi^2 (2, 10) = 11.400; p = 0.002$), como da categoria Responder à

Questão ($\chi^2 (2, 10) = 9.325; p = 0.005$), relativamente ao recetor Grupal. Apurou-se ainda que ocorreu uma diminuição significativa da dispendiosidade dos comportamentos entre a FO1 e a FO3, tanto ao nível da Questão ($p = 0.016$) como ao nível do Responder à Questão ($p = 0.002$), indo de encontro ao verificado no registo de ocorrências.

Ao nível das categorias englobadas na dimensão Feedback, verifica-se que o Feedback Prescritivo, Feedback Descritivo e Feedback Avaliativo apresentam diferenças significativas entre as fases de observação do TP.

No Feedback Prescritivo, as diferenças ocorrem quanto ao recetor Grupal ($\chi^2 (2, 10) = 8.162; p = 0.013$), apresentando-se uma diminuição significativa da dispendiosidade do comportamento da FO1 para a FO3 ($p = 0.030$), indo de encontro ao verificado no registo de ocorrências.

No Feedback Descritivo, as diferenças registaram-se ao nível Individual ($\chi^2 (2, 10) = 7.400; p = 0.026$), onde se verificou um decréscimo significativo dos valores comportamentais da FO1 para a FO3 ($p = 0.042$), indo novamente de encontro ao verificado no registo de ocorrências.

Quanto ao Feedback Avaliativo, as diferenças foram significativas ao nível Grupal ($\chi^2 (2, 10) = 8.600; p = 0.012$), onde se verificou novamente um decréscimo significativo dos valores do comportamento da FO1 para a FO3 ($p = 0.011$). Apesar de ir de encontro ao registo de ocorrências ao nível do recetor Grupal, verificou-se disparidade entre os dois registos ao nível do recetor Individual.

Ainda que se tenham verificado diferenças na categoria Feedback Positivo ao nível do recetor Grupal ($\chi^2 (2, 10) = 5.895; p = 0.048$), não foi possível, novamente, localizar as diferenças entre as fases de observação através da correção de Bonferroni.

Englobado na dimensão Demonstração, verificou-se diferenças significativas na Categoria Demonstração Positiva ao nível do recetor Grupal ($\chi^2 (2, 10) = 7.789; p = 0.018$), tendo-se verificado uma diminuição significativa dos valores temporais do comportamento da FO1 para a FO3 ($p = 0.042$), apresentando um registo idêntico ao verificado no registo de ocorrências.

Dentro das categorias englobadas na dimensão Comportamentos Verbais/Não Verbais, apenas o Encorajamento apresentou diferenças significativas ao nível Grupal ($\chi^2 (2, 10) = 12.600; p < 0.001$), registando um decréscimo significativo dos valores do comportamento da FO1 para a FO3 ($p = 0.002$), e da FO2 para a FO3 ($p = 0.022$),

sugerindo um decréscimo da dispendiosidade do comportamento desde a fase de observação inicial e intermédia para a fase final da época, quando o comportamento é direcionado para um grupo de atletas, indo novamente de encontro ao verificado no registo de ocorrências.

Novamente, apesar de se ter verificado diferenças significativas ao nível do recetor Grupal para as categorias Elogio ($\chi^2(2, 10) = 6.684; p = 0.036$) e Punição ($\chi^2(2, 10) = 9.579; p = 0.008$), categorias englobadas na dimensão Comportamentos Verbais/Não Verbais, a correção de Bonferroni não foi capaz de localizar as diferenças entre as fases de observação.

Relativamente às categorias englobadas na dimensão Conversa, foram encontradas diferenças significativas na Conversa com Atletas, quanto ao nível do recetor Equipa ($\chi^2(2, 10) = 8.882; p = 0.008$). Destacou-se uma diminuição significativa dos valores temporais do comportamento da FO2 para a FO3 ($p = 0.030$), indo de encontro ao verificado no registo de ocorrências.

Registou-se ainda, ao nível do registo de duração do TP, diferenças significativas na categoria Silêncio ($\chi^2(2, 10) = 15.000; p < 0.001$), verificando-se um aumento significativo dos valores da FO1 para a FO3 ($p < 0.001$) e da FO2 para a FO3 ($p < 0.001$), destacando-se, novamente, diferenças entre fases de observação idênticas às verificadas no registo de ocorrências.

4.2.4 Comportamento do Treinador Ajunto no registo de duração

Através da tabela 8, é possível observar os resultados obtidos para o TA, ao nível do registo de duração, nas três fases de observação, representados pelo valor médio e o respetivo desvio padrão de cada fase de observação.

Tabela 8. Resultados do registo de duração, das categorias do Comportamento do Treinador Ajunto nas 3 Fases de Observação.

Categoria	Recetor	FO1	FO2	FO3
		X ± SD	X ± SD	X ± SD
Objetivo	Individual	0:00:01±0:00:02	0:00:03±0:00:07	0:00:01±0:00:03
	Grupal	0:00:13±0:00:19	0:00:02±0:00:03	0:00:02±0:00:05
	Equipa	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00
	Individual	0:01:01±0:01:02	0:01:01±0:00:34	0:01:17±0:00:35

Condições de Realização	Grupal	0:03:48±0:02:37	0:03:13±0:02:18	0:04:24±0:2:23
	Equipa	0:00:02±0:00:08	0:00:07±0:00:15	0:00:00±0:00:00
CrITÉrios de Êxito	Individual	0:00:03±0:00:08**	0:00:13±0:00:12	0:00:51±0:00:40
	Grupal	0:00:05±0:00:07	0:00:12±0:00:12	0:00:14±0:00:13
Componentes Críticas	Equipa	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00
	Individual	0:01:22±0:01:19	0:01:56±0:01:08	0:02:03±0:00:48
Questão	Grupal	0:00:31±0:00:31	0:00:21±0:00:39	0:00:19±0:00:15
	Equipa	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:02	0:00:00±0:00:00
Responder à Questão	Individual	0:00:04±0:00:07	0:00:04±0:00:07	0:00:12±0:00:11
	Grupal	0:00:45±0:00:55*	0:00:09±0:00:07	0:00:19±0:00:27
Feedback Positivo	Equipa	0:00:00±0:00:00	0:00:01±0:00:06	0:00:00±0:00:00
	Individual	0:00:05±0:00:08	0:00:07±0:00:07	0:00:13±0:00:20
Feedback Negativo	Grupal	0:00:14±0:00:22	0:00:00±0:00:01	0:00:01±0:00:03
	Equipa	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:01	0:00:00±0:00:00
Feedback Prescritivo	Individual	0:01:00±0:00:35	0:00:37±0:00:33	0:00:50±0:00:22
	Grupal	0:00:03±0:00:03	0:00:02±0:00:04	0:00:07±0:00:08
Feedback Descritivo	Equipa	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00
	Individual	0:00:30±0:00:30	0:00:12±0:00:12	0:00:30±0:00:19
Feedback Interrogativo	Grupal	0:00:06±0:00:06	0:00:02±0:00:02	0:00:07±0:00:13
	Equipa	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00
Feedback Avaliativo	Individual	0:05:24±0:03:05	0:02:37±0:01:44	0:03:29±0:01:06
	Grupal	0:00:31±0:00:21	0:00:20±0:00:22	0:00:17±0:00:15
Demonstração Positiva	Equipa	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00
	Individual	0:00:20±0:00:17	0:00:09±0:00:10	0:00:22±0:00:16
Demonstração Negativa	Grupal	0:00:01±0:00:02	0:00:01±0:00:02	0:00:03±0:00:03
	Equipa	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00
Humor	Individual	0:00:14±0:00:22	0:00:16±0:00:25	0:00:25±0:00:18
	Grupal	0:00:02±0:00:03	0:00:03±0:00:05	0:00:03±0:00:05
Encorajamento	Equipa	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00
	Individual	0:01:34±0:00:59	0:00:54±0:00:49	0:01:26±0:00:31
Elogio	Grupal	0:00:10±0:00:05	0:00:05±0:00:06	0:00:16±0:00:19
	Equipa	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00
Punição	Individual	0:00:09±0:00:19	0:00:14±0:00:15	0:00:17±0:00:29
	Grupal	0:01:02±0:01:30	0:00:23±0:00:34	0:01:15±0:01:27
Repreensão	Equipa	0:00:00±0:00:00	0:00:03±0:00:12	0:00:00±0:00:00
	Individual	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00
Gestão da Equipa Técnica	Grupal	0:00:02±0:00:04	0:00:00±0:00:00	0:00:01±0:00:03
	Equipa	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00
Gestão de Atletas	Individual	0:01:44±0:01:22	0:01:42±0:00:39	0:01:41±0:01:04
	Grupal	0:00:27±0:00:44	0:00:39±0:00:36	0:00:23±0:00:22
Conversa com Equipa Técnica	Equipa	0:00:00±0:00:00	0:00:01±0:00:04	0:00:00±0:00:00
	Individual	0:03:20±0:01:25	0:02:02±0:01:16	0:02:05±0:01:03
Conversa com Equipa Técnica	Grupal	0:00:58±0:00:53	0:01:06±0:01:18	0:00:34±0:00:32
	Equipa	0:00:00±0:00:00	0:00:01±0:00:03	0:00:00±0:00:00
Conversa com Equipa Técnica	Individual	0:01:11±0:00:51	0:01:13±0:01:00	0:01:50±0:00:50
	Grupal	0:00:07±0:00:08	0:00:03±0:00:05	0:00:09±0:00:08
Conversa com Equipa Técnica	Equipa	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00
	Individual	0:00:00±0:00:01	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00
Conversa com Equipa Técnica	Grupal	0:00:00±0:00:02	0:00:02±0:00:06	0:00:03±0:00:08
	Equipa	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00
Conversa com Equipa Técnica	Individual	0:00:41±0:00:21	0:00:33±0:00:19	0:00:22±0:00:13
	Grupal	0:00:06±0:00:08	0:00:05±0:00:05	0:00:02±0:00:03
Conversa com Equipa Técnica	Equipa	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00	0:00:00±0:00:00
	Individual	0:02:54±0:01:24	0:02:00±0:01:52	0:02:03±0:01:22
Conversa com Equipa Técnica	Grupal	0:02:26±0:00:35	0:02:42±0:00:57	0:02:44±0:01:40
	Equipa	0:11:39±0:05:05	0:15:38±0:06:54	0:13:35±0:06:32

Conversa com Atletas	Individual	0:02:20±0:00:59*	0:05:01±0:03:19*	0:02:42±0:01:10
	Grupal	0:01:30±0:01:23	0:02:27±0:01:57	0:01:07±0:00:42
	Equipa	0:00:09±0:00:19	0:00:07±0:00:12	0:00:00±0:00:00
Observação		0:07:07±0:05:00	0:06:26±0:02:45	0:11:32±0:06:38
Silêncio		0:03:50±0:04:21	0:06:30±0:05:34	0:07:53±0:04:12
Atividade Motora		0:14:38±0:14:51	0:06:33±0:17:08	0:05:00±0:05:55
Outros Comportamentos		0:00:34±0:00:45	0:00:36±0:00:57	0:00:04±0:00:11

*- Diferenças significativas entre FO1 e FO2, $p < 0.05$

*- Diferenças significativas entre FO2 e FO3, $p < 0.05$

** - Diferenças significativas entre FO1 e FO3, $p < 0.05$

Novamente, como verificado previamente no registo de ocorrências, foram encontradas diferenças significativas numa das categorias da dimensão Instrução, categoria Critérios de Êxito, ao nível do recetor Individual ($\chi^2 (2, 10) = 12.359; p < 0.001$), tendo-se registado um aumento significativo do valores comportamentais da FO1 para FO3 ($p = 0.002$),

Dentro da dimensão Questionamento, foram encontradas diferenças significativas na categoria Questão, ao nível do recetor Grupal ($\chi^2 (2, 10) = 6.821; p = 0.032$), verificando-se uma diminuição significativa do registo temporal do comportamento da FO1 para a FO2 ($p = 0.030$). Apesar de não se ter verificado diferenças significativas no registo de ocorrências para este comportamento, no registo de duração estas diferenças sugerem um teor das questões realizadas ao grupo de atletas mais alongado na fase inicial da época desportiva.

Ao nível da dimensão Feedback, apesar de se terem verificado diferenças significativas na categoria Feedback Positivo quanto ao recetor Grupal ($\chi^2 (2, 10) = 5.882; p = 0.049$), não foi possível localizar as diferenças entre as fases de observação através da correção de Bonferroni.

Ainda no registo de duração do TA, foram encontradas diferenças numa das categorias da dimensão Conversa, Conversa com Atletas, ao nível do recetor Individual ($\chi^2 (2, 10) = 9.600; p = 0.007$). Verificou-se um aumento significativo dos valores temporais do comportamento da FO1 para a FO2 ($p = 0.022$) e uma diminuição significativa da FO2 para a FO3 ($p = 0.022$), sugerindo um diálogo mais prolongado com o atleta na fase intermédia da época desportiva. Apesar de terem existido diferenças significativas do comportamento no registo de duração, não se verificou qualquer discrepância significativa ao nível do registo de ocorrências.

4.2.5 Comportamento do Treinador Principal e do Treinador Adjunto entre as fases de observação

4.2.5.1 Comportamento do Treinador Principal e Treinador Adjunto no registo de ocorrências

A tabela 9 apresenta os valores médios e respetivos desvios-padrão do TP e do TA nas diferentes fases de observação, ao nível do registo de ocorrências.

Dentro da dimensão Instrução, foram encontradas diferenças significativas entre o TP e o TA na categoria Condições de Realização, ao nível do recetor Individual na FO2 ($Z = -2.173$; $p = 0.031$) e na FO3 ($Z = -2.194$; $p = 0.025$), verificando-se um valor significativamente superior para o TA nas duas fases de observação. Foram ainda encontradas diferenças significativas na mesma categoria ao nível do recetor Equipa, na FO2, registando-se desta vez um valor significativamente superior para o TP ($Z = -2.310$; $p = 0.020$).

Tabela 9. Resultados do registo de ocorrências, das categorias do Comportamento do Treinador Principal e do Treinador Adjunto nas 3 Fases de Observação.

Categoria	Recetor	FO1		FO2		FO3	
		TP	TA	TP	TA	TP	TA
Objetivo	Individual	0.4±0.84	0.50±0.71	0.0±0.0	0.60±1.58	0.0±0.0	0.20±0.63
	Grupal	3.80±2.66	1.90±2.56	1.60±1.71	0.40±0.70	2.10±2.56	0.60±1.08
	Equipa	0.2±0.63	0.10±0.32	0.7±1.25	0.0±0.0	0.10±0.32	0.0±0.0
Condições de Realização	Individual	11.70±13.94	15.0±16.57	7.60±3.86	13.50±8.13*	7.90±9.85	16.20±5.27**
	Grupal	27.80±11.67	27.20±22.98	27.30±13.31	20.80±17.38	17.80±13.73	28.0±14.95
	Equipa	0.70±0.82	0.20±0.63	15.80±12.67	1.80±3.16*	1.30±2.98	0.0±0.0
Critérios de Êxito	Individual	5.50±11.21	1.0±2.54	10.40±9.02	3.10±2.89*	20.40±18.58	12.40±8.29
	Grupal	3.20±3.16	0.80±1.55*	5.00±5.64	2.30±2.21	4.30±4.22	3.70±3.40
	Equipa	0.10±0.32	0.0±0.0	1.50±2.32	0.0±0.0	0.20±0.63	0.0±0.0
Componentes Críticas	Individual	33.60±23.29	22.60±18.67	64.20±27.50	35.60±22.73*	45.30±20.47	42.40±14.18
	Grupal	12.70±10.71	7.30±7.78	14.50±5.80	6.30±9.53	6.9±5.20	6.20±5.02
	Equipa	0.10±0.32	0.0±0.0	0.30±0.68	0.20±0.63	0.0±0.0	0.0±0.0
Questão	Individual	0.5±0.97	0.80±1.14	0.9±1.10	1.00±1.41	0.9±1.20	2.60±2.37
	Grupal	13.10±8.88	6.89±6.39	4.60±4.35	2.00±1.63	1.40±1.35	3.00±3.30
	Equipa	0.20±0.42	0.0±0.0	1.20±1.55	0.40±1.27	0.20±0.63	0.0±0.0
Responder à Questão	Individual	0.60±1.08	0.80±1.14	2.80±2.57	1.70±1.89	1.10±1.85	2.30±2.67
	Grupal	5.50±5.70	2.60±4.12	1.50±1.51	0.20±0.42	0.10±0.32	0.50±0.97
	Equipa	0.10±0.32	0.10±0.32	0.70±1.16	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0
Feedback Positivo	Individual	37.90±13.97	13.10±11.26*	27.70±13.33	21.70±10.70*	17.00±7.92	13.60±6.06
	Grupal	3.60±1.90	1.30±1.34*	2.10±1.73	0.80±1.48	1.10±0.74	1.80±1.75
	Equipa	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0
Feedback Negativo	Individual	12.90±5.61	9.0±7.38	6.30±3.74	3.40±3.66	8.70±5.25	6.30±4.03
	Grupal	0.70±1.25	1.80±1.69*	1.0±1.25	0.70±0.82	0.4±0.70	1.80±3.08

	Equipa	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0
Feedback Prescritivo	Individual	89,0±34.20	76.80±37.90	55.20±28.53	34.90±21.90	50.40±22.72	45.70±13.05
	Grupal	9.0±8.37	7.70±5.10	4.7±2.45	3.80±3.65	2.10±1.45	4.10±3.51
	Equipa	0.0±0.0	0.0±0.0	0.10±0.32	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0
Feedback Descritivo	Individual	6.80±3.52	4.60±3.44	5.70±3.23	2.10±1.97*	2.90±2.33	5.10±3.57
	Grupal	0.50±0.71	0.30±0.68	1.40±1.51	0.50±0.71	0.20±0.42	0.80±0.92
	Equipa	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0
Feedback Interrogativo	Individual	2.90±3.11	2.20±3.05	1.70±2.16	2.70±3.80	1.80±1.55	4.60±2.17**
	Grupal	0.40±0.70	0.60±0.70	0.20±0.42	0.60±1.08	0.10±0.32	0.40±0.512
	Equipa	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0
Feedback Avaliativo	Individual	50.70±17.55	30.70±17.42*	34.00±14.21	16.50±14.57*	25.60±11.74	19.90±7.53
	Grupal	4.30±2.06	3.10±1.60*	3.10±1.85	1.50±2.01	1.50±0.85	3.60±4.20
	Equipa	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0
Demonstração Positiva	Individual	2.10±2.42	0.90±1.29	0.40±0.97	1.50±1.35	1.10±1.20	1.70±3.02
	Grupal	4.60±4.55	2.80±3.97	1.90±1.79	1.0±1.41	0.70±0.82	2.40±2.80
	Equipa	0.30±0.95	0.0±0.0	0.60±1.08	0.1±0.32	0.40±0.84	0.0±0.0
Demonstração Negativa	Individual	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0	0.10±0.32
	Grupal	0.10±0.32	0.30±0.68	0.10±0.32	0.0±0.0	0.10±0.32	0.20±0.63
	Equipa	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0
Humor	Individual	9.80±6.83	22.50±15.39*	10.0±6.53	22.0±8.97*	9.80±8,31	21.0±13.43**
	Grupal	3.00±3.74	5.60±8.07	2.40±2.46	6.80±8.88*	2.30±2.54	4.80±4.19**
	Equipa	0.50±1.58	0.10±0.32	0.40±0.97	0.20±0.63	0.0±0.0	0.0±0.0
Encorajamento	Individual	51.30±17.43	53.40±19.96	52.50±16.84	32.80±20.28*	38.10±18,91	33.50±14.88**
	Grupal	25.30±13.71	14.70±12.76	24.70±15.90	17.70±17.91	5.70±4.90	8.40±7.26
	Equipa	0.0±0.0	0.0±0.0	1.00±2.31	0.5±0.97	0.0±0.0	0.0±0.0
Elogio	Individual	34.70±26.12	23.70±17.58	30.50±10.85	23.50±19.36	26.10±16.11	33±14.70
	Grupal	2.90±1.97	2.30±2.45	2.30±1.57	1.20±1.75	0.9±0.88	2.60±2.27**
	Equipa	0.10±0.32	0.0±0.0	0.10±0.32	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0
Punição	Individual	0.0±0.0	0.10±0.32	0.70±1.89	0.0±0.0	0.30±0.68	0.0±0.0
	Grupal	0.90±0.99	0.20±0.63*	0.10±0.32	0.40±1.27	0.10±0.32	0.90±2.03
	Equipa	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0
Repreensão	Individual	7.90±3.14	9.90±4.53	5.20±4.32	8.10±4.28	3.70±2.11	5.40±2.99
	Grupal	1.80±2.86	1.60±1.96	1.10±1.66	1.20±1.32	0.20±0.42	0.60±0.70
	Equipa	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0	0.0±0.0
Gestão da Equipa Técnica	-	6.20±2.97	7,60±4.93*	6.90±4.63	5.10±2.33	9.40±3.20	8.80±3.05
Gestão de Atletas	-	21.60±6.11	20±4.42	25.50±13.00	25.10±7.20	19.90±6.94	20±10.42
Conversa com Equipa Técnica	-	50.10±17.78	44.20±13.34	42.10±12.22	53.70±16.17	56.70±14.41	55.90±20.52
Conversa com Atletas	Individual	17.90±6.39	23.10±10.24	25.10±7.30	39.10±17.52*	17.30±9.13	24.10±6.08
	Grupal	24.10±24.98	18.20±17.11*	16.30±7.212	21.60±17.44	8.10±5.34	11.20±4.32
	Equipa	2.40±3.95	2.60±5.23	3.30±2.75	1.10±1.73	0.10±0.32	0.0±0.0
Observação	-	60.80±18.13	40.10±29.12	56.30±38.89	38.50±17.92	85.90±37.52	69.10±31.79**
Silêncio	-	26.50±19.11	16.70±14.13	28.30±14.95	29.00±19.55	51.0±15,12	37.70±15.88**
Atividade Motora	-	0.40±0.52	2.20±2.39	2.0±4.45	2±4.64	0.30±0.95	2.40±2.41**
Outros Comportamentos	-	1.10±1.37	1.70±2.54	1.60±2.12	1.70±2.16	1.40±2.55	0.40±0.94

*- Diferenças significativas para o TP na FO1, p < 0.05

*- Diferenças significativas para o TP na FO2, p < 0.05

** - Diferenças significativas para o TP na FO3, p < 0.05

Ainda na dimensão Instrução, verificou-se diferenças significativas entre TP e TA na categoria Critérios de Êxito, nomeadamente na FO1 ao nível do recetor Grupal ($Z = -2.315$; $p = 0.021$) e na FO2 ao nível do recetor Individual ($Z = -2.243$; $p = 0.023$), registando-se para as duas ocasiões um valor significativamente superior para o TP. Verificou-se ainda a não existência de diferenças significativas para esta categoria na FO3.

Ao nível das Componentes Críticas, categoria englobada na dimensão Instrução, verificou-se diferenças significativas na FO2 ao nível do recetor Individual ($Z = -2.395$; $p = 0.014$), com o TP a registar valores significativamente superiores ao TA nesta fase de observação. O aumento significativo deste comportamentos por parte do TP da FO1 para a FO2 parece promover esta diferença significativa entre os dois Treinadores.

Já na dimensão Feedback, foram encontradas entre as fases de observação diferenças significativas em cinco categorias, entre elas o Feedback Positivo, Feedback Negativo, Feedback Descritivo, Feedback Interrogativo e Feedback Avaliativo, não se tendo verificado nenhum tipo de diferenças apenas na categoria Feedback Prescritivo.

No Feedback Positivo, as diferenças foram significativas ao nível do recetor Individual, registando-se valores significativamente superiores para o TP na FO1 ($Z = -2.805$; $p = 0.002$) e na FO2 ($Z = -2.705$; $p = 0.004$), não se tendo verificado diferenças significativas na FO3. A diminuição significativa dos valores obtidos para este comportamento da FO1 para a FO3 por parte do TP parecem sustentar a ausência de diferenças na última fase de observação. Verificou-se ainda diferenças significativas na mesma categoria, mas ao nível do recetor Grupal na FO1 ($Z = -2.831$; $p = 0.002$), com o TP a registar valores significativamente superiores ao TA.

No Feedback Negativo, foram registadas diferenças significativas entre os dois Treinadores na FO1 ao nível do recetor Grupal ($Z = -2.157$; $p = 0.047$), com o TA a obter valores médios significativamente superiores ao TP, apesar da ausência de diferenças significativas entre as fases de observação ao nível individualizado de cada Treinador. Destaca-se ainda a ausência de diferenças significativas na FO2 e na FO3 para este comportamento.

Ao nível do Feedback Descritivo, as diferenças registaram-se significativas na FO2 no recetor Individual ($Z = -2.314$; $p = 0.016$), com o TP a utilizar com maior ocorrência

o comportamento em relação ao TA, apesar de tanto o TP como o TA não terem registado diferenças significativas neste comportamento ao longo das fases de observação.

No Feedback Interrogativo, as diferenças registaram-se significativas apenas na última fase de observação (FO3) ao nível do recetor Individual ($Z = -2.699$; $p = 0.004$), onde se verificou valores significativamente superiores para o TA nesta fase de observação. Apesar de não se terem verificado, individualmente, diferenças significativas do TP e do TA ao longo das fases de observação, verifica-se a maior utilização do TA no Feedback de carácter Interrogativo, quando destinado apenas a um atleta, procurando com maior ocorrência, uma resposta célere do atleta à ação previamente realizada.

Em relação ao Feedback Avaliativo, verificaram-se diferenças significativas ao nível do recetor Individual e Grupal. Em relação ao recetor Individual, registaram-se diferenças significativas entre Treinadores na FO1 ($Z = -2.805$; $p = 0.002$) e na FO2 ($Z = -2.703$; $p = 0.004$), com o TP a obter valores significativamente superiores nas duas fases de observação. Enquanto as diferenças expressivas entre os dois Treinadores ao nível do Feedback Positivo Individual parecem sustentar as diferenças significativas ao nível deste comportamento, a diminuição significativa do comportamento por parte do TP da FO1 para a FO3 parece ser a principal razão da não ocorrência de diferenças significativas na última fase de observação. No caso do recetor Grupal, as diferenças registaram-se na FO1 ($Z = -2.414$; $p = 0.016$), onde, novamente, o TP registou valores significativamente superiores ao TA. Neste comportamento, as diferenças expressivas entre os dois Treinadores nos comportamentos Feedback Positivo Grupal e Feedback Negativo Grupal parecem sustentar as diferenças significativas registadas, enquanto a diminuição significativa do comportamento por parte do TP da FO1 para a FO3 parece ser uma das principais razões da não ocorrência de diferenças significativas na FO2 e na FO3.

Na dimensão Comportamentos Verbais/Não Verbais, registaram-se diferenças significativas nas categorias Humor, Encorajamento, Elogio e Punição, não se tendo registado nenhum tipo de diferença apenas na categoria Repreensão.

No Humor, registaram-se diferenças significativas entre Treinadores ao nível do recetor Individual tanto na FO1 ($Z = -2.606$; $p = 0.008$), como na FO2 ($Z = -2.805$; $p = 0.002$) e na FO3 ($Z = -2.803$; $p = 0.002$), com o TA a registar valores significativamente superiores em todas as fases de observação. Este comportamento foi o único que registou diferenças significativas em todas as três fases de observação. Ao nível do recetor Grupal, foram encontradas diferenças significativas na FO2 ($Z = -2.371$; $p = 0.016$) e na FO3 (Z

= -2.311; $p = 0.021$), verificando-se novamente valores significativamente superiores para o TA nas duas fases de observação. Novamente, importante salientar que nem o TP nem o TA registaram diferenças significativas entre fases de observação, quando comparados individualmente.

Na categoria Encorajamento, as diferenças significativas registaram-se ao nível do recetor Individual na FO2 ($Z = -2.295$; $p = 0.018$) e na FO3 ($Z = -2.090$; $p = 0.037$), com o TP a obter valores significativamente superiores nas duas fases de observação. Apesar de não existirem diferenças expressivas entre os dois Treinadores na recorrência do comportamento na FO1, na FO2 e FO3 o TP apresenta uma ocorrência significativamente superior ao TA, mantendo o atleta em constante de velocidade de execução das ações nos exercícios.

Na categoria Elogio, as diferenças significativas registaram-se ao nível do recetor Grupal na FO3 ($Z = -2.384$; $p = 0.016$), onde se verificou um valor comportamental significativamente superior para o TA., elogiando com maior recorrência as ações conjuntas dos atletas na fase final da época desportiva face ao TP.

Em relação à categoria Punição, as diferenças significativas registaram-se ao nível Grupal na FO1 ($Z = -2.333$; $p = 0.031$), com o TP a registar ocorrências significativamente superiores ao TA para este comportamento. Dado o seu papel de líder principal do escalão formativo, a função de instauração da ordem dos atletas em treino na fase inicial de observação, que corresponde à fase inicial da época desportiva, parece ser o principal fator desta diferença entre Treinadores.

Ao nível das categorias englobadas na dimensão Gestão, verificou-se que a Gestão Equipa Técnica apresentou diferenças significativas entre Treinadores apenas na FO1 ($Z = -2.803$; $p = 0.002$), onde o TA apresentou valores comportamentais significativamente superiores ao TP. Apesar de se verificar um aumento significativo da FO2 para a FO3 no comportamento do TP, os resultados sugerem que na fase inicial da época, competia ao TA a construção e organização dos exercícios durante as transições dos atletas.

Na dimensão Conversa, verificaram-se diferenças significativas quanto à categoria Conversa com Atletas, nomeadamente ao nível do recetor Individual e Grupal. No recetor Individual, as diferenças entre Treinadores localizaram-se na FO2 ($Z = -2.652$; $p = 0.006$), com o TA a registar uma ocorrência do comportamento significativamente superior ao TP. Ao nível do recetor Grupal, as diferenças significativas localizaram-se na FO1 ($Z = -$

2.193; $p = 0.025$), mas desta vez o comportamento foi significativamente superior para o TP. Na FO1, as conversas iniciais com os grupos de trabalho parecem sugerir o valor significativamente superior para o TP, enquanto na FO2, parece existir uma maior necessidade do TA em comunicar individualmente com os atletas.

Nas categorias relacionadas com os comportamentos não ativos dos Treinadores, nomeadamente a Observação e o Silêncio, verificaram-se que as diferenças significativas entre os Treinadores foram obtidas apenas na FO3, com o aumento significativo dos valores obtidos pelo TP em comparação com o TA, tanto para a Observação ($Z = -1.988$; $p = 0.049$) como para o Silêncio ($Z = -2.194$; $p = 0.025$). Verifica-se, nesta última fase de observação, um papel com menor intervenção verbal por parte do TP no desenrolar dos exercícios de treino.

Verificaram-se ainda diferenças significativas em relação à categoria Atividade Motora na FO3 ($Z = -2.214$; $p = 0.031$), com o TA a registar para o respetivo comportamento ocorrências significativamente superiores ao TP nesta fase de observação, sugerindo uma maior intervenção do TA como atleta nos exercícios, face não só ao número reduzido de atletas para a realização do exercício, como também para aumentar a intensidade e velocidade de realização das ações por parte dos atletas integrantes no mesmo.

4.2.5.2 Comportamento do Treinador Principal e Treinador Adjunto no registo de duração

A tabela 10 apresenta os valores médios e respetivos desvios-padrão do TP e do TA nas diferentes fases de observação, ao nível do registo de duração.

Nas categorias englobadas na dimensão Instrução, verificou-se a presença de diferenças significativas entre o TP e o TA nas Condições de Realização, Critérios de Êxito e Componentes Críticas, onde apenas a categoria Objetivo não apresentou qualquer diferença considerável.

Nas Condições de Realização, verificaram-se diferenças significativas ao nível do recetor Individual e Equipa. No recetor Individual, as diferenças foram apuradas na FO2 ($Z = -2.703$; $p = 0.004$) e na FO3 ($Z = -2.599$; $p = 0.006$), onde o TA apresentou valores temporais significativamente superiores para este comportamento nas duas fases de

observação. Ao nível do recetor Equipa, as diferenças foram localizadas na FO2, com o TP a obter um registo temporal significativamente superior ao TA. A mesma situação foi verificada ao nível do registo de ocorrências, sugerindo um acompanhamento da durabilidade de intervenção do comportamento à sua recorrência de utilização.

Nos Critérios de Êxito, verificou-se diferenças significativas entre TP e TA ao nível do recetor Grupal, na FO1 ($Z = -2.094$; $p = 0.037$), onde o TP registou valores significativamente superiores nesta fase de observação. Registou-se, ao nível do registo de ocorrências, diferenças significativas deste comportamento na mesma fase de observação, onde novamente o TP registou valores significativamente superiores ao TA. Estes resultados sugerem que o TP não só realiza o comportamento com maior ocorrência, como também é expressiva a sua durabilidade de intervenção, quando comparado com o TA.

Destacou-se ainda que, ao nível do registo de ocorrências, esta categoria apresentava diferenças significativas ao nível do recetor Individual, na FO2, com o TP a obter valores significativamente superiores ao TA, mas, ao nível do registo de duração, essas diferenças não foram expressivas. Desta forma, os resultados sugerem que apesar de uma ocorrência significativamente superior do TP em relação ao TA no registo do comportamento, a sua durabilidade não acompanha a sua recorrência, apresentando-se como um comportamento sucinto nesta fase de observação por parte do TP.

Em relação às Componentes Críticas, as diferenças foram significativas ao nível do recetor Individual e do recetor Grupal. No recetor Individual, as diferenças localizaram-se na FO2 ($Z = -2.601$; $p = 0.006$) e no recetor Grupal na FO1 ($Z = -2.040$; $p = 0.041$), com o TP a registar valores significativamente superiores em ambas as fases. Ao nível Individual, verificou-se no registo de ocorrências diferenças idênticas às registadas no registo de duração, com a durabilidade do comportamento a acompanhar a sua recorrência, no que respeita ao valor significativamente superior do TP. Destacou-se ainda que as diferenças ao nível do recetor Grupal ocorreram apenas no registo de duração, sugerindo a elevada durabilidade de intervenção do comportamento por parte do TP na fase inicial da época desportiva.

Tabela 10. Resultados do registo de duração, das categorias do Comportamento do Treinador Principal e do Treinador Adjunto nas 3 Fases de Observação.

Categoria	Recetor	FO1		FO2		FO3	
		TP	TA	TP	TA	TP	TA
Objetivo	Individual	00:02±00:04	00:01±00:02	00:00±00:00	00:03±00:07	00:00±00:00	00:01±00:03
	Grupal	00:34±00:28	00:13±00:19	00:11±00:11	00:02±00:03	00:12±00:16	00:02±00:05
	Equipa	00:00±00:02	00:00±00:00	00:05±00:09	00:00±00:00	00:00±00:01	00:00±00:00
Condições de Realização	Individual	00:41±00:45	01:01±01:02	00:29±00:15	01:01±00:34*	00:31±00:30	01:17±00:35**
	Grupal	04:18±01:29	03:48±02:37	03:18±01:43	03:13±02:18	02:20±01:49	04:24±02:23
	Equipa	00:07±00:11	00:02±00:08	01:37±00:58	00:07±00:15*	00:17±00:37	00:00±00:00
Critérios de Êxito	Individual	00:20±00:43	00:03±00:08	00:34±00:36	00:13±00:12	01:15±01:08	00:51±00:40
	Grupal	00:17±00:18	00:05±00:07*	00:28±00:30	00:12±00:12	00:18±00:18	00:14±00:13
	Equipa	00:00±00:01	00:00±00:00	00:12±00:19	00:00±00:00	00:01±00:03	00:00±00:00
Componentes Críticas	Individual	01:44±01:08	01:22±01:19	03:08±01:17	01:56±01:08*	02:12±01:03	02:03±00:48
	Grupal	00:55±00:43	00:31±00:31*	00:49±00:21	00:21±00:39	00:22±00:17	00:19±00:15
	Equipa	00:02±00:07	00:00±00:00	00:01±00:03	00:00±00:02	00:00±00:00	00:00±00:00
Questão	Individual	00:03±00:06	00:04±00:07	00:03±00:04	00:04±00:07	00:06±0:00:11	00:12±00:11
	Grupal	01:31±01:00	00:45±00:55	00:23±00:25	00:09±00:07	00:08±00:09	00:19±00:27
	Equipa	00:01±00:02	00:00±00:00	00:06±00:08	00:01±00:06	00:00±00:02	00:00±00:00
Responder à Questão	Individual	00:03±00:06	00:05±00:08	00:14±00:11	00:07±00:07	00:04±00:09	00:13±00:20
	Grupal	00:32±00:28	00:14±00:22	00:08±00:10	00:00±00:01*	00:00±00:02	00:01±00:03
	Equipa	00:00±00:01	00:00±00:00	00:04±00:06	00:00±00:01	00:00±00:00	00:00±00:00
Feedback Positivo	Individual	01:58±00:52	01:00±00:35*	01:27±00:38	00:37±00:33*	01:07±00:32	00:50±00:22
	Grupal	00:10±00:06	00:03±00:03*	00:07±00:05	00:02±00:04	00:03±00:02	00:07±00:08
	Equipa	00:00±00:00	00:00±00:00	00:00±00:00	00:00±00:00	00:00±00:00	00:00±00:00
Feedback Negativo	Individual	00:42±00:17	00:30±00:30	00:22±00:14	00:12±00:12	00:36±00:23	00:30±00:19
	Grupal	00:02±00:04	00:06±00:06	00:03±00:03	00:02±00:02	00:01±00:03	00:07±00:13
	Equipa	00:00±00:00	00:00±00:00	00:00±00:00	00:00±00:00	00:00±00:00	00:00±00:00
Feedback Prescritivo	Individual	06:06±02:29	05:24±03:05	03:40±01:54	02:37±01:44	03:35±01:44	03:29±01:06
	Grupal	00:38±00:36	00:31±00:21	00:22±00:11	00:20±00:22	00:09±00:06	00:17±00:15
	Equipa	00:00±00:00	00:00±00:00	00:00±00:00	00:00±00:00	00:00±00:00	00:00±00:00
Feedback Descritivo	Individual	00:29±00:16	00:20±00:17	00:22±00:13	00:09±00:10	00:11±00:10	00:22±00:16
	Grupal	00:02±00:03	00:01±00:02	00:05±00:06	00:01±00:02	00:00±00:01	00:03±00:03
	Equipa	00:00±00:00	00:00±00:00	00:00±00:00	00:00±00:00	00:00±00:00	00:00±00:00
Feedback Interrogativo	Individual	00:12±00:12	00:14±00:22	00:06±00:08	00:16±00:25	00:07±00:07	00:25±00:18**
	Grupal	00:02±00:05	00:02±00:03	00:00±00:01	00:03±00:05	00:00±00:01	00:03±00:05
	Equipa	00:00±00:00	00:00±00:00	00:00±00:00	00:00±00:00	00:00±00:00	00:00±00:00
Feedback Avaliativo	Individual	02:46±00:49	01:34±00:59*	01:59±00:46	00:54±00:49*	01:50±00:53	01:26±00:31
	Grupal	00:14±00:06	00:10±00:05	00:11±00:06	00:05±00:06	00:05±00:03	00:16±00:19
	Equipa	00:00±00:00	00:00±00:00	00:00±00:00	00:00±00:00	00:00±00:00	00:00±00:00
Demonstração Positiva	Individual	00:13±00:18	00:09±00:19	00:03±00:08	00:14±00:15*	00:06±00:07	00:17±00:29
	Grupal	01:36±01:42	01:02±01:30	00:22±00:30	00:23±00:34	00:10±00:12	01:15±01:27
	Equipa	00:16±00:52	00:00±00:00	00:16±00:26	00:03±00:12	00:15±00:33	00:00±00:00
Demonstração Negativa	Individual	00:00±00:00	00:00±00:00	00:00±00:00	00:00±00:00	00:00±00:00	00:00±00:00
	Grupal	00:00±00:01	00:02±00:04	00:00±00:01	00:00±00:00	00:00±00:01	00:01±00:03
	Equipa	00:00±00:00	00:00±00:00	00:00±00:00	00:00±00:00	00:00±00:00	00:00±00:00
Humor	Individual	00:45±00:37	01:44±01:22*	00:44±00:28	01:42±00:39*	00:45±00:40	01:41±01:04**
	Grupal	00:14±00:21	00:27±00:44	00:11±00:12	00:39±00:36*	00:12±00:13	00:23±00:22
	Equipa	00:02±00:07	00:00±00:00	00:03±00:10	00:01±00:04	00:00±00:00	00:00±00:00
Encorajamento	Individual	03:20±01:18	03:20±01:25	03:09±01:03	02:02±01:16*	02:22±01:14	02:05±01:03
	Grupal	01:43±00:53	00:58±00:53	01:48±01:24	01:06±01:18*	00:21±00:19	00:34±00:32
	Equipa	00:00±00:00	00:00±00:00	00:03±00:09	00:01±00:03	00:00±00:00	00:00±00:00
Elogio	Individual	01:54±01:23	01:11±00:51	01:39±00:32	01:13±01:00	01:30±00:56	01:50±00:50
	Grupal	00:10±00:06	00:07±00:08	00:08±00:05	00:03±00:05*	00:03±00:03	00:09±00:08**
	Equipa	00:00±00:02	00:00±00:00	00:00±00:00	00:00±00:00	00:00±00:00	00:00±00:00
Punição	Individual	00:00±00:00	00:00±00:01	00:02±00:06	00:00±00:00	00:01±00:02	00:00±00:00

	Grupal	00:05±00:07	00:00±00:02*	00:00±00:01	00:02±00:06	00:00±00:01	00:03±00:08
	Equipa	00:00±00:00	00:00±00:00	00:00±00:00	00:00±00:00	00:00±00:00	00:00±00:00
Repreensão	Individual	00:31±00:11	00:41±00:21	00:18±00:14	00:33±00:19*	00:15±00:09	00:22±00:13
	Grupal	00:07±00:01	00:06±00:08	00:04±00:06	00:05±00:05	00:00±00:01	00:02±00:03
	Equipa	00:00±00:00	00:00±00:00	00:00±00:00	00:00±00:00	00:00±00:00	00:00±00:00
Gestão da Equipa Técnica	-	00:50±00:25	02:54±01:24*	01:00±00:38	02:00±01:52	01:13±00:29	02:03±01:22
Gestão de Atletas	-	03:08±00:45	02:26±00:35*	04:47±01:31	02:42±00:57	02:32±01:08	02:44±01:40
Conversa com Equipa Técnica	-	10:24±05:23	11:39±05:05	09:29±03:46	15:38±06:54*	12:59±07:12	13:35±06:32
Conversa com Atletas	Individual	02:15±00:52	02:20±00:59	03:30±02:53	05:01±03:19	01:54±00:58	02:42±01:10
	Grupal	02:17±01:40	01:30±01:23*	01:54±00:52	02:27±01:57	01:05±00:53	01:07±00:42
	Equipa	01:20±01:37	00:09±00:19	00:38±01:02	00:07±00:12	00:00±00:00	00:00±00:00
Observação	-	09:24±03:19	07:07±05:00	09:38±09:57	06:26±02:45	15:25±07:02	11:32±06:38
Silêncio	-	04:22±03:01	03:50±04:21	04:40±03:19	06:30±05:34	11:40±03:53	07:53±04:12**
Atividade Motora	-	03:15±06:43	14:38±14:51	05:57±18:28	06:33±17:08	00:58±0:03:04	05:00±05:55**
Outros Comportamentos	-	00:24±00:36	00:34±00:45	00:25±00:33	00:36±00:57	01:33±03:37	00:04±00:11

*- Diferenças significativas para o TP na FO1, $p < 0.05$

*- Diferenças significativas para o TP na FO2, $p < 0.05$

** - Diferenças significativas para o TP na FO3, $p < 0.05$

Nas categorias englobadas na dimensão Questionamento, verificou-se diferenças significativas entre os dois Treinadores no Responder à Questão ao nível Grupal, nomeadamente na FO2 ($Z = -2.033$; $p = 0.047$), onde o TP registou valores temporais do comportamento significativamente superiores. Dado não se ter verificado nenhum tipo de diferenças entre treinadores para o respetivo comportamento no registo de ocorrências, este resultado no registo de duração sugere uma resposta do TP mais alongada temporalmente às questões impostas pelo grupo de atletas ou na resposta à própria pergunta, direcionada a um grupo de atletas, durante a fase intermédia da época.

Englobadas na dimensão Feedback, verificaram-se diferenças significativas em três das seis categorias, nomeadamente o Feedback Positivo, Feedback Interrogativo e Feedback Avaliativo.

No Feedback Positivo, as diferenças registaram-se significativas entre os dois Treinadores ao nível Individual e ao Nível Grupal. Ao nível do recetor Individual, as diferenças localizaram-se na FO1 ($Z = -2.805$; $p = 0.002$) e na FO2 ($Z = -2.701$; $p = 0.004$), onde se verificou registos temporais do comportamento significativamente superiores para o TP nas duas fases de observação. No caso do recetor Grupal, as

diferenças localizaram-se na FO1 ($Z = -2.807$; $p = 0.002$) onde se verificou, novamente, valores temporais do comportamento significativamente superiores para o TP. Salientar que as diferenças significativas ocorreram de forma idêntica ao verificado no registo de ocorrências, tanto ao nível do recetor, como ao nível da fase de observação.

No Feedback Interrogativo, as diferenças foram idênticas às verificadas no registo de ocorrências, no que respeita o recetor do comportamento e a respetiva fase de observação. Desta forma, as diferenças significativas localizaram-se ao nível do recetor Individual na FO3 ($Z = -2.803$; $p = 0.002$), com o TA a registar valores significativamente superiores ao TP. Verifica-se, nesta fase de observação, que o valor superior do TA ao nível da recorrência do comportamento é acompanhado pela sua maior durabilidade.

Ao nível do Feedback Avaliativo, foram verificadas diferenças significativas ao nível do recetor Individual, localizadas na FO1 ($Z = -2.803$; $p = 0.002$) e na FO2 ($Z = -2.701$; $p = 0.004$), onde o TP registou valores temporais do comportamento significativamente superiores ao TA nas duas fases de observação. A mesma situação verificou-se no registo de ocorrências do comportamento, com diferenças significativas no mesmo recetor e nas mesmas fases de observação, sugerindo uma relação direta entre a maior recorrência do comportamento por parte do TP e a sua maior duração nas duas fases de observação. Ao nível do recetor Grupal, apesar de se ter verificado diferenças significativas no registo de ocorrências, com os valores expressivamente superiores para o TP na FO1, a mesma situação não se verificou no registo de duração, sugerindo estes resultados uma transmissão sucinta de informação avaliativa sobre a ação dos atletas por parte do TP na fase inicial da época desportiva.

Dentro das categorias englobadas na dimensão Demonstração, verificou-se a presença de diferenças significativas na Demonstração Positiva ao nível do Recetor Individual, na FO2 ($Z = -2.032$; $p = 0.047$), onde o TA apresentou valores temporais significativamente superiores ao TP. Tendo em conta que não se verificaram diferenças significativas ao nível do registo de ocorrências, estes resultados sugerem, na FO2, uma maior dispendiosidade do TA em demonstrar corretamente a ação a ser realizada a um determinado atleta.

Na dimensão Comportamentos Verbais/Não Verbais, verifica-se a presença de diferenças significativas em todas as suas categorias, sendo esta a dimensão com maior divergência entre Treinadores no que respeita a durabilidade dos comportamentos ao longo das fases de observação.

Na categoria Humor, apurou-se um registo idêntico entre as ocorrências do comportamento e a sua durabilidade, no que respeita às diferenças significativas entre Treinadores ao longo das fases de observação. Verificaram-se diferenças significativas ao nível do recetor Individual, na FO1 ($Z = -2.295$; $p = 0.020$), na FO2 ($Z = -2.803$; $p = 0.002$) e na FO3 ($Z = -2.803$; $p = 0.002$), e também ao nível do recetor Grupal, na FO2 ($Z = -2.688$; $p = 0.004$), com o TA a registar valores temporais superiores em todos os registos. Estes resultados sugerem que a durabilidade dos comportamentos do TA acompanha o seu registo significativamente superior ao nível do número de ocorrências.

Na categoria Encorajamento, as diferenças significativas entre o TP e TA foram detetadas ao nível do recetor Individual e Grupal. Ao nível do recetor Individual, as diferenças localizaram-se na FO2 ($Z = -2.395$; $p = 0.014$), com um registo superior por parte do TP, situação ocorrida de forma idêntica no registo de ocorrências, para o mesmo comportamento e respetiva fase de observação, sugerindo uma relação direta entre a maior ocorrência do comportamento por parte do TP e a respetiva durabilidade. Foi possível ainda apurar, no registo de ocorrência, um valor do comportamento significativamente superior para o TP na FO3, não se verificando a mesma situação no registo de duração, sugerindo, nesta fase de observação, uma utilização sucinta do comportamento por parte do TP, apesar da maior recorrência face ao TA. No caso do recetor Grupal, as diferenças localizaram-se na FO2 ($Z = -2.090$; $p = 0.037$), com valores temporais do comportamento significativamente superiores para o TP. Tendo em conta que o registo de ocorrências não detetou nenhuma diferença entre Treinadores nesta fase de observação, é possível sugerir uma intervenção mais duradoura por parte do TP, quando o comportamento é direcionado para um grupo de atletas.

Ao nível da categoria Elogio, as diferenças entre os dois Treinadores localizaram-se apenas ao nível do recetor Grupal. Verificou-se que apesar do TP registar valores significativamente superiores na FO2 ($Z = -2.243$; $p = 0.023$), foi o TA quem registou valores superiores na FO3 ($Z = -2.524$; $p = 0.008$). Apesar de no registo de ocorrências ser possível localizar valores significativamente superiores para o TA na FO3, indo de encontro ao verificado no registo de duração na mesma fase de duração, a mesma situação não ocorre na FO2, onde não se verifica diferenças entre os dois Treinadores, sugerindo uma maior dispendiosidade do comportamento por parte do TP na FO2, quando direcionado para um grupo de atletas.

Na categoria Punição, as diferenças significativas foram de encontro às verificadas no registo de ocorrências, tanto ao nível do recetor como da fase de observação. Registou-se ao nível Grupal, um valor significativamente superior do TP na FO1 ($Z = -2.201$; $p = 0.031$), sugerindo uma relação direta entre o valor superior de ocorrências obtido pelo TP nesta fase de observação com a maior durabilidade de intervenção do respetivo comportamento.

Em relação à categoria Repreensão, foram apuradas diferenças significativas ao nível do recetor Individual na FO2 ($Z = -2.197$; $p = 0.027$), onde o TA registou valores significativamente superiores ao TP. Apesar de existir esta diferença entre os dois Treinadores ao nível do registo de duração, não se verificou qualquer diferença significativa ao nível do registo de ocorrência, sugerindo desta forma uma elevada dispendiosidade do comportamento por parte do TA na FO2, quando direcionado para apenas um atleta.

Nas categorias englobadas na dimensão Gestão, verificou-se diferenças significativas ao nível da Gestão da Equipa Técnica na FO1 ($Z = -2.701$; $p = 0.004$), onde se apurou valores significativamente superiores para o TA. Verificou-se ainda diferenças significativas ao nível da Gestão de Atletas na FO1 ($Z = -1.988$; $p = 0.049$), com o TP a registar valores significativamente superiores ao TA. Ao nível da Gestão de Equipa Técnica, as diferenças significativas entre os dois Treinadores são idênticas na FO1 ao nível do registo de ocorrências e registo de duração, enquanto na Gestão de Atletas, apenas ocorrem diferenças significativas entre Treinadores no registo de duração, sugerindo um comportamento de carácter mais alongado por parte do TP na organização dos atletas por grupos de trabalho e pelos respetivos exercícios.

Em relação à dimensão Conversa, foram encontradas diferenças significativas entre os dois Treinadores nas duas categorias associadas. Na Conversa com Equipa Técnica, as diferenças localizaram-se na FO2 ($Z = -2.191$; $p = 0.027$), com os valores temporais do comportamento a serem significativamente superiores para o TA em comparação com o TP. Uma vez que não se registaram diferenças significativas ao nível do registo de ocorrências, nesta fase de observação, estes resultados sugerem uma maior dispendiosidade do comportamento por parte do TA nesta fase de observação.

Na Conversa com Atletas, verificaram-se diferenças ao nível do recetor Grupal na FO1 ($Z = -2.194$; $p = 0.029$), com o TP a registar valores significativamente superiores.

Estes resultados vão de encontro ao verificado no registo de ocorrências, podendo sugerir uma relação direta entre a recorrência do comportamento e a sua dispendiosidade.

Apesar de não se ter verificado diferenças significativas na Conversa com Atletas ao nível do recetor Individual no registo de duração, ocorreu diferenças significativas ao nível do registo de ocorrências, nomeadamente para o recetor Individual, na FO2, com valores significativamente superiores para o TA. Esta disparidade entre os dois registos pode indicar uma intervenção sucinta do TA, quando realiza conversa com apenas um atleta na fase intermédia da época desportiva.

Na categoria Observação, apesar de não se ter registado diferenças significativas entre os dois Treinadores no registo de duração, a mesma situação não se verificou no registo de ocorrências, onde o TP apresentou valores significativamente superiores ao TA na FO3. Já na categoria Silêncio, verificou-se que as diferenças significativas foram idênticas às apuradas no registo de ocorrências, com o TP a obter valores significativamente superiores na FO3 ($Z = -2.293$; $p = 0.020$). Os resultados destas categorias sugerem que apesar do valor de ocorrências dos comportamentos não verbais do TP terem sido superiores na última fase de observação, na duração dos comportamentos apenas o Silêncio registou uma relação direta entre os dois registos. A disposição do TP no exercício pode ter influenciado estes resultados, uma vez que a elevada recorrência e dispendiosidade sugerem a sua ausência do ângulo de filmagem.

Na categoria Atividade Motora, verificou-se que as diferenças significativas foram idênticas às apuradas no registo de ocorrências, localizando-se na FO3 e com o TA a registar valores significativamente superiores ao TP ($Z = -2.201$; $p = 0.031$), onde o elevado número de ocorrências nestas fase de observação por parte do TA é acompanhado pela elevada durabilidade do comportamento. O papel mais interventivo no treino como atleta nesta fase de observação por parte do TA parece sugerir maior necessidade de intervenção face à ausência de atletas para a realização dos exercícios.

5 Discussão de Resultados

5.1 Análise do Comportamento do Treinador Principal no registo de ocorrências e duração

Verificou-se ao nível do registo de ocorrências do TP, que das 27 categorias e 67 comportamentos que englobam o sistema de observação, 15 categorias e 17 comportamentos apresentam diferenças significativas entre as três fases de observação do estudo.

Dos 17 comportamentos que expuseram diferenças significativas entre as fases de observação, 14 apresentavam direccionalidade do comportamento, destacando-se 5 comportamentos com diferenças ao nível Individual, 7 comportamentos com diferenças ao nível Grupal e 2 comportamentos com diferenças ao nível Equipa.

Destacou-se ainda, ao nível dos comportamentos entre as diferentes fases de observação, que apenas 1 comportamento registou diferenças significativas entre a FO1 e a FO2, 5 comportamentos entre a FO2 e a FO3 e 12 comportamentos entre a FO1 e a FO3. Verifica-se, desta forma, um número bastante reduzido de comportamentos com diferenças significativas entre a fase inicial e a fase intermédia da época desportiva, enquanto da fase inicial para a fase final, o TP apresenta o maior número de diferenças significativas na recorrência dos seus comportamentos.

Destacou-se ainda as categorias Feedback Positivo e Feedback Avaliativo com diferenças ao nível do recetor Individual e Grupal, e o Encorajamento, que ao nível do recetor Grupal, foi a única categoria a registar diferenças significativas entre mais de duas fases de observação.

Em relação ao nível do registo de duração do TP, registaram-se diferenças significativas entre as fases de observação em 10 categorias e 10 comportamentos. Contrariamente ao apurado no registo de ocorrências, não se registaram diferenças significativas em diferentes recetores englobados na mesma categoria, mas verificaram-se diferenças expressivas em mais de duas fases de observação no mesmo comportamento, nomeadamente no Encorajamento Grupal e Silêncio.

Dos 10 comportamentos que exibiram diferenças significativas entre as fases de observação, 9 apresentavam direccionalidade do comportamento, destacando-se 1 comportamento com diferenças ao nível Individual, 6 comportamentos com diferenças ao nível Grupal e 2 comportamentos com diferenças ao nível Equipa.

Relativamente às diferentes fases de observação, verificou-se que 4 comportamentos registaram diferenças significativas entre a FO2 e a FO3 e 8 comportamentos entre a FO1 e a FO3, não se tendo verificado diferenças significativas entre a FO1 e a FO2 na durabilidade de intervenção dos comportamentos por parte do TP.

Realizando uma análise comparativa entre os dois registos efetuados, verificou-se que não eram idênticos quanto aos comportamentos assinalados com diferenças significativas entre as fases de observação. Apurou-se que 6 comportamentos apenas apresentavam diferenças significativas no registo de ocorrências, entre eles as Componentes Críticas Individual, da FO1 para a FO2, a Gestão da Equipa Técnica e a Conversa da Equipa Técnica, da FO2 para a FO3, e o Feedback Positivo Individual, o Feedback Positivo Grupal e o Feedback Avaliativo Individual, da FO1 para a FO3.

Destacou-se ainda o comportamento Silêncio, que apesar de apresentar diferenças idênticas entre os registos da FO1 para a FO3, apenas assinalou diferenças significativas no registo de duração da FO2 para a FO3.

Da fase de observação inicial para a fase de observação intermédia, apenas se destacaram diferenças expressivas na categoria Componentes Críticas, com um aumento significativo em relação ao recetor Individual, expondo a sua intervenção de forma sucinta, uma vez que apenas foi observado ao nível do registo de ocorrências. Este aumento significativo das Componentes Críticas da fase inicial para uma fase intermédia parece sugerir um aumento da complexidade dos exercícios com o desenrolar da época desportiva, onde o TP necessita, com maior recorrência, de intervir sobre a explicação das componentes essenciais à execução da ação por parte do atleta, uma vez que se difere apenas ao nível do recetor Individual.

Da fase intermédia para a fase final da época desportiva, registaram-se diferenças significativas nas categorias Condições de Realização, Encorajamento, Gestão Equipa Técnica, Conversa com Equipa Técnica, Conversa com Atletas e Silêncio.

Ao nível das Condições de Realização e da Conversa com Atletas, ocorreu uma diminuição significativa da recorrência e dispendiosidade ao nível do recetor Equipa.

Estes resultados apontam para uma diminuição não só da explicação dos exercícios à totalidade dos atletas, como também para as conversas iniciais com todo o grupo de trabalho na fase final da época.

No caso da Gestão da Equipa Técnica e da Conversa com Equipa Técnica, registou-se um aumento significativo apenas em relação ao registo de ocorrências, sugerindo não só intervenções mais breves na organização do exercício, como nas conversas com os restantes elementos da equipa técnica na fase final da época.

O aumento da Gestão Equipa Técnica da fase intermédia para a fase final da época desportiva, aliado ao fato da diminuição das Condições de Realização e Conversas com Atletas ao nível do recetor Equipa nas mesmas fases de observação, parece sugerir maior intervenção do TP nas tarefas de logística e organização dos exercícios de treino, permitindo um papel mais interventivo no exercício por parte dos restantes elementos da equipa técnica. O TP apresenta ainda, entre estas fases de observação, um aumento significativo da Conversa com Equipa Técnica, sugerindo uma maior necessidade em dialogar com os restantes Treinadores, podendo auxiliar nas suas intervenções durante a realização dos exercícios.

Relativamente ao Encorajamento, verificou-se não só uma diminuição da sua recorrência e dispendiosidade da fase intermédia para a fase final, mas também da fase inicial para a fase final da época ao nível do recetor Grupal. Os resultados significativamente elevados na fase inicial e intermédia da época desportiva sugerem uma necessidade de utilização deste comportamento na intensificação da velocidade de execução das ações por parte dos atletas, face não só ao momento preparatório da época desportiva, melhorando as suas capacidades físicas e condicionais, como também face à transição de escalão formativo, onde os atletas necessitam de se adaptar às condições de treino impostas pelo TP e restante equipa técnica. À medida que os atletas se foram adaptando às intensidades de treino pretendidas pelo TP, os registos do comportamento foram diminuindo, como comprovam os resultados significativamente reduzidos na fase final da época.

Na categoria Silêncio, apesar de não se ter verificado diferenças significativas ao nível do registo de ocorrências da fase intermédia para a fase final da época, registou-se um aumento significativo da durabilidade do comportamento no registo de duração. Este aumento significativo do Silêncio na fase final da época sugere momentos mais alongados de tempo onde o TP não aparece no registo de vídeo e não realiza qualquer tipo de

comportamento ativo, sugerindo um papel menos interventivo no desenrolar dos exercícios de treino, reduzindo a informação fornecida aos atletas.

Da fase inicial para a fase final da época desportiva, registaram-se diferenças significativas nas categorias Questão, Responder à Questão, Feedback Positivo, Feedback Prescritivo, Feedback Descritivo, Feedback Avaliativo, Demonstração Positiva, Encorajamento e Silêncio.

Na Questão e Responder à Questão, categorias englobadas na dimensão Questionamento, as diferenças foram expressivas ao nível do recetor Grupal, com uma diminuição significativa da recorrência e dispendiosidade do comportamento. Na fase inicial da época desportiva, face à transição de escalão e respetivo formato de jogo, surgiu por parte do TP a necessidade de questionar o grupo de atletas quanto ao teor técnico e tático da modalidade, como forma de avaliação do seu grau de conhecimento (Partington & Cushion, 2011), através de questões de carácter mais convergente, dado a elevada ocorrência e dispendiosidade do comportamento Responder à Questão Grupal, indo de encontro aos resultados encontrados no estudo de Partington e Cushion (2011). Esta tendência de resultados é contrária ao verificado no estudo de Partington et al. (2015), onde a maioria dos Treinadores aumentava a utilização do Questionamento ao longo das fases de observação do estudo.

No Feedback Positivo, Feedback Prescritivo, Feedback Descritivo e Feedback Avaliativo, categorias englobadas na dimensão Feedback, verificou-se que as diferenças significativas localizaram-se sempre entre a fase inicial e a fase final da época desportiva, com uma diminuição significativa dos comportamentos. Tendo em conta a transição de escalão dos atletas, aliado ao fato do aumento da complexidade do formato de jogo inerente ao escalão, os resultados sugerem uma tendência para a elevada utilização do Feedback na fase inicial da época desportiva, dado o seu papel retroativo ao nível da informação sobre a ação realizada, permitindo a sua correção quase momentânea e respetiva retenção (Rosado et al., 2008). Com o desenrolar da época desportiva, as ações começam a ser bem executadas pelos atletas e a informação de retorno, tanto prescritiva, como descritiva ou avaliativa, deixa de ser recorrentemente utilizada.

No Feedback Positivo, as diferenças localizaram-se ao nível do recetor Individual e Grupal apenas no registo de ocorrências, apresentando-se como comportamentos bastante sucintos na fase inicial da época. Existindo uma utilização significativamente elevada do Feedback Prescritivo Grupal e Feedback Descritivo Individual na fase inicial

da época, parece ser sustentada a elevada ocorrência do Feedback Positivo, uma vez que a elevada informação, prescritiva ou descritiva, da ação realizada, pode levar o atleta a ser sobrecarregado de informação a ser retificada. Desta forma, a utilização do Feedback Positivo apresenta-se como forma de avaliação e valorização das ações individuais ou coletivas bem realizadas pelos atletas, permitindo variar a utilização do tipo de feedback (Rosado & Mesquita, 2015).

Relativamente ao Feedback Avaliativo, dado ser uma categoria de carácter comparativo, englobando as categorias Feedback Positivo e Feedback Negativo, apresentou diferenças significativas no registo de ocorrências e duração ao nível Individual, enquanto ao nível Grupal, as diferenças registaram-se apenas no registo de duração, sugerindo ser uma categoria mais alongada temporalmente, quando direccionada para um grupo de atletas.

Verificou-se ainda a ausência de diferenças significativas no Feedback Negativo e no Feedback Interrogativo, outras categorias englobadas na dimensão Feedback. A elevada recorrência do Feedback Positivo, dada a sensibilidade do desenvolvimento dos jovens atletas (Potrac et al., 2007), parece justificar a ausência de diferenças no Feedback Negativo, enquanto a elevada recorrência e dispendiosidade da categoria Questão parece justificar a ausência de diferenças no Feedback Interrogativo, onde o TP numa fase inicial da época apresenta uma preferência em questionar os atletas num momento de pausa do exercício em vez da interrogação sobre as ações realizadas no decorrer do mesmo, permitindo por um lado gerir da melhor forma os momentos de pausa do exercício, e por outro apelar à resposta estruturada por parte dos atletas (Partington & Cushion, 2011).

Na categoria Demonstração Positiva, as diferenças foram expressivas ao nível do recetor Grupal, com uma diminuição significativa da recorrência e dispendiosidade do comportamento. Este resultado vai de encontro ao verificado nas categorias englobadas na Dimensão Questionamento e Feedback com diferenças significativas entre estas fases de observação, na medida em que existe a transição de escalão e de formato de jogo por parte dos atletas, promovendo maior necessidade do TP no ensino da modalidade, incutindo por sua vez maior necessidade em demonstrar corretamente as ações a serem aprendidas pelos atletas, facilitando a sua retenção.

Relativamente à categoria Silêncio, as diferenças foram novamente expressivas da fase inicial para a fase final da época desportiva, com o aumento da sua recorrência e dispendiosidade. O papel bastante interventivo do TP no desenrolar das unidades de

treino, dada a elevada ocorrência e dispendiosidade das categorias englobadas nas dimensões Questionamento, Feedback, Demonstração e Encorajamento, parece ser o principal fator da reduzida ocorrência e dispendiosidade do Silêncio na fase inicial da época desportiva. Estes resultados vão de acordo a Partington et al. (2015), onde apesar de apresentar um estudo mais longitudinal (três épocas desportivas), verificou que os treinadores diminuíam a quantidade de comportamentos de Instrução e Feedback e aumentavam os comportamentos de Silêncio ao longo do estudo, verificando-se a diminuição ao nível da necessidade de atuação por parte do Treinador durante a unidade de treino.

Destaca-se, desta forma, uma elevada variabilidade do comportamento do TP ao longo das fases de observação, sugerindo uma constante adaptação do seu comportamento face ao momento da época, tendo em conta o planeamento de conteúdos a abordar, e face ao desenvolvimento dos atletas, tendo em conta a sua etapa de formação (Gilbert et al., 2001).

5.2 Análise do Comportamento do Treinador Adjunto no registo de ocorrências e duração

Verificou-se ao nível do registo de ocorrências do TA, que das 27 categorias e 67 comportamentos que englobam o sistema de observação, apenas a categoria Critérios de Êxito, ao nível do recetor Individual, apresentou diferenças significativas, com o aumento da recorrência do comportamento da FO1 para a FO3. A mesma situação verificou-se ao nível do registo de duração, onde a elevada durabilidade do comportamento na fase final da época acompanhou a sua elevada recorrência. Estes resultados parecem sugerir, na fase final da época, uma diferenciação da instrução por parte do TA, com a maior intervenção ao nível de missões táticas, relacionadas com as fases do jogo e as etapas associadas.

Verificou-se ainda diferenças significativas em duas outras categorias, a Questão e a Conversa com Atletas, mas essas diferenças foram apenas identificadas no registo de duração, não registando qualquer diferença ao nível do registo de ocorrências.

Na categoria Questão, registou-se uma diminuição da durabilidade do comportamento da FO1 para a FO3 ao nível do recetor Grupal. Este resultado apresentou-

se idêntico ao verificado no TP, apontando para a principal causa deste resultado a avaliação do grau de conhecimento dos atletas numa fase inicial da época, mas um tipo de questionamento de caráter mais divergente, visto não terem sido identificadas diferenças ao nível da categoria “Responder” À Questão, como verificado no TP. Estes resultados vão ao encontro dos estudos de Partington et al. (2014) e Stonebridge e Cushion (2018), onde se destacou a maior utilização do questionamento divergente pelos treinadores de escalões de formação mais velhos e pelos treinadores graduados, respetivamente. Apesar desta situação, este resultado não vai de encontro ao verificado por Partington et al. (2015), onde se verificou o aumento do Questionamento ao longo da duração do estudo.

Relativamente à categoria Conversa com Atletas, registou-se um aumento significativo da durabilidade do comportamento da FO1 para a FO2, e por sua vez uma diminuição da FO2 para a FO3 ao nível do recetor Individual. A elevada durabilidade do comportamento durante a fase intermédia da época desportiva parecer ter como principal razão a conversa de cariz pessoal com alguns atletas, de forma individual.

Destaca-se assim, a reduzida variabilidade dos comportamentos, tanto ao nível da recorrência como da dispendiosidade, ao longo das fases de observação por parte do TA, apresentando um perfil comportamental bastante homogéneo ao longo de cada fase da época desportiva.

5.3 Análise do Comportamento entre o Treinador Principal e o Treinador Adjunto no registo de ocorrências e duração

Ao nível do registo de ocorrências, das 27 categorias e 67 comportamentos que compõem o sistema de observação, foram encontradas diferenças significativas entre Treinadores em 8 categorias e 10 comportamentos na FO1, das quais se destaca a categoria Feedback Positivo e o Feedback Avaliativo com diferenças ao nível Individual e Grupal. Na FO2, foram encontradas 9 categorias e 11 comportamentos com diferenças significativas entre Treinadores, destacando-se a categoria Condições de Realização, com diferenças ao nível Individual e Equipa, e o Humor, com diferenças ao nível Individual e Grupal. Já na FO3, verificaram-se diferenças significativas em 8 categorias e 9

comportamentos, destacando-se novamente o Humor com diferenças ao nível Individual e Grupal.

Destaca-se, desde logo, que apesar de aumentar o número de categorias e comportamentos com diferenças significativas entre Treinadores da FO1 para a FO2, esse valor diminui da FO2 para a FO3, onde se apura que a FO3 foi a fase de observação com menor número de diferenças significativas entre os comportamentos dos dois Treinadores.

Verifica-se que dos 10 comportamentos que registaram diferenças significativas na FO1, apenas 3 comportamentos continuaram a registar diferenças significativas na FO2, entre eles o Feedback Positivo Individual, o Feedback Avaliativo Individual e o Humor Individual. Ao nível da FO2, dos 11 comportamentos que registaram diferenças significativas, apenas 4 continuaram a apresentar diferenças quando verificada a FO3, dos quais as Condições de Realização Individual, o Humor Individual, o Humor Grupal e o Encorajamento Individual. Ainda na FO1, dos 10 comportamentos significativamente diferentes, apenas 1 registou diferenças idênticas na FO3, o Humor Individual.

Apesar de continuarem a existir diferenças expressivas entre os dois Treinadores desde a fase inicial até à fase final de observação, verifica-se que apenas a categoria Humor Individual apresentou diferenças significativas ao longo das 3 fases de observação, com um registo claramente superior para o TA.

Relativamente ao registo de duração, foram encontradas diferenças significativas entre os dois Treinadores em 8 categorias e 9 comportamentos na FO1, das quais se destaca a categoria Feedback Positivo com diferenças ao nível do recetor Individual e Grupal. Na FO2, verificou-se que 11 categorias e 14 comportamentos apresentaram diferenças significativas entre os dois Treinadores, destacando-se a categoria Condições de Realização com diferenças ao nível do recetor Individual e Equipa e as categorias Humor e Encorajamento com diferenças ao nível do recetor Individual e Grupal. Já na FO3, última fase de observação, as diferenças registaram-se significativas em 5 comportamentos, cada um associado a uma diferente categoria.

Destaca-se novamente, como verificado no registo de ocorrências, que apesar de aumentar o número de categorias e comportamentos com diferenças significativas entre Treinadores da FO1 para a FO2, esse valor diminui da FO2 para a FO3, onde se apura que a FO3 foi novamente a fase de observação com menor número de diferenças

significativas entre comportamentos, sugerindo um aumento da homogeneidade na recorrência e durabilidade dos comportamentos por parte dos dois Treinadores na fase final da época.

Verifica-se que dos 9 comportamentos que registaram diferenças significativas na FO1 ao nível do registo de duração, apenas 3 comportamentos continuaram a registar diferenças significativas na FO2, entre eles o Feedback Positivo Individual, o Feedback Avaliativo Individual e o Humor Individual. Ao nível da FO2, dos 14 comportamentos que registaram diferenças significativas, apenas 4 continuaram a apresentar diferenças quando verificada a FO3, dos quais as Condições de Realização Individual, o Humor Individual, o Humor Grupal e o Elogio Grupal. Ainda na FO1, dos 9 comportamentos que registaram diferenças significativas, apenas 1 continuou com registo idêntico na FO3, nomeadamente o Humor Individual.

Realizando uma análise comparativa entre o registo de ocorrências e o registo de duração, verificou-se que os mesmos não eram idênticos quanto aos comportamentos identificados com diferenças significativas. Apurou-se que 6 comportamentos apenas apresentavam diferenças significativas no registo de ocorrências, entre eles o Feedback Negativo Grupal e o Feedback Avaliativo Grupal na FO1, os Critérios de Êxito Individual, Feedback Descritivo Individual e Conversa com Atletas Individual na FO2 e a Observação na FO3, enquanto 6 comportamentos apresentavam apenas diferenças significativas no registo de duração, nomeadamente as Componentes Críticas Individual e Gestão de Atletas na FO1 e Responder à Questão Grupal, Demonstração Positiva Individual, Repreensão Individual e Conversa com Equipa Técnica na FO2, não se verificando qualquer tipo de diferenças no registo de duração na FO3.

Destacou-se ainda o comportamento Encorajamento Individual, que apesar de apresentar diferenças idênticas entre os registos na FO2, apenas assinalou diferenças significativas no registo de ocorrências na FO3, enquanto o comportamento Elogio Grupal, apesar de apresentar diferenças significativas idênticas entre ambos os registos na FO3, apenas assinalou diferenças significativas no registo de duração na FO2.

Verifica-se novamente que apenas a categoria Humor Individual apresentou diferenças expressivas entre os dois Treinadores desde a fase inicial até à fase final de observação, em ambos os registos efetuados. Este resultado sugere que, apesar das diferenças significativas assinaladas em cada fase de observação ao nível dos diferentes registos de observação, as diferenças deparadas na FO3 são de comportamentos distintos

às verificadas na FO1, sucedendo-se desta forma uma constante mudança do perfil comportamental dos Treinadores, tanto ao nível da recorrência como da durabilidade dos comportamentos. Estes resultados confirmam uma heterogeneidade comportamental entre os Treinadores (Gilbert & Trudel, 1999).

Destinguiu-se ainda que ao longo das três fases de observação do estudo, apenas 5 categorias não apresentaram qualquer diferença significativa entre os dois Treinadores, nomeadamente o Objetivo, a Questão, o Feedback Prescritivo, a Demonstração Negativa e Outros Comportamentos. Apesar da reduzida ocorrência e dispendiosidade das categorias Objetivo, Demonstração Negativa e Outros Comportamentos em cada fase de observação para os dois Treinadores, a mesma situação não se verificou ao nível da Questão e do Feedback Prescritivo.

Na categoria Questão, os valores idênticos entre os dois Treinadores podem relacionar-se como a diminuição significativa, ao nível do recetor Grupal, da fase inicial para a fase final da época, por parte de ambos Treinadores. Na categoria Feedback Prescritivo, apesar de ter sido a categoria da dimensão Feedback com maior ocorrência e dispendiosidade para ambos os Treinadores, não apresentou diferenças significativas em nenhum dos registos realizados, apresentando semelhanças entre Treinadores na frequência e durabilidade de utilização da correção da ação através da forma prescritiva, sugerindo que ambos os Treinadores estão capacitados para identificar os erros e os enredos que estão na origem da sua ocorrência (Garganta et al., 2013), como também para a sua resolução.

Na fase inicial da época desportiva, registaram-se diferenças comportamentais entre os dois Treinadores em 10 categorias, entre elas Critérios de Êxito, as Componentes Críticas, o Feedback Positivo, o Feedback Negativo, o Feedback Avaliativo, o Humor, a Punição, a Gestão da Equipa Técnica, a Gestão de Atletas e a Conversa com Atletas.

Ao nível dos Critérios de Êxito e das Componentes Críticas, categorias englobadas na dimensão Instrução, as diferenças localizaram-se ao nível do Recetor Grupal, com valores expressivamente superiores para o TP. No caso dos Critérios de Êxito, os resultados sugerem uma maior necessidade em apresentar os requisitos necessários ao êxito dos exercícios como forma de facilitação do sucesso por parte dos atletas, visto que se encontram numa fase inicial da época e acabam de transitar de escalão, facilitando a sua adaptação ao novo contexto. Relativamente às Componentes Críticas, os valores significativamente superiores no registo de duração sugerem uma maior durabilidade de

intervenção sobre as componentes essenciais à execução dos comportamentos e respetivas ações técnico-táticas. Na fase inicial da época, o TP parece promover a repetição de ações realizadas pelos atletas em anos transatos, conduzindo à sua correta execução e posterior consolidação, de forma que nas fases posteriores da época desportiva possa aumentar não só a complexidade dos exercícios, como dos comportamentos e respetivas ações técnico-táticas de suporte.

Destaca-se nesta fase da época desportiva, a ausência de diferenças significativas entre os dois Treinadores nas Condições de Realização, permitindo sugerir que cada Treinador tem intervenção sobre a explicação de diferentes exercícios ao longo das unidades de treino.

No Feedback Positivo, verificaram-se valores significativamente superiores para o TP ao nível do recetor Individual e Grupal. A elevada utilização dos Critérios de Êxito e das Componentes Críticas por parte do Treinador na fase inicial da época parece sustentar este resultado, uma vez que o Feedback Positivo permite valorizar as ações, individuais ou coletivas, que foram realizadas de forma correta e que levaram ao sucesso da ação executada pelo atleta no exercício.

Ao nível do Feedback Negativo, os resultados foram claramente superiores para o TA na recorrência do comportamento, ao nível do Recetor Grupal. O TA apresentou, nesta fase da época, maior tendência em avaliar negativamente, e de forma sucinta, as ações coletivas mal realizadas pelos atletas, apresentando uma intervenção ao nível retroativo da informação sobre ação antagónica ao TP,

Relativamente ao Feedback Avaliativo, dado ser uma categoria de carácter comparativo, registou o mesmo tipo de diferenças significativas nas categorias que engloba, nomeadamente o Feedback Positivo e Feedback Negativo. No Feedback Avaliativo Individual, as diferenças registaram-se ao nível do registo de ocorrências e duração com valores significativamente superiores para o TP, apresentando um resultado idêntico ao Feedback Positivo Individual. No caso do Feedback Avaliativo Grupal, apesar das categorias Feedback Positivo e Feedback Negativo apresentarem diferenças significativas entre Treinadores, o valor expressivamente superior do TP no Feedback Positivo Grupal sobrepôs-se ao valor claramente superior do TA no Feedback Negativo Grupal, resultando em diferenças significativamente elevadas para o TP apenas ao nível do registo de ocorrências, sugerindo um comportamento de carácter sucinto quando direcionado a um grupo de atletas.

Na categoria Humor, registou-se valores claramente superiores para o TA, não só na fase inicial, como na fase intermédia e fase final da época ao nível do recetor Individual. A elevada ocorrência e durabilidade do comportamento por parte do TA sugere que a sua função adjuvante permite uma ligação de carácter mais informal e pessoal, quando comparado com o TP, possibilitando uma relação de carácter mais alegre com os atletas (Gilbert & Trudel, 2004). Importa ainda salientar que nem o TP nem o TA registaram, individualmente, diferenças significativas entre fases de observação para esta categoria.

Na categoria Punição, verificou-se valores expressivamente superiores para o TP ao nível do recetor Grupal. Este resultado na fase inicial da época parece apontar para a maior necessidade do TP na instauração da ordem do treino face ao papel de líder do processo formativo, visto que os atletas acabam de transitar de escalão e não estão identificados com as regras impostas pelo Treinador.

Nas categorias englobadas na dimensão Gestão, nomeadamente a Gestão da Equipa Técnica e a Gestão de Atletas, parece existir uma relação inversa entre os dois Treinadores na fase inicial da época desportiva. Enquanto o TP apresentou valores significativamente superiores na Gestão de Atletas no registo de duração, o TA exibiu valores expressivamente superiores na Gestão da Equipa Técnica em ambos os registos. Estes resultados sugerem uma organização na divisão de tarefas entre os dois Treinadores na fase inicial da época desportiva, onde o TA estava responsável pela organização dos exercícios do treino, enquanto o TP despendia claramente mais tempo na gestão dos atletas por grupos de trabalho e pelos respetivos exercícios a serem realizados.

Relativamente à Conversa com Atletas, verificaram-se na fase inicial da época diferenças entre os dois Treinadores ao nível do recetor Grupal. As apresentações iniciais ao grupo, face ao início da nova época desportiva, bem como as conversas iniciais dos treinos parecem sugerir o valor significativamente superior para o TP. Destaca-se nas conversas iniciais com o grupo a ausência dos guarda-redes, uma vez que as conversas iniciais do treino eram realizadas pelo respetivo Treinador.

Na fase intermédia da época desportiva, as diferenças entre os dois Treinadores registaram-se em 14 categorias, entre elas as Condições de Realização, Critérios de Êxito, Componentes Críticas, Responder à Questão, Feedback Positivo, Feedback Descritivo, Feedback Avaliativo, Demonstração Positiva, Humor, Encorajamento, Elogio,

Repreensão, Conversa com Equipa Técnica e Conversa com Atletas. Registou-se como a fase com maior número de diferenças expressivas entre o TP e o TA.

Na categoria Condições de Realização, revelaram-se diferenças significativas entre os dois Treinadores ao nível do recetor Individual e recetor Equipa. No caso do recetor Individual, verificaram-se valores expressivamente superiores para o TA e no caso do recetor Equipa valores claramente superiores para o TP. Nesta fase da época desportiva, os resultados sugerem um aumento da complexidade dos exercícios, não só em termos estruturais como organizacionais, uma vez que existe uma maior ocorrência e dispendiosidade do TP na explicação do exercício a todos os atletas presentes em treino, promovendo o aumento da sua estrutura numérica, e maior necessidade de explicação do exercício individualmente a um atleta por parte do TA, sugerindo uma maior necessidade de explicação de movimentações, trocas ou permutas entre os atletas no decorrer do exercício.

Ao nível dos Critérios de Êxito e Componentes Críticas, outras categorias da dimensão Instrução que registaram diferenças significativas na fase intermédia da época, exibiram valores significativamente superiores para o TP ao nível do recetor Individual. Novamente, estes resultados apontam para uma liderança de forma mais ativa no exercício por parte do TP, apresentando de forma mais sucinta os critérios que levam ao êxito do exercício, promovendo maiores hipóteses de sucesso do atleta no exercício, e intervindo verbalmente sobre as componentes essenciais à execução dos comportamentos e respetivas ações técnico-táticas. Destaca-se, individualmente, um aumento significativo do registo de ocorrências nas Componentes Críticas Individual por parte do TP, da FO1 para a FO2, apoiando a sua maior intervenção verbal na fase intermédia da época.

Como verificado na fase inicial da época, o TP registou valores significativamente superiores para estas duas categorias ao nível do recetor Grupal, permitindo não só avaliar o desempenho dos atletas no exercício como incutir a repetição dos comportamentos e ações técnico-táticas até à data consolidados. Na fase intermédia, com o avanço da época desportiva, surge a necessidade de elevar a complexidade dos exercícios, incutindo novos conteúdos a serem abordados, que por sua vez baseiam a intervenção do TP não só na instrução desses novos conteúdos ao atleta, como também na consolidação dos conteúdos até à data abordados.

Na categoria Responder à Questão, verificou-se valores claramente superiores para o TP no recetor Grupal ao nível do registo de duração. O aumento da complexidade dos

exercícios parece promover maior questionamento por parte dos atletas, e estando o TP envolvido na explicação do exercício (ocorrência e durabilidade significativamente elevadas das Condições de Realização Equipa), os resultados sugerem ser o próprio a responder às questões impostas pelos atletas.

Nas categorias englobadas na dimensão Feedback, verificaram-se diferenças no Feedback Positivo, Feedback Descritivo e Feedback Avaliativo, com um registo significativamente superior por parte do TP ao nível do recetor Individual em todas as categorias. Novamente, estes resultados apontam para maior intervenção sobre o decorrer do exercício por parte do TP, através de informação sobre a ação previamente realizada pelo atleta.

No Feedback Positivo, o TP pretende valorizar positivamente as ações individuais que foram realizadas pelo atleta, que previamente lhe foram instruídas através dos Critérios de Êxito e das Componentes Críticas do exercício.

No Feedback Descritivo, os valores superiores por parte do TP no registo de ocorrências sugerem que a maior incidência do comportamento é sobre ações já apreendidas pelo atleta, onde o TP apenas descreve, de forma sucinta, a incorreta realização da ação realizada pelo atleta, não avaliando ou prescrevendo qualquer solução para o seu êxito.

No caso do Feedback Avaliativo, dado ser uma categoria de caráter comparativo, apresenta um relação direta com o Feedback Positivo, registando diferenças significativas na mesma fase de observação e ao nível do mesmo recetor do comportamento.

Na categoria Demonstração Positiva, verificaram-se valores significativamente superiores para o TA no registo de duração ao nível do recetor Individual. Este resultado vai de encontro não só ao aumento da complexidade dos exercícios, uma vez que ocorre uma maior necessidade de demonstração da ação a ser executada, como também ao papel de caráter adjuvante do TA, na medida em que realiza a demonstração da ação a ser bem executada apenas a um determinado atleta.

Na categoria Humor, verifica-se nesta fase da época um valor comportamental superior por parte do TA no recetor Grupal, ao nível da ocorrência e durabilidade do comportamento. Os resultados desta categoria sugerem uma relação com a Demonstração Positiva, uma vez que a maior necessidade de demonstração pode indicar uma incorreta realização das ações. Por sua vez, dado o caráter mais informal e pessoal do TA, existe

maior tendência para divertir-se com essa situação, promovendo a alegria do grupo de atletas.

Na categoria Encorajamento, os valores expressivamente superiores nesta fase da época estão associados ao TP, não só ao nível do recetor Individual, como ao nível do recetor Grupal. Estes resultados apontam novamente para um aumento da complexidade estrutural e numérica do exercício, na medida em que não é apenas necessário por parte do TP intensificar velocidade de decisão ou execução dos comportamentos e ações individuais dos atletas, como também dos seus comportamentos e ações coletivas.

Em relação ao Elogio e à Repreensão, categorias englobadas na dimensão Comportamentos Verbais/Não Verbais, as diferenças apesar de se apresentaram apenas no registo de duração, foram divergentes não só ao nível dos Treinadores, como também ao nível do recetor do comportamento. No Elogio, o TP registou valores significativamente superiores ao nível do recetor Grupal. Apesar de não visar a melhoria do desempenho da ação realizada, a elevada utilização deste comportamento parece relacionar-se com o elevado Feedback Positivo e com o elevado Encorajamento registados na fase de observação intermédia, procurando demonstrar aos atletas a sua satisfação com o desenrolar do exercício e aumentando a sua confiança (Potrac et al., 2007). Na Repreensão, foi o TA quem registou valores claramente superiores ao nível do recetor Individual. A utilização expressiva deste comportamento por parte do TA parece relacionar-se com as elevadas Condições de Realização Individual, na medida em que o Treinador procura demonstrar descontentamento com as movimentações, trocas ou permutas mal realizadas pelo atleta.

Na dimensão Conversa, registaram-se diferenças significativas tanto na Conversa com a Equipa Técnica como na Conversa com Atletas, verificando-se valores claramente superiores para o TA nas duas categorias. O papel mais adjuvante do TA na fase intermédia da época parece ser a principal razão destes resultados, uma vez que possibilitou maior dispêndio de tempo em conversas com os restantes elementos técnicos, e maior recorrência de conversas com o atleta. A intervenção sucinta ao nível das Conversas com Atletas, no recetor Individual, pode relacionar-se com os elevados valores das Condições de Realização Individual, na medida em que se sugere que seja o TA a introduzir os atletas que chegam ao treino no desenrolar do exercício, conversando de forma sucinta com eles para verificar a sua predisposição, seguindo-se a explicação da realização do exercício.

Verificou-se na fase final da época desportiva o menor número de diferenças significativas entre o TP e o TA, registando-se em apenas 8 categorias, entre elas as Condições de Realização, Feedback Interrogativo, Humor, Encorajamento, Elogio, Observação, Silêncio e Atividade Motora.

Ao nível do TP, registaram-se valores de ocorrência significativamente superiores na categoria Observação, indicando maior número de momentos do treino na monitorização do exercício, e também a ocorrência e durabilidade significativamente superiores da categoria Silêncio, indicando não só, maior número de momentos, como maiores intervalos de tempos em que o Treinador não se encontra em intervenção verbal e visível nos momentos de prática, permitindo sugerir um papel menos ativo verbalmente nos exercícios do treino. Apesar de registar uma ocorrência significativamente superior da categoria Encorajamento, ao nível do recetor Individual, este resultado sugere a intervenção, de forma sucinta no exercício, apenas na intensificação das ações, prevenindo qualquer tipo de relaxamento por parte do atleta.

No caso do TA, manteve-se na fase final da época a elevada ocorrência e durabilidade da categoria Condições de Realização, ao nível do recetor Individual, sugerindo novamente a realização de exercícios com alguma complexidade ao nível de movimentações, trocas ou permutas no decorrer do exercício. Apesar desta situação, verificou-se ao nível do TP, para a mesma fase da época, a diminuição significativa das Condições de Realização ao nível do recetor Equipa, sugerindo uma alteração ao nível do interveniente na explicação do exercício.

Ainda no TA, a ocorrência e durabilidade significativamente superiores da categoria Feedback Interrogativo, ao nível do recetor Individual, e da categoria Elogio, ao nível do recetor Grupal, sugerem maior intervenção verbal do Treinador sobre os exercícios nesta fase da época quando comparado com a fase intermédia, visto que o TP não apresentou qualquer outro comportamento verbal com diferenças claramente superiores.

Ao nível do Feedback Interrogativo Individual, os valores elevados parecem sugerir maior preocupação no questionamento dos atletas sobre as ações previamente realizadas, permitindo ao Treinador por um lado, reavaliar o conhecimento do atleta, e por outro, reavivar o seu conhecimento sobre o desempenho da ação.

Na categoria Elogio, ao nível do recetor Grupal, verifica-se na fase final da época uma alternância entre os dois Treinadores, uma vez que na fase intermédia, o TP apresentou um registo de duração significativamente superior. Esta alteração de utilização do comportamento permite sugerir maior durabilidade de intervenção por parte do TA no desenrolar dos exercícios, demonstrando a sua satisfação para com o grupo de atletas, apesar da informação apresentar pouco conteúdo específico sobre a ação realizada.

Na fase final da época foi ainda possível verificar uma ocorrência e durabilidade expressivamente superior do TA ao nível da Atividade Motora. Este resultado indica maior número de momentos em que o Treinador participou ativamente como atleta na realização do exercício, devendo-se esta situação à introdução de Torneios de final de época que interferiam com o normal microciclo de trabalho para vários atletas. A maior participação nos exercícios por parte do TA pode ter influenciado, por um lado, os valores expressivamente superiores no Feedback Interrogativo Individual, permitindo questionar o atletas sobre a ação realizada sem ser necessário a realização de pausas no exercício, e por outro, os valores claramente superiores do Elogio ao nível do recetor Grupal, demonstrando satisfação pelas ações dos atletas na realização no exercício.

Apresentou-se ainda recorrência significativamente superior para o TA ao nível da categoria Humor, no recetor Grupal. Verifica-se uma elevada utilização deste comportamento por parte do TA, exibindo novamente um papel mais informal e pessoal com os atletas. A sua intervenção de forma sucinta pode novamente relacionar-se com o seu papel mais participativo nas unidades de treino, promovendo uma maior predisposição dos atletas para o momento de prática.

A alteração do papel interventivo dos Treinadores, na fase final da época, deveu-se principalmente à modificação do Comportamento do TP. Para a fase final da época, o TP registou uma diminuição significativa de comportamentos englobados nas dimensões Instrução, Questionamento, Feedback, Demonstração, Comportamentos Verbais/Não Verbais e Conversa, na categoria Conversa com Atletas, e um aumento significativo dos comportamentos englobados na dimensão Gestão, nomeadamente a Gestão da Equipa Técnica, na dimensão Conversa, particularmente a Conversa com Equipa Técnica, e na dimensão Silêncio. A diminuição de utilização de dimensões com carácter de intervenção verbal sobre os atletas para um aumento de utilização de dimensões com carácter não ativo e com pouca intervenção sobre os atletas ao nível verbal sugere uma adaptação do perfil comportamental do TP, consentindo por um lado, novamente, maior espaço de

intervenção nos exercícios aos restantes elementos da equipa técnica, entre eles o TA em estudo, e por outro, mais tempo na monitorização dos exercícios, possibilitando períodos de tempo mais prolongados de ausência de intervenção sobre os momentos de prática dos atletas. Tendo em conta o momento da época desportiva, estes resultados também podem sugerir alguma fadiga por parte do TP face ao desgaste acumulado ao longo da época, dado a elevada utilização de comportamentos de carácter verbal durante as outras fases de observação.

6 Conclusão

6.1 Conclusões

No presente estudo, o objetivo passou por analisar a dinâmica da relação do TP e TA ao longo das três fases de observação. De acordo com as hipóteses iniciais, nomeadamente H1 e H2, foi possível concluir que tanto o TP como o TA apresentaram diferenças significativas nos seus comportamentos durante as várias fases de observação.

Ao nível do TP, verificou-se uma elevada variabilidade do seu comportamento ao longo das fases de observação, com a capacidade de se adaptar face ao momento da época desportiva e face aos conteúdos a serem abordados no respetivo escalão etário. Relativamente ao TA, registou-se uma reduzida variabilidade do seu comportamento ao longo das fases de observação, permanecendo bastante homogéneo ao longo de toda a época desportiva. Estes resultados permitem concluir que, apesar de ambos os Treinadores registarem diferenças nos respetivos comportamentos ao longo das fases de observação, a elevada variabilidade comportamental do TP foi o principal responsável pelas alterações na dinâmica da relação entre os dois Treinadores.

Verificou-se que o TP ao longo das fases observadas da época desportiva demonstrou uma diminuição significativa de comportamentos associados às dimensões de Instrução, Feedback, Demonstração, Questionamento, Comportamentos Verbais/Não Verbais e Conversas, nomeadamente Conversa com Atletas, em paralelo a um aumento significativo de comportamentos associadas às dimensões Gestão, nomeadamente Gestão da Equipa Técnica, Conversa, nomeadamente Conversa com Equipa Técnica, e Silêncio. Estes resultados permitem concluir a diminuição de comportamentos de carácter verbal, com intervenção direta sobre o atleta, e um aumento de comportamentos de carácter não verbal, sem intervenção direta sobre o atleta, ao longo da época desportiva.

Relativamente ao TA, dado o reduzido número de comportamentos a registarem diferenças significativas, nomeadamente Critérios de Êxito, Questão e Conversa com Atletas, todos estes associados a comportamentos de carácter verbal com intervenção direta sobre o atleta, aliado à sua oscilação entre as diferentes fases de observação,

permite concluir que não existe uma tendência do perfil comportamental do Treinador ao longo da época desportiva, como verificado com o TP.

Ainda ao nível do TP, apesar de um reduzido número de diferenças comportamentais da fase inicial para a fase intermédia, o maior número de diferenças significativas verificou-se da fase inicial para a fase final da época desportiva. A mesma situação ocorreu com o TA, onde apesar do reduzido número de alterações comportamentais ao longo do estudo, o maior número de diferenças significativas também se registou da fase inicial para a fase final da época desportiva. Estes resultados permitem concluir que as modificações comportamentais de ambos os Treinadores ao longo da época desportiva foram de carácter progressivo, mas lento.

Verificou-se também, à exceção da categoria Humor, que registou diferenças significativas entre os dois Treinadores em todas as fases de observação, que as restantes diferenças comportamentais foram-se alterando ao longo de cada fase de observação. Esta variabilidade comportamental entre os dois Treinadores em cada momento de observação permitem, por um lado, concluir uma constante capacidade de adaptação de cada Treinador aos diferentes momentos da época desportiva, e por outro lado, comprovar as outras hipóteses iniciais previamente estabelecidas, nomeadamente H3 e H4, revelando diferenças significativas entre o comportamento do TP e do TA, não só numa determinada fase de observação (H3), como também entre as várias fases de observação do estudo (H4).

Dada a capacidade de adaptação comportamental dos dois Treinadores, proporcionada pelas respetivas alterações significativas dos comportamentos ao longo das fases observadas da época desportiva, foi possível verificar diferenças entre o comportamento do TP e do TA ao longo de cada fase de observação.

Na fase de observação inicial foi possível verificar a ausência de qualquer diferença entre os dois Treinadores na categoria Condições de Realização, contrariamente ao verificado nas outras duas fases de observação, que permite concluir desde logo intervenção sobre a explicação dos exercícios do treino idênticas entre os dois Treinadores. Aliado a este resultado, verificou-se por parte do TP a utilização significativamente superior de categorias associadas à dimensão Instrução, nomeadamente Critérios de Êxito e Componentes Críticas, e à dimensão Feedback, respetivamente Feedback Positivo e Feedback Negativo, enquanto o TA apenas registou valores significativamente superiores da categoria Feedback Negativo, associados à

dimensão Feedback. Estes resultados permitem também concluir sobre a maior transmissão de conteúdo de carácter informativo por parte do TP em relação ao TA nesta fase de observação. Ainda nesta fase, foi possível verificar uma divergência de utilização das categorias associadas à dimensão Gestão, onde o TP registou maior utilização da Gestão dos Atletas, enquanto o TA maior utilização da Gestão da Equipa Técnica. Este resultado, aliado à maior utilização da categoria Conversas com Atletas por parte do TP, permite ainda concluir que nesta fase de observação existiu uma organização prévia das unidades de treino face à sua gestão por parte dos dois Treinadores.

Na fase de observação intermédia, verificando-se diferenças significativas entre os dois Treinadores na categoria Condições de Realização, com um aumento do TP quanto ao recetor Equipa e o TA quanto ao recetor Individual, permite desde logo concluir uma alteração da complexidade numérica dos exercícios por parte dos dois Treinadores, situação que não se tinha verificado na fase inicial de observação. Foi ainda possível verificar novamente por parte do TP um acréscimo significativo na utilização das categorias Critérios de Êxito e Componentes Críticas, e ainda do Responder à Questão, do Feedback Positivo, do Feedback Descritivo, do Feedback Avaliativo e do Encorajamento, enquanto o TA um acréscimo significativamente superior das categorias Demonstração Positiva, Repreensão e Conversa com Atletas, todas estas quanto ao recetor individual, e ainda ao nível da categoria Conversa com Equipa Técnica. Estes resultados permitem concluir sobre uma alteração no desempenhar de funções dos dois Treinadores nas unidades de treino desta fase intermédia de observação, onde o TP assume um papel mais interventivo nos exercícios de treino, enquanto o TA assume um papel de suporte à intervenção do TP.

Na fase final de observação, verificando-se na categoria Condições de Realização por parte do TA um acréscimo significativo do recetor Individual face ao TP, permite novamente concluir uma alteração da complexidade numérica dos exercícios por parte dos dois Treinadores. Tendo-se verificado ainda por parte do TP que, à exceção da categoria Encorajamento, ocorreu um acréscimo significativo das categorias Observação e o Silêncio, enquanto no TA um acréscimo significativo nas categorias Feedback Interrogativo, Elogio e Atividade Motora. Estes resultados permitem concluir um aumento de comportamentos de carácter não verbal por parte do TP, com pouca intervenção direta sobre os atletas, e um aumento de comportamentos de carácter verbal

por parte do TA, com maior intervenção sobre os atletas e, novamente, maior controlo sobre os exercícios, nesta fase final de observação.

Destaca-se assim que foi a última fase de observação a registar um menor número de diferenças entre os dois Treinadores. Estes resultados, apoiados pelas modificações comportamentais progressivas de ambos os Treinadores, principalmente pela elevada variabilidade comportamental do TP, permitem concluir uma relação comportamental entre os dois Treinadores cada vez mais homogênea com o aproximar do final da época desportiva.

A divergência de resultados entre o registo de ocorrências e o registo de duração na observação do comportamento dos Treinadores permitem, também, concluir sobre a necessidade de realização destes dois tipos registos de observação, possibilitando averiguar a presença de comportamentos de carácter mais sucinto ou alongado dos Treinadores nas diferentes fases da época desportiva.

6.2 Limitações

6.2.1 Limitação da Recolha de Dados

Existindo apenas uma câmara de filmar para o registo visual dos dois Treinadores, surgiram dificuldades no acompanhamento visual de ambos em vários momentos das unidades de treino. Nos momentos onde não existia suporte visual, era utilizado unicamente a gravação de voz como forma de suporte do comportamento do Treinador.

6.2.2 Limitação do Registo de Observações

Nas observações das unidades de treino, verificou-se que as distâncias temporais nas diferentes fases, e entre fases de observação, não conseguiram ser exatamente idênticas, como previamente definido.

Esta situação teve por base diferentes contratempos, entre elas a adaptação do macrociclo do escalão, a ocorrência de falhas no instrumento de gravação/filmagem e a ausência em treino de um dos treinadores da amostra face a situações pessoais.

Ao nível da adaptação do macrociclo do escalão, esta situação deveu-se à introdução de torneios, de carácter nacional e internacional, que influenciavam diretamente a observação conjunta dos treinadores em treino. Outra situação deveu-se à realização de jogos de carácter amigável durante a unidade de treino, não sendo possível observar o comportamento dos treinadores em estudo. Verificou-se este tipo de situações na 1ª e 3ª fases de observação.

Ao nível da ausência do treinador em treino face a motivos pessoais, este tipo de situação ocorreu na 2ª e 3ª fases de observação, enquanto as falhas no instrumento da gravação/filmagem a ocorrerem apenas na 3ª fase de observação.

6.2.3 Limitações ao nível da amostra do estudo

Na análise do comportamento dos Treinadores em estudo, verificou-se a necessidade de aumentar a amostra de unidades de treino observadas, uma vez que a realização da correção de Bonferroni, como forma de localização das diferenças comportamentais dos Treinadores entre as fases de observação, não conclui a localização exata dessas respetivas diferenças.

6.3 Recomendações

Através da realização do presente estudo foi possível desenvolver algumas linhas de orientação dos comportamentos dos Treinadores que suscitam interesse para investigações futuras.

Uma dessas situações seria a realização de mais investigações com metodologias idênticas à do presente estudo, possibilitando futuras comparações com os comportamentos de outros Treinadores e as suas respetivas modificações ao longo das fases de observação.

Outra das recomendações seria a continuidade da investigação dos Treinadores em estudo, desenvolvendo uma investigação de carácter mais longitudinal, permitindo não só aumentar a sua amostra como analisar os seus comportamentos ao longo de outras épocas desportivas e as suas respetivas linhas de evolução comportamental.

Seria ainda pertinente investigar os comportamentos dos Treinadores de outras equipas técnicas do clube, tanto de escalões inferiores como de escalões superiores ao do presente estudo, permitindo analisar o comportamento dos Treinadores na respetiva equipa técnica e ao mesmo tempo procurar uma linha de orientação do perfil comportamental ao longo dos diversos escalões.

Outra recomendação prendia-se com a realização de mais investigações com a utilização de Treinadores do mesmo escalão etário, mas de outros clubes de formação, elite ou não elite, possibilitando uma comparação direta com os resultados do presente estudo.

Por fim, seria ainda pertinente investigar o comportamento de Treinadores com anos de experiência conjunta, como é o caso do presente estudo, com treinadores a iniciar funções na mesma equipa técnica, possibilitando identificar tendências entre os diferentes perfis comportamentais.

6.4 Aplicações Práticas

Os resultados do estudo permitem apresentar algumas aplicações práticas que possibilitam o desenvolvimento do comportamento dos Treinadores em situação de treino através da realização do respetivo sistema de observação:

- Fornecer aos Treinadores de uma determinada Equipa Técnica as respetivas informações comportamentais de cada fase de observação, que permitam ser correlacionadas com a literatura em questão, com os respetivos conteúdos a serem abordados e com o momento da época observada, possibilitando uma auto e hétero avaliação e reflexão crítica.
- Fornecer aos clubes informações comportamentais sobre os Treinadores, possibilitando desenvolver uma linha orientadora dos perfis comportamentais dos

respetivos elementos de cada equipa técnica ao longo dos diversos escalões etários.

7 Referências Bibliográficas

- Berliner, C. (1986). In Pursuit of the Expert Pedagogue. *Educational Researcher*, 15(7), 5-13. <https://doi.org/10.3102/0013189X015007007>
- Brewer, C.J., & Jones, R.L. (2002). A five-stage process for establishing contextually valid systematic observation instruments: The case of rugby union. *The Sport Psychologist*, 16(2), 138–169. <https://doi.org/10.1123/tsp.16.2.138>
- Brito, A. (1999). *A actividade pedagógica do treinador em ginástica artística – Estudo comparativo do treinador de ginástica artística do sistema federado e do treinador (professor de Educação Física) de ginástica artística do sistema Educativo-Desporto Escolar*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Lisboa: FMH – UTL.
- Claxton, D. (1988). A Systematic Observation of More and Less Successful High School Tennis Coaches. *Journal of Teaching in Physical Education*, 7(4), 302-310. <https://doi.org/10.1123/jtpe.7.4.302>
- Côté, J., & Gilbert, W. (2009). An integrative definition of coaching effectiveness and expertise. *International Journal of Sports Science and Coaching*, 4(3), 307-323. <https://doi.org/10.1260/174795409789623892>
- Côté, J., Saimela, J., Trudel, P., Baria, A., & Russel, S. (1995). The Coaching Model: A Grounded Assessment of Expert Gymnastic Coaches' Knowledge. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 17(1), 1-17. <https://doi.org/10.1123/jsep.17.1.1>
- Cunha, A., Gaspar, A., Costa, C., Carvalho, F., & Fonseca, J. S. (2000). O "Bom" Treinador - Representações das Características dos Treinadores segundo Atletas da Modalidade Desportiva Coletiva - Futebol. *Revista Horizonte*, 16 (91), 27-33.
- Cunha, G. B., Mesquita, I. M. R., Rosado, A. F. B., Sousa, T., & Pereira, P. (2010). Necessidades de formação para o exercício profissional na perspetiva do treinador de Futebol em função da sua experiência e nível de formação. *Motriz. Revista de Educação Física. UNESP*.
- Cushion, J. C. & Jones, R. L. (2001). A Systematic Observation of Professional Top-level Youth Soccer Coaches. *Journal of Sport Behavior*, 24 (4): 354-378.

- Cushion, C., Ford, P., & Williams, A. M. (2012a). Coach behaviour and practice structures in youth soccer: Implications for talent development. *Journal of Sports Science*, 30 (15), 1631-1641. <https://doi.org/10.1080/02640414.2012.721930>
- Cushion, C., Harvey, S., Muir, B., & Nelson, L. (2012b). Developing the Coach Analysis and Intervention System (CAIS): Establishing validity and reliability of a computerised systematic observation instrument. *Journal of Sports Sciences*, 30 (2), 201-216. <https://doi.org/10.1080/02640414.2011.635310>
- Darden, G. F. (1997). Demonstrating motor skills – rethinking expert demonstration. *JOPERD*, 68(6), 31-35. <https://doi.org/10.1080/07303084.1997.10604962>
- De Marco, G. M., Mancini, V. H., & West, D. A. (1997). A Qualitative and Quantitative Analysis of a Baseball Coach's Behavior. *Journal of Sport Behavior*, 20(2), 135.
- Ford, P. R., Yates, I., & Williams, A. M. (2010). An analysis of practice activities and instructional behaviours used by youth soccer coaches during practice: Exploring the link between science and application. *Journal of Sports Sciences*, 28(5), 483-495. <https://doi.org/10.1080/02640410903582750>
- Garganta, J., Guilherme, J., Barreira, D., Brito, J., & Rebelo, A. (2013). Fundamentos e práticas para o ensino e treino do futebol. In F. Tavares (Ed.), *Jogos Desportivos Coletivos. Ensinar a jogar* (pp. 199-263). Porto: FADEUP.
- Gilbert, W., & Trudel, P. (1999). An evaluation strategy for coach education programs. *Journal of Sport Behavior*, 22(2), 234-250.
- Gilbert, W.D., Gilbert, J. N., & Trudel, P. (2001). Coaching Strategies for Youth Sports: Part 1: Athlete Behavior and Athlete Performance. *Journal of Physical Education, Recreation & Dance*, 72(4), 29-33. <https://doi.org/10.1080/07303084.2001.10605736>
- Gilbert, W. D., & Trudel, P. (2004). Role of the Coach: How Model Youth Team Sport Coaches Frame Their Role. *The Sport Psychologist*, 18(1), 21-43. <https://doi.org/10.1123/tsp.18.1.21>
- Gomes, A. R., & Cruz, J. F. (2006). Relação Treinador-A atleta e Exercício da Liderança no Desporto: a Percepção de Treinadores de Alta Competição. *Estudos de Psicologia*, 1, 11.

- Gouveia, T., Lopes, J., Pinheiro, V., & Sequeira, P. (2014). O Papel Pedagógico do Treinador Desportivo: Uma Perspetiva Histórica. *Revista da Sociedade Científica de Pedagogia do Desporto*, 4, 20-25.
- Horn, T. S. (1985). Coaches' feedback and changes in children's perceptions of their physical competence. *Journal of Education Psychology*, 77(2), 174-186. <https://doi.org/10.1037/0022-0663.77.2.174>
- Kwak, E.C. (2005). The immediate effects of various Task presentation types on Middle School Students' Skill Learning. *International Journal of Applied Sports Sciences*, 17(1), 7-17.
- Lacy, A. C., & Darst, P. W. (1985). Evolution of a Systematic Observation System: The ASU Coaching Observation Instrument. *Journal of Teaching in Physical Education*, 3(3), 59-66. <https://doi.org/10.1123/jtpe.3.3.59>
- Lombardo, B. J., Faraone, N. F., & Pothier, D. (1983). *The Coach in Action: A Descriptive Analysis*. Paper presented at the Convention of the Eastern District Association of the American Alliance for Health, Physical Education, Recreation and Dance (Providence, RI).
- Magill, R. (1994). The Influence of Augmented Feedback on Skill Learning Depends on Characteristics of the Skill and the Learner. *Quest*, 46(3), 314-327. [doi:10.1080/00336297.1994.10484129](https://doi.org/10.1080/00336297.1994.10484129)
- McCullagh P., & Meyer, K.N. (1997). Learning versus Correct Models: Influence of Model Type on the Learning of a Free-Weight Squat Lift. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 68(1), 56-61. <https://doi.org/10.1080/02701367.1997.10608866>
- McPherson, S. L. (2000). Expert-Novice Differences in Planning Strategies during Collegiate Singles Tennis Competition. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 22(1), 39-62. <https://doi.org/10.1123/jsep.22.1.39>
- More, K. G., & Franks, I. M. (1996). Analysis and modification of verbal coaching behaviour: The usefulness of a data-driven intervention strategy. *Journal of Sports Sciences*, 14(6), 523-543. <https://doi.org/10.1080/02640419608727739>
- Nash, C., & Collins, D. (2006). Tacit Knowledge in Expert Coaching: Science or Art?. *Quest*, 58(4), 465-47. <https://doi.org/10.1080/00336297.2006.10491894>

- O'Connor, D., Larkin, P., & Williams, A. M. (2018). Observation of youth football training: How do coaches structure training sessions for player development. *Journal of Sports Sciences*, 36(1), 39-47. <https://doi.org/10.1080/02640414.2016.1277034>
- Palma, N., Rosado, A., Mesquita, I., & Calvo, M. (2004). La relación entrenador – atleta en fútbol. Caracterización del comportamiento funcional de los entrenadores en situación de entrenamiento. *Revista Digital*. Buenos Aires. Año 10, nº70.
- Partington, M., & Cushion, C. (2011). An investigation of the practice activities and coaching behaviors of professional top-level youth soccer coaches. *Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports*, 23(3), 374-382. <https://doi.org/10.1111/j.1600-0838.2011.01383.x>
- Partington, M., Cushion, C., & Harvey, S. (2014). An investigation of the Effect of athlete' age on the coaching behaviours of professional top-level youth soccer coaches. *Journal of Sports Science*, 32(5), 403-414. <https://doi.org/10.1080/02640414.2013.835063>
- Partington, M., Cushion, C., Cope, E., & Harvey, S. (2015). The impact of video feedback on professional coaches+ reflection and practice behaviour: a longitudinal investigation of behaviour change. *Reflective Practice*, 16(5), 700-716. <https://doi.org/10.1080/14623943.2015.1071707>
- Piéron, M. (1986). *Enseignement des Activités Physiques et Sportives: observation et recherche*. Liège: Université de Liège.
- Piéron, M. (1988). *La relation pédagogique d'entraînement*. Sport, 121, 12- 17.
- Piéron, M. (1993). *Analyser l'enseignement pour mieux enseigner*, Dossiers EPS, n.º 16, Paris; Edition Revue EPS.
- Potrac, P., Brewer, C., Jones, R., Armour, K., & Hoff, J. (2000). Toward an Holistic Understanding of the Coaching Process. *Quest*, 52(2), 186-199. <https://doi.org/10.1080/00336297.2000.10491709>
- Potrac, P., Jones, R., & Cushion, C. (2007). Understanding Power and the Coach's Role in Professional English Soccer: A Preliminary Investigation of Coach Behavior. *Soccer & Society*, 8(1), 33-49. <https://doi.org/10.1080/14660970600989509>

- Raya-Castellano, P. E., Reeves, M. J., Littlewood, M., & McRobert, P. (2020). An exploratory investigation of junior-elite football coaches' behaviours during video-based feedback sessions. *International Journal of Performance Analysis in Sport*, 20(4), 729-746. <https://doi.org/10.1080/24748668.2020.1782717>
- Reinboth, M., Duda, J. L., & Ntoumanis, N. (2004). Dimensions of Coaching Behavior, Need Satisfaction, and the Psychological and Physical Welfare of Young Athletes. *Motivation and Emotion*, 28(3), 297-313. <https://doi.org/10.1023/B:MOEM.0000040156.81924.b8>
- Rejeski, W., Darracott, C., & Hustlar, S. (1979). Pygmalion in Youth Sport: A Field Study. *Journal of Sport Psychology*, 1(4), 311-319. <https://doi.org/10.1123/jsp.1.4.311>
- Rink, J. (1994). The Task Presentation in Pedagogy. *Quest*, 46, 270-280. <https://doi.org/10.1080/00336297.1994.10484126>
- Rodrigues, J., Rosado, A., Sarmiento, P., Ferreira, V., & Veiga, A. (1993). O Sistema de Observação do Treinador e do Atleta (SOTA). Estudo ilustrativo em Natação e Voleibol. *Pedagogia do Desporto – Estudos*, 1, 2-17.
- Rodrigues, J. (1995). *O Comportamento do Treinador. Estudo da Influência do Objectivo dos Treinos e do Nível de Prática dos Atletas na actividade Pedagógica do Treinador de Voleibol*. (Tese de Doutoramento não publicada). Lisboa: FMH-UTL.
- Rosado, A., Mesquita, I., Breia, I., & Januário, N. (2008). Athlete's Retention of Coach's Instruction on Task Presentation and Feedback. *International Journal of Performance Analysis in Sport*, 1(8), 19-30. <https://doi.org/10.1080/24748668.2008.11868419>
- Rosado, A., & Mesquita, I. (2015). *Pedagogia do Desporto*. (3ª ed.). Faculdade de Motricidade Humana.
- Rosenshine, B. & Furst, N. (1973). The use of direct observation to study teaching. In R.M.W. Tavers (Ed.), *Second Handbook of Research on Teaching* (pp. 122-183). Chicago: Rand McNally.
- Saury, J. & Durand, M. (1998). Practical Knowledge in Expert Coaches: On-Site Study of Coaching in Sailing. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 69(3), 254 – 266. <https://doi.org/10.1080/02701367.1998.10607692>

- Schmidh, R.A. (1991). *Motor learning & performance. From principles to practice*. Champaign, IL: Human Kinetics.
- Segrave, J., & Ciancio, A. (1990). An Observational Study of a Successful Pop Warner Football Coach. *Journal of Teaching in Physical Education*, 9(4), 294-306. <https://doi.org/10.1123/jtpe.9.4.294>
- Siedentop, D. & Eldar, E. (1989). Expertise, Experience, and Effectiveness. *Journal of Teaching in Physical Education*, 8(3), 254-260.
- Siedentop, D. (1991). *Developing Teaching Skills in Physical Education* (3rd ed.). Palo Alto: Mayfield Publishing Company.
- Smith, M., & Cushion, J. (2006). An Investigation of the in-game behaviours of professional, top-level youth soccer coaches. *Journal of Sports Sciences*, 24(4), 355-366. <https://doi.org/10.1080/02640410500131944>
- Smith, R. E., Smoll, F. L., & Curtis, B. (1979). Coach Effectiveness Training: A Cognitive-Behavioral Approach to Enhancing Relationship Skills in Youth Sport Coaches. *Journal of Sports Psychology*, 1(1), 59-75. <https://doi.org/10.1123/jsp.1.1.59>
- Smith, R. E., Smoll, F. L., & Hunt, E. (1977). A System for the Behavioral Assessment of Athletic Coaches. *Research Quarterly. American Alliance for Health, Physical Education and Recreation*, 48(2), 401-407. <https://doi.org/10.1080/10671315.1977.10615438>
- Smith, R. E., & Smoll, F. L. (1990). Self-Esteem and Children's Reactions to Youth Sport Coaching Behaviors: A Field Study of Self-Enhancement Process. *Developmental Psychology*, 26(6), 987-993. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.26.6.987>
- Sweeting, T., & Rink, J. (1999). Effects of Direct Instruction and Environmentally Designed Instruction on the Process and Product Characteristics of a Fundamental Skill. *Journal of Teaching in Physical Education*, 18(2), 216-233. <https://doi.org/10.1123/jtpe.18.2.216>
- Stonebridge, I., & Cushion, C. (2018). An Exploration of the relationship between educational background and the coaching behaviours and practice activities of professional youth soccer coaches. *Physical Education and Sport Pedagogy*, 23(6), 636-656. <https://doi.org/10.1080/17408989.2018.1485143>

- Tan, S. K. (1996). Differences between Experienced and Inexperienced Physical Education Teacher's Augmented Feedback and Interactive Teaching Decisions. *Journal of Teaching in Physical Education*, 15(2), 151-170. <https://doi.org/10.1123/jtpe.15.2.151>~
- van der Mars, H. (1989). Systematic observation: An introduction. In P. W. Darst, D. B. Zakrajsek, & V. H. Mancini (Eds.), *Analyzing physical and sport instruction* (2nd ed., pp. 3–18). Human Kinetics.
- Vangucci, M., Potrac, P., & Jones, R.L. (1998). A systematic observation of elite women's soccer coaches. *Journal of Interdisciplinary Research in Physical Education*, 2(1), 1-18.
- Werner, P., & Rink, J. (1987). Case Studies of Teacher Effectiveness in Second Grade Physical Education. *Journal of Teaching in Physical Education*, 8, 280-297. <https://doi.org/10.1123/jtpe.8.4.280>

8 Anexos

8.1 Anexo 1 - Consentimento Informado da Coordenação Técnica

Rodrigo da Costa Alves Gato

rodrigogato18@hotmail.com

Telefone: 918240715

Ex.mo Sr. Coordenador Técnico _____

Assunto: Recolha de dados para realização da Dissertação de Mestrado

Eu, Rodrigo da Costa Alves Gato, treinador de futebol no Sporting Clube de Portugal; aluno de Mestrado de Treino de Alto Rendimento na Faculdade de Motricidade Humana, venho por este meio solicitar a sua disponibilidade, enquanto Coordenador Técnico do Sporting Clube de Portugal, para participar/cooperar na realização da minha dissertação.

A dissertação de mestrado é orientada pelo Professor Doutor Fernando Gomes (FMH-UTL) e tem como objetivo estudar o comportamento do treinador infante-juvenil, na modalidade de futebol, no contexto de treino.

Para o cumprimento do objetivo acima referido é necessário a filmagem e gravação da intervenção do Treinador, durante a totalidade das unidades de treino. Utilizaremos para o seguinte efeito uma câmara de vídeo e um gravador aplicado ao treinador. Findo o estudo, será enviado aos treinadores presentes na amostra um resumo, bem como os resultados e conclusões do trabalho.

Sem outro assunto, agradeço a sua disponibilidade.

Cruz Quebrada, _____ de Novembro de 20__

Rodrigo Gato

8.2 Anexo 2 - Consentimento Informado do Treinador Principal

Rodrigo da Costa Alves Gato

rodrigogato18@hotmail.com

Telefone: 918240715

Ex.mo Sr. Treinador _____

Assunto: Recolha de dados para realização da Dissertação de Mestrado

Eu, Rodrigo da Costa Alves Gato, treinador de futebol no Sporting Clube de Portugal; aluno de Mestrado de Treino de Alto Rendimento na Faculdade de Motricidade Humana, venho por este meio solicitar a sua disponibilidade, enquanto Treinador Principal do escalão de sub-13 do Sporting Clube de Portugal, para participar/cooperar na realização da minha dissertação.

A dissertação de mestrado é orientada pelo Professor Doutor Fernando Gomes (FMH-UTL) e tem como objetivo estudar o comportamento do treinador infanto-juvenil, na modalidade de futebol, no contexto de treino.

Para o cumprimento do objetivo acima referido é necessário a filmagem e gravação da intervenção do Treinador, durante a totalidade das unidades de treino. Utilizaremos para o seguinte efeito uma câmara de vídeo e um gravador aplicado ao treinador. Findo o estudo, será enviado aos treinadores presentes na amostra um resumo, bem como os resultados e conclusões do trabalho.

Sem outro assunto, agradeço a sua disponibilidade.

Cruz Quebrada, _____ de Novembro de 20____

Rodrigo Gato

8.3 Anexo 3 - Consentimento Informado do Treinador Adjunto

Rodrigo da Costa Alves Gato

rodrigogato18@hotmail.com

Telefone: 918240715

Ex.mo Sr. Treinador _____

Assunto: Recolha de dados para realização da Dissertação de Mestrado

Eu, Rodrigo da Costa Alves Gato, treinador de futebol no Sporting Clube de Portugal; aluno de Mestrado de Treino de Alto Rendimento na Faculdade de Motricidade Humana, venho por este meio solicitar a sua disponibilidade, enquanto Treinador Adjunto do escalão de sub-13 do Sporting Clube de Portugal, para participar/cooperar na realização da minha dissertação.

A dissertação de mestrado é orientada pelo Professor Doutor Fernando Gomes (FMH-UTL) e tem como objetivo estudar o comportamento do treinador infanto-juvenil, na modalidade de futebol, no contexto de treino.

Para o cumprimento do objetivo acima referido é necessário a filmagem e gravação da intervenção do Treinador, durante a totalidade das unidades de treino. Utilizaremos para o seguinte efeito uma câmara de vídeo e um gravador aplicado ao treinador. Findo o estudo, será envidado aos treinadores presentes na amostra um resumo, bem como os resultados e conclusões do trabalho.

Sem outro assunto, agradeço a sua disponibilidade.

Cruz Quebrada, _____ de Novembro de 20__

Rodrigo Gato

8.4 Anexo 4 - Validade do Sistema de Observação

Rodrigo Gato e Fernando Gomes, 2021

No seguimento do enquadramento efetuado relativo à validade de conteúdo, solicitamos a colaboração de Vossa Excelência para o preenchimento rigoroso da presente escala relativa a cada um dos comportamentos constituintes do Sistema de Observação da Ação do Treinador (S.O.A.T), designadamente ao nível da relevância, clareza, simplicidade e ambiguidade, avaliados com valores entre 1 e 4, como é possível verificar no questionário infra.

As respostas devem ser assinaladas com uma cruz (X), na opção correspondente, podendo-se efetuar observações, quando necessário.

O objetivo é verificar a validade de conteúdo do sistema de observação que irá permitir a análise do comportamento dos treinadores, treinador principal e treinador adjunto, em contexto de treino infante juvenil, na modalidade de Futebol.

Itens	Questionário – Validação de Conteúdo															
	Relevância				Clareza				Simplicidade				Ambiguidade			
	1 Irrelevante	2 Pouco relevante	3 Relevante	4 Muito relevante	1 Não é claro	2 Pouco claro	3 Claro	4 Muito claro	1 Não é simples	2 Pouco simples	3 Simples	4 Muito simples	1 Significa do muito duvidoso	2 Significa do duvidoso	3 Significa do claro	4 Significa do muito claro
Item 1:																
Observações																
Item 2:																
Observações																
Item 3:																
Observações																
Item 4:																
Observações																
Item 5:																
Observações																
Item 6:																
Observações																
Item 7:																
Observações																
Item 8:																
Observações																
Item 9:																
Observações																
Item 10:																
Observações																
Item 11:																
Observações																
Item 12:																
Observações																
Item 13:																
Observações																
Item 14:																
Observações																
Item 15:																
Observações																
Item 16:																
Observações																
Item 17:																
Observações																
Item 18:																
Observações																

Itens	Questionário – Validação de Conteúdo															
	Relevância				Clareza				Simplicidade				Ambiguidade			
	1 Irrelevante	2 Pouco relevante	3 Relevante	4 Muito relevante	1 Não é claro	2 Pouco claro	3 Claro	4 Muito claro	1 Não é simples	2 Pouco simples	3 Simples	4 Muito simples	1 Significado muito duvidoso	2 Significado duvidoso	3 Significado claro	4 Significado muito claro
Item 19:																
Observações																
Item 20:																
Observações																
Item 21:																
Observações																
Item 22:																
Observações																
Item 23:																
Observações																
Item 24:																
Observações																
Item 25:																
Observações																
Item 26:																
Observações																
Item 27:																
Observações																

O Perito: _____

8.5 Anexo 5 - Tratamento Estatístico

Comportamento do Treinador Principal no registo de ocorrências

Categoria	Recetor	FO1			FO2			FO3		
		X ± DP	Min	Máx	X + DP	Min	Máx	X + DP	Min	Máx
Objetivo	Individual	0.40 ± 0.843	0	2	0.00 ± 0.000	0	0	0.00 ± 0.000	0	0
	Grupal	3.80 ± 2.658	1	10	1.60 ± 1.713	0	5	2.10 ± 2.558	0	8
	Equipa	0.20 ± 0.632	0	2	0.7 ± 1.252	0	3	0.10 ± 0.316	0	1
Condições de Realização	Individual	11.70 ± 13.937	0	43	7.60 ± 3.864	0	12	7.90 ± 9.852	0	26
	Grupal	27.80 ± 11.670	12	47	27.30 ± 13.317	7	47	17.80 ± 13.726	0	40
	Equipa	0.70 ± 0.823	0	2	15.80 ± 12.665	0	36	1.30 ± 2.983	0	9
Critérios de Êxito	Individual	5.50 ± 11.208	0	30	10.40 ± 9.021	0	29	20.40 ± 18.578	0	45
	Grupal	3.20 ± 3.155	0	9	5.00 ± 5.643	0	13	4.30 ± 4.218	0	11
	Equipa	0.10 ± 0.316	0	1	1.50 ± 2.321	0	7	0.20 ± 0.632	0	2
Componentes Críticas	Individual	33.60 ± 23.287	0	62	64.20 ± 27.495	19	103	45.30 ± 20.467	12	73
	Grupal	12.70 ± 10.71	1	33	14.50 ± 5.798	4	21	6.90 ± 5.195	0	18
	Equipa	0.10 ± 0.316	0	1	0.30 ± 0.675	0	2	0.00 ± 0.000	0	0
Questão	Individual	0.5 ± 0.972	0	3	0.90 ± 1.101	0	3	0.90 ± 1.197	0	3
	Grupal	13.10 ± 8.875	1	26	4.60 ± 4.351	0	15	1.40 ± 1.350	0	4
	Equipa	0.20 ± 0.422	0	1	1.20 ± 1.549	0	4	0.20 ± 0.632	0	2
Responder à Questão	Individual	0.60 ± 1.075	0	3	2.80 ± 2.573	0	8	1.10 ± 1.853	0	6
	Grupal	5.50 ± 5.701	0	17	1.50 ± 1.509	0	4	0.10 ± 0.316	0	1
	Equipa	0.10 ± 0.316	0	1	0.70 ± 1.160	0	3	0.00 ± 0.000	0	0
Feedback Positivo	Individual	37.90 ± 13.972	24	74	27.70 ± 13.325	12	49	17.00 ± 7.916	7	29
	Grupal	3.60 ± 1.897	1	6	2.10 ± 1.729	0	5	1.10 ± 0.738	0	2
	Equipa	0.00 ± 0.000	0	0	0.00 ± 0.000	0	0	0.00 ± 0.000	0	0
Feedback Negativo	Individual	12.90 ± 5.607	6	24	6.30 ± 3.743	1	12	8.70 ± 5.250	1	17
	Grupal	0.70 ± 1.252	0	4	1.00 ± 1.247	0	4	0.40 ± 0.699	0	2
	Equipa	0.00 ± 0.000	0	0	0.00 ± 0.000	0	0	0.00 ± 0.000	0	0
Feedback Prescritivo	Individual	89,0 ± 34.202	27	146	55.20 ± 28.534	16	109	50.40 ± 22.717	6	86
	Grupal	9.0 ± 8.367	3	30	4.7 ± 2.452	2	9	2.10 ± 1.449	0	4
	Equipa	0.00 ± 0.000	0	0	0.10 ± 0.316	0	1	0.00 ± 0.000	0	0
Feedback Descritivo	Individual	6.80 ± 3.521	4	16	5.70 ± 3.234	1	11	2.90 ± 2.331	0	7
	Grupal	0.50 ± 0.707	0	2	1.40 ± 1.506	0	4	0.20 ± 0.422	0	1
	Equipa	0.00 ± 0.000	0	0	0.00 ± 0.000	0	0	0.00 ± 0.000	0	0
Feedback Interrogativo	Individual	2.90 ± 3.107	0	8	1.70 ± 2.163	0	5	1.80 ± 1.549	0	5
	Grupal	0.40 ± 0.699	0	2	0.20 ± 0.422	0	1	0.10 ± 0.316	0	1
	Equipa	0.00 ± 0.000	0	0	0.00 ± 0.000	0	0	0.00 ± 0.000	0	0
Feedback Avaliativo	Individual	50.70 ± 17.550	31	92	34.00 ± 14.213	13	56	25.60 ± 11.740	9	46
	Grupal	4.30 ± 2.058	1	7	3.10 ± 1.853	0	6	1.50 ± 0.850	0	3
	Equipa	0.00 ± 0.000	0	0	0.00 ± 0.000	0	0	0.00 ± 0.000	0	0
Demonstração Positiva	Individual	2.10 ± 2.424	0	7	0.40 ± 0.966	0	3	1.10 ± 1.197	0	3
	Grupal	4.60 ± 4.551	0	14	1.90 ± 1.792	0	5	0.70 ± 0.823	0	2
	Equipa	0.30 ± 0.949	0	3	0.60 ± 1.075	0	3	0.40 ± 0.843	0	2
Demonstração Negativa	Individual	0.00 ± 0.000	0	0	0.00 ± 0.000	0	0	0.00 ± 0.000	0	0
	Grupal	0.10 ± 0.316	0	1	0.10 ± 0.316	0	1	0.10 ± 0.316	0	1
	Equipa	0.00 ± 0.000	0	0	0.00 ± 0.000	0	0	0.00 ± 0.000	0	0
Humor	Individual	9.80 ± 6.828	0	24	10.0 ± 6.532	0	21	9.80 ± 8,311	1	26
	Grupal	3.00 ± 3.742	0	12	2.40 ± 2.459	0	7	2.30 ± 2.541	0	7
	Equipa	0.50 ± 1.581	0	5	0.40 ± 0.966	0	3	0.00 ± 0.000	0	0
Encorajamento	Individual	51.30 ± 17.430	18	72	52.50 ± 16.841	26	78	38.10 ± 18,906	8	74
	Grupal	25.30 ± 13.712	3	53	24.70 ± 15.899	4	49	5.70 ± 4.90	1	16

	Equipa	0.00 ± 0.000	0	0	1.00 ± 2.309	0	7	0.00 ± 0.000	0	0
Elogio	Individual	34.70 ± 26.120	0	72	30.50 ± 10.845	13	51	26.10 ± 16.114	8	65
	Grupal	2.90 ± 1.969	0	7	2.30 ± 1.567	0	5	0.90 ± 0.876	0	2
	Equipa	0.10 ± 0.316	0	1	0.10 ± 0.316	0	1	0.00 ± 0.000	0	0
Punição	Individual	0.00 ± 0.000	0	0	0.70 ± 1.889	0	6	0.30 ± 0.675	0	2
	Grupal	0.90 ± 0.994	0	3	0.10 ± 0.316	0	1	0.10 ± 0.316	0	1
	Equipa	0.00 ± 0.000	0	0	0.00 ± 0.000	0	0	0.00 ± 0.000	0	0
Repreensão	Individual	7.90 ± 3.143	4	14	5.20 ± 4.315	0	13	3.70 ± 2.111	0	7
	Grupal	1.80 ± 2.860	0	8	1.10 ± 1.663	0	4	0.20 ± 0.422	0	1
	Equipa	0.00 ± 0.000	0	0	0.00 ± 0.000	0	0	0.00 ± 0.000	0	0
Gestão da Equipa Técnica		6.20 ± 2.974	2	11	6.90 ± 4.630	3	17	9.40 ± 3.204	4	15
Gestão de Atletas		21.60 ± 6.114	10	32	25.50 ± 12.998	14	55	19.90 ± 6.935	5	29
Conversa com Equipa Técnica		50.10 ± 17.779	34	94	42.10 ± 12.224	19	59	56.70 ± 14.407	36	81
Conversa com Atletas	Individual	17.90 ± 6.385	10	32	25.10 ± 7.295	15	36	17.30 ± 9.129	10	41
	Grupal	24.10 ± 24.982	4	88	16.30 ± 7.212	4	29	8.10 ± 5.343	1	18
	Equipa	2.40 ± 3.950	0	13	3.30 ± 2.751	0	7	0.10 ± 0.316	0	1
Observação		60.80 ± 18.134	40	94	56.30 ± 38.893	2	129	85.90 ± 37.516	45	140
Silêncio		26.50 ± 19.109	0	62	28.30 ± 14.945	0	47	51.0 ± 15,107	29	80
Atividade Motora		0.40 ± 0.516	0	1	2.0 ± 4.447	0	13	0.30 ± 0.949	0	3
Outros Comportamentos		1.10 ± 1.370	0	4	1.60 ± 2.119	0	7	1.40 ± 2.547	0	7

Estatística de Teste do Comportamento do Treinador Principal no registo de ocorrências

Categoria	Recetor	Estatística de Teste	
		χ^2	<i>p</i>
Objetivo	Individual	4.0	0.333
	Grupal	1.588	0.492
	Equipa	1.600	0.630
Condições de Realização	Individual	0.667	0.763
	Grupal	0.974	0.682
	Equipa	9.722	0.005
Critérios de Êxito	Individual	6.158	0.041
	Grupal	0.743	0.724
	Equipa	6.421	0.049
Componentes Críticas	Individual	7.800	0.018
	Grupal	4.051	0.138
	Equipa	2.000	0.778
Questão	Individual	0.636	0.822
	Grupal	10.205	0.004
	Equipa	3.700	0.156
Responder à Questão	Individual	5.421	0.069

	Grupal	12.061	< 0.001
	Equipa	5.600	0.111
Feedback Positivo	Individual	8.539	0.013
	Grupal	9.784	0.005
	Equipa	-	1.000
Feedback Negativo	Individual	3.946	0.155
	Grupal	2.545	0.355
	Equipa	-	1.000
Feedback Prescritivo	Individual	5.590	0.064
	Grupal	9.526	0.006
	Equipa	2.000	1.000
Feedback Descritivo	Individual	7.514	0.020
	Grupal	5.793	0.057
	Equipa	-	1.000
Feedback Interrogativo	Individual	0.154	0.947
	Grupal	1.200	0.852
	Equipa	-	1.000
Feedback Avaliativo	Individual	7.200	0.030
	Grupal	10.316	0.004
	Equipa	-	1.000
Demonstração Positiva	Individual	5.786	0.051
	Grupal	8.061	0.014
	Equipa	1.000	0.704
Demonstração Negativa	Individual	-	1.000
	Grupal	0.000	1.000
	Equipa	-	1.000
Humor	Individual	0.600	0.830
	Grupal	0.176	0.951
	Equipa	2.000	0.778
Encorajamento	Individual	2.600	0.316
	Grupal	12.600	<0.001
	Equipa	4.00	0.333
Elogio	Individual	2.205	0.353
	Grupal	5.892	0.054
	Equipa	1.000	1.000
Punição	Individual	2.000	0.556
	Grupal	8.333	0.016
	Equipa	-	1.000
Repreensão	Individual	4.541	0.104
	Grupal	2.160	0.368
	Equipa	-	1.000
Gestão da Equipa Técnica	-	7.400	0.026
Gestão de Atletas	-	1.077	0.615
Conversa com Equipa Técnica	-	6.200	0.046
Conversa com Atletas	Individual	4.789	0.096
	Grupal	5.400	0.078
	Equipa	9.588	0.005
Observação	-	1.077	0.615
Silêncio	-	7.40	0.026
Atividade Motora	-	1.368	0.630
Outros Comportamentos	-	0.194	0.945

Correção de Bonferroni para o Comportamento do Treinador Principal no registo de ocorrências

Categoria	Recetor	Adj. Sig (<i>p</i>)		
		F01 – F02	F02 – F03	F01 – F03
Condições de Realização	Equipa	0.076	0.016	1.000
Critérios de Êxito	Individual	0.281	0.1000	0.057
	Equipa	0.353	0.438	1.000
Componentes Críticas	Individual	0.022	0.133	1.000
Questão	Grupal	0.172	0.656	0.005
Responder à Questão	Grupal	0.656	0.172	0.005
Feedback Positivo	Individual	1.000	0.172	0.016
	Grupal	0.101	1.000	0.011
Feedback Prescritivo	Grupal	1.000	0.101	0.011
Feedback Descritivo	Individual	1.000	0.221	0.030
Feedback Avaliativo	Individual	0.539	0.539	0.022
	Grupal	0.353	0.353	0.005
Demonstração Positiva	Grupal	0.791	0.438	0.030
Encorajamento	Grupal	1.000	0.022	0.002
Punição	Grupal	0.281	1.000	0.281
Gestão Equipa Técnica	-	1.000	0.042	0.076
Conversa com Equipa Técnica	-	1.000	0.042	0.353
Conversa com Atletas	Equipa	1.000	0.016	0.172
Silêncio	-	1.000	0.076	0.042

Comportamento do Treinador Principal no registo de duração

Categoria	Recetor	FO1			FO2			FO3		
		X ± DP	Min	Máx	X + DP	Min	Máx	X + DP	Min	Máx
Objetivo	Individual	0:00:02 ± 0:00:04	0:00:00	0:00:12	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00
	Grupal	0:00:34 ± 0:00:28	0:00:05	0:01:35	0:00:11 ± 0:00:11	0:00:00	0:00:29	0:00:12 ± 0:00:16	0:00:00	0:00:48
	Equipa	0:00:00 ± 0:00:02	0:00:00	0:00:09	0:00:05 ± 0:00:09	0:00:00	0:00:29	0:00:00 ± 0:00:01	0:00:00	0:00:05
Condições de Realização	Individual	0:00:41 ± 0:00:45	0:00:00	0:02:16	0:00:29 ± 0:00:15	0:00:00	0:00:46	0:00:31 ± 0:00:30	0:00:00	0:01:39
	Grupal	0:04:18 ± 0:01:29	0:02:44	0:07:33	0:03:18 ± 0:01:43	0:00:32	0:05:44	0:02:20 ± 0:01:49	0:00:00	0:05:24
	Equipa	0:00:07 ± 0:00:11	0:00:00	0:00:32	0:01:37 ± 0:00:58	0:00:00	0:02:47	0:00:17 ± 0:00:37	0:00:00	0:01:34
Critérios de Êxito	Individual	0:00:20 ± 0:00:43	0:00:00	0:02:02	0:00:34 ± 0:00:36	0:00:00	0:01:53	0:01:15 ± 0:01:08	0:00:00	0:02:46
	Grupal	0:00:17 ± 0:00:18	0:00:00	0:00:56	0:00:28 ± 0:00:30	0:00:00	0:01:27	0:00:18 ± 0:00:18	0:00:00	0:00:47

	Equipa	0:00:00 ± 0:00:01	0:00:00	0:00:05	0:00:12 ± 0:00:19	0:00:00	0:00:49	0:00:01 ± 0:00:03	0:00:00	0:00:12
Componentes Críticas	Individual	0:01:44 ± 0:01:08	0:00:00	0:02:55	0:03:08 ± 0:01:17	0:00:58	0:05:02	0:02:12 ± 0:01:03	0:00:28	0:03:45
	Grupal	0:00:55 ± 0:00:43	0:00:02	0:01:57	0:00:49 ± 0:00:21	0:00:13	0:01:27	0:00:22 ± 0:00:17	0:00:00	0:01:02
	Equipa	0:00:02 ± 0:00:07	0:00:00	0:00:25	0:00:01 ± 0:00:03	0:00:00	0:00:10	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00
Questão	Individual	0:00:03 ± 0:00:06	0:00:00	0:00:18	0:00:03 ± 0:00:04	0:00:00	0:00:13	0:00:06 ± 0:00:11	0:00:00	0:00:38
	Grupal	0:01:31 ± 0:01:00	0:00:03	0:02:54	0:00:23 ± 0:00:25	0:00:00	0:01:27	0:00:08 ± 0:00:09	0:00:00	0:00:25
	Equipa	0:00:01 ± 0:00:02	0:00:00	0:00:06	0:00:06 ± 0:00:08	0:00:00	0:00:25	0:00:00 ± 0:00:02	0:00:00	0:00:07
Responder à Questão	Individual	0:00:03 ± 0:00:06	0:00:00	0:00:22	0:00:14 ± 0:00:11	0:00:00	0:00:34	0:00:04 ± 0:00:09	0:00:00	0:00:30
	Grupal	0:00:32 ± 0:00:28	0:00:00	0:01:24	0:00:08 ± 0:00:10	0:00:00	0:00:32	0:00:00 ± 0:00:02	0:00:00	0:00:06
	Equipa	0:00:00 ± 0:00:01	0:00:00	0:00:05	0:00:04 ± 0:00:06	0:00:00	0:00:18	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00
Feedback Positivo	Individual	0:01:58 ± 0:00:52	0:00:56	0:04:06	0:01:27 ± 0:00:38	0:00:49	0:02:37	0:01:07 ± 0:00:32	0:00:26	0:01:57
	Grupal	0:00:10 ± 0:00:06	0:00:02	0:00:22	0:00:07 ± 0:00:05	0:00:00	0:00:18	0:00:03 ± 0:00:02	0:00:00	0:00:08
	Equipa	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00
Feedback Negativo	Individual	0:00:42 ± 0:00:17	0:00:20	0:01:14	0:00:22 ± 0:00:14	0:00:03	0:00:48	0:00:36 ± 0:00:23	0:00:04	0:01:17
	Grupal	0:00:02 ± 0:00:04	0:00:00	0:00:11	0:00:03 ± 0:00:03	0:00:00	0:00:12	0:00:01 ± 0:00:03	0:00:00	0:00:08
	Equipa	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00
Feedback Prescritivo	Individual	0:06:06 ± 0:02:29	0:01:43	0:09:56	0:03:40 ± 0:01:54	0:00:58	0:07:07	0:03:35 ± 0:01:44	0:00:28	0:06:46
	Grupal	0:00:38 ± 0:00:36	0:00:14	0:02:14	0:00:22 ± 0:00:11	0:00:09	0:00:44	0:00:09 ± 0:00:06	0:00:00	0:00:17
	Equipa	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:03	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00
Feedback Descritivo	Individual	0:00:29 ± 0:00:16	0:00:13	0:01:08	0:00:22 ± 0:00:13	0:00:05	0:00:45	0:00:11 ± 0:00:10	0:00:00	0:00:32
	Grupal	0:00:02 ± 0:00:03	0:00:00	0:00:08	0:00:05 ± 0:00:06	0:00:00	0:00:20	0:00:00 ± 0:00:01	0:00:00	0:00:05
	Equipa	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00
Feedback Interrogativo	Individual	0:00:12 ± 0:00:12	0:00:00	0:00:34	0:00:06 ± 0:00:08	0:00:00	0:00:20	0:00:07 ± 0:00:07	0:00:00	0:00:19
	Grupal	0:00:02 ± 0:00:05	0:00:00	0:00:15	0:00:00 ± 0:00:01	0:00:00	0:00:04	0:00:00 ± 0:00:01	0:00:00	0:00:06
	Equipa	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00
Feedback Avaliativo	Individual	0:02:46 ± 0:00:49	0:01:34	0:04:36	0:01:59 ± 0:00:46	0:00:58	0:03:27	0:01:50 ± 0:00:53	0:00:34	0:03:22
	Grupal	0:00:14 ± 0:00:06	0:00:02	0:00:22	0:00:11 ± 0:00:06	0:00:00	0:00:23	0:00:05 ± 0:00:03	0:00:00	0:00:12
	Equipa	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00
Demonstração Positiva	Individual	0:00:13 ± 0:00:18	0:00:00	0:00:56	0:00:03 ± 0:00:08	0:00:00	0:00:26	0:00:06 ± 0:00:07	0:00:00	0:00:23

	Grupal	0:01:36 ± 0:01:42	0:00:00	0:06:06	0:00:22 ± 0:00:30	0:00:00	0:01:34	0:00:10 ± 0:00:12	0:00:00	0:00:32
	Equipa	0:00:16 ± 0:00:52	0:00:00	0:00:46	0:00:16 ± 0:00:26	0:00:00	0:01:05	0:00:15 ± 0:00:33	0:00:00	0:01:24
Demonstração Negativa	Individual	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00
	Grupal	0:00:00 ± 0:00:01	0:00:00	0:00:06	0:00:00 ± 0:00:01	0:00:00	0:00:06	0:00:00 ± 0:00:01	0:00:00	0:00:06
	Equipa	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00
Humor	Individual	0:00:45 ± 0:00:37	0:00:00	0:02:08	0:00:44 ± 0:00:28	0:00:00	0:01:28	0:00:45 ± 0:00:40	0:00:04	0:02:06
	Grupal	0:00:14 ± 0:00:21	0:00:00	0:01:09	0:00:11 ± 0:00:12	0:00:00	0:00:39	0:00:12 ± 0:00:13	0:00:00	0:00:35
	Equipa	0:00:02 ± 0:00:07	0:00:00	0:00:23	0:00:03 ± 0:00:10	0:00:00	0:00:32	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00
Encorajamento	Individual	0:03:20 ± 0:01:18	0:01:13	0:05:40	0:03:09 ± 0:01:03	0:01:36	0:04:43	0:02:22 ± 0:01:14	0:00:29	0:04:48
	Grupal	0:01:43 ± 0:00:53	0:00:16	0:03:20	0:01:48 ± 0:01:24	0:00:13	0:04:14	0:00:21 ± 0:00:19	0:00:03	0:01:02
	Equipa	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:03 ± 0:00:09	0:00:00	0:00:28	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00
Elogio	Individual	0:01:54 ± 0:01:23	0:00:00	0:03:54	0:01:39 ± 0:00:32	0:00:42	0:02:34	0:01:30 ± 0:00:56	0:00:28	0:03:45
	Grupal	0:00:10 ± 0:00:06	0:00:00	0:00:21	0:00:08 ± 0:00:05	0:00:00	0:00:17	0:00:03 ± 0:00:03	0:00:00	0:00:09
	Equipa	0:00:00 ± 0:00:02	0:00:00	0:00:08	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:02	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00
Punição	Individual	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:02 ± 0:00:06	0:00:00	0:00:21	0:00:01 ± 0:00:02	0:00:00	0:00:08
	Grupal	0:00:05 ± 0:00:07	0:00:00	0:00:22	0:00:00 ± 0:00:01	0:00:00	0:00:04	0:00:00 ± 0:00:01	0:00:00	0:00:04
	Equipa	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00
Repreensão	Individual	0:00:31 ± 0:00:11	0:00:18	0:00:51	0:00:18 ± 0:00:14	0:00:00	0:00:42	0:00:15 ± 0:00:09	0:00:00	0:00:34
	Grupal	0:00:07 ± 0:00:11	0:00:00	0:00:34	0:00:04 ± 0:00:06	0:00:00	0:00:18	0:00:00 ± 0:00:01	0:00:00	0:00:04
	Equipa	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00
Gestão da Equipa Técnica		0:00:50 ± 0:00:25	0:00:12	0:01:27	0:01:00 ± 0:00:38	0:00:17	0:02:24	0:1:13 ± 0:00:29	0:00:19	0:01:51
Gestão de Atletas		0:03:08 ± 0:00:45	0:02:04	0:04:44	0:04:47 ± 0:01:31	0:01:43	0:06:35	0:02:32 ± 0:01:08	0:00:24	0:04:20
Conversa com Equipa Técnica		0:10:24 ± 0:05:23	0:04:54	0:19:15	0:09:29 ± 0:03:46	0:04:17	0:15:50	0:12:59 ± 0:07:12	0:07:30	0:32:27
Conversa com Atletas	Individual	0:02:15 ± 0:00:52	0:01:06	0:04:06	0:03:30 ± 0:02:53	0:01:08	0:11:23	0:01:54 ± 0:00:58	0:00:48	0:04:07
	Grupal	0:02:17 ± 0:01:40	0:00:31	0:04:27	0:01:54 ± 0:00:52	0:00:21	0:03:21	0:01:05 ± 0:00:53	0:00:15	0:03:19
	Equipa	0:01:20 ± 0:01:37	0:00:00	0:04:35	0:00:38 ± 0:01:02	0:00:00	0:03:28	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:03
Observação		0:09:24 ± 0:03:19	0:05:44	0:15:36	0:09:38 ± 0:09:57	0:00:15	0:35:25	0:15:25 ± 0:07:02	0:05:20	0:28:46
Silêncio		0:04:22 ± 0:03:01	0:00:00	0:08:27	0:04:40 ± 0:03:19	0:00:00	0:11:10	0:11:40 ± 0:03:53	0:05:00	0:16:07

Atividade Motora		0:03:15 ± 0:06:43	0:00:00	0:20:02	0:05:57 ± 0:18:28	0:00:00	0:58:31	0:00:58 ± 0:03:04	0:00:00	0:09:43
Outros Comportamentos		0:00:24 ± 0:00:36	0:00:00	0:01:25	0:00:25 ± 0:00:33	0:00:00	0:01:21	0:01:33 ± 0:03:37	0:00:00	0:11:32

Estatística de Teste do Comportamento do Treinador Principal no registo de duração

		Estatística de Teste	
Categoria	Recetor	χ^2	P-value
Objetivo	Individual	4.0	0.333
	Grupal	4.421	0.112
	Equipa	1.600	0.630
Condições de Realização	Individual	0.667	0.763
	Grupal	2.600	0.316
	Equipa	9.722	0.005
Critérios de Êxito	Individual	4.789	0.096
	Grupal	0.162	0.952
	Equipa	6.421	0.049
Componentes Críticas	Individual	5.600	0.066
	Grupal	5.600	0.066
	Equipa	2.000	0.778
Questão	Individual	0.083	0.994
	Grupal	11.400	0.002
	Equipa	3.700	0.156
Responder à Questão	Individual	5.813	0.05
	Grupal	9.235	0.005
	Equipa	5.600	0.111
Feedback Positivo	Individual	4.200	0.135
	Grupal	5.895	0.048
	Equipa	-	1.000
Feedback Negativo	Individual	5.600	0.066
	Grupal	1.000	0.675
	Equipa	-	1.000
Feedback Prescritivo	Individual	5.400	0.078
	Grupal	8.162	0.013
	Equipa	2.000	1.000
Feedback Descritivo	Individual	7.400	0.026
	Grupal	4.867	0.096
	Equipa	-	1.000
Feedback Interrogativo	Individual	0.667	0.763
	Grupal	0.500	0.852
	Equipa	-	1.000
Feedback Avaliativo	Individual	1.800	0.436
	Grupal	8.600	0.012
	Equipa	-	1.000
	Individual	5.600	0.059

Demonstração Positiva	Grupal	7.789	0.018
	Equipa	0.429	0.907
Demonstração Negativa	Individual	-	1.000
	Grupal	0.0	1.000
	Equipa	-	1.000
Humor	Individual	0.600	0.830
	Grupal	0.211	0.916
	Equipa	2.000	0.778
Encorajamento	Individual	2.600	0.316
	Grupal	12.600	<0.001
	Equipa	4.000	0.333
Elogio	Individual	0.800	0.710
	Grupal	6.684	0.036
	Equipa	1.000	1.000
Punição	Individual	2.000	0.556
	Grupal	9.579	0.008
	Equipa	-	1.000
Repreensão	Individual	5.167	0.074
	Grupal	2.333	0.354
	Equipa	-	1.000
Gestão da Equipa Técnica		3.436	0.186
Gestão de Atletas		3.744	0.167
Conversa com Equipa Técnica		0.800	0.710
Conversa com Atletas	Individual	4.200	0.135
	Grupal	3.800	0.187
	Equipa	8.882	0.008
Observação		3.800	0.187
Silêncio		15.000	<0.001
Atividade Motora		3.263	0.218
Outros Comportamentos		0.750	0.739

Correção de Bonferroni para o Comportamento do Treinador Principal no registo de duração

Categoria	Recetor	Adj. Sig (<i>p</i>)		
		FO1 – FO2	F02 – F03	F01 – F03
Condições de Realização	Equipa	0.076	0.016	1.000
Critérios de Êxito	Equipa	0.353	0.438	1.000
Questão	Grupal	0.133	0.539	0.002
Responder à Questão	Grupal	0.353	0.656	0.016
Feedback Positivo	Grupal	-	-	-
Feedback Prescritivo	Grupal	1.000	0.101	0.030
Feedback Descritivo	Individual	1.000	0.076	0.042
Feedback Avaliativo	Grupal	0.791	0.221	0.011
Demonstração Positiva	Grupal	0.076	1.000	0.042
Encorajamento	Grupal	1.000	0.022	0.002
Elogio	Grupal	1.000	0.101	0.076

Punição	Grupal	0.221	1.000	0.172
Conversa com Aletas	Equipa	1.000	0.030	0.101
Silêncio	-	1.000	0.002	0.002

Comportamento do Treinador Adjunto no registo de ocorrências

Categoria	Recetor	FO1			FO2			FO3		
		X ± DP	Min	Máx	X + DP	Min	Máx	X + DP	Min	Máx
Objetivo	Individual	0.50 ± 0.707	0	2	0.60 ± 1.578	0	6	0.20 ± 0.632	0	2
	Grupal	1.90 ± 2.558	0	7	0.40 ± 0.699	0	2	0.60 ± 1.075	0	3
	Equipa	0.10 ± 0.316	0	1	0.00 ± 0.000	0	0	0.00 ± 0.000	0	0
Condições de Realização	Individual	15.0 ± 16.573	0	54	13.50 ± 8.127	5	32	16.20 ± 5.266	9	23
	Grupal	27.20 ± 22.977	7	70	20.80 ± 17.383	2	61	28.00 ± 14.952	13	50
	Equipa	0.20 ± 0.632	0	2	1.80 ± 3.155	0	9	0.00 ± 0.000	0	0
Critérios de Êxito	Individual	1.00 ± 2.539	0	8	3.10 ± 2.885	0	8	12.40 ± 8.289	5	30
	Grupal	0.80 ± 1.549	0	5	2.30 ± 2.214	0	7	3.70 ± 3.401	1	11
	Equipa	0.00 ± 0.000	0	0	0.00 ± 0.000	0	0	0.00 ± 0.000	0	0
Componentes Críticas	Individual	22.60 ± 18.668	0	56	35.60 ± 22.728	3	79	42.40 ± 14.175	25	68
	Grupal	7.30 ± 7.775	0	27	6.30 ± 9.534	0	32	6.20 ± 5.022	2	12
	Equipa	0.00 ± 0.000	0	0	0.20 ± 0.632	0	2	0.00 ± 0.000	0	0
Questão	Individual	0.80 ± 1.135	0	3	1.00 ± 1.414	0	4	2.60 ± 2.366	0	8
	Grupal	6.89 ± 6.391	0	18	2.00 ± 1.633	0	4	3.00 ± 3.302	0	10
	Equipa	0.00 ± 0.000	0	0	0.40 ± 1.265	0	4	0.00 ± 0.000	0	0
Responder à Questão	Individual	0.80 ± 1.135	0	3	1.70 ± 1.889	0	5	2.30 ± 2.669	0	7
	Grupal	2.60 ± 4.115	0	12	0.20 ± 0.422	0	1	0.50 ± 0.972	0	3
	Equipa	0.10 ± 0.316	0	1	0.00 ± 0.000	0	0	0.00 ± 0.000	0	0
Feedback Positivo	Individual	13.10 ± 11.259	0	30	21.70 ± 10.698	12	48	13.60 ± 6.059	4	23
	Grupal	1.30 ± 1.337	0	4	0.80 ± 1.476	0	4	1.80 ± 1.751	0	5
	Equipa	0.00 ± 0.000	0	0	0.00 ± 0.000	0	0	0.00 ± 0.000	0	0
Feedback Negativo	Individual	9.00 ± 7.379	2	28	3.40 ± 3.658	0	11	6.30 ± 4.029	2	14
	Grupal	1.80 ± 1.687	0	5	0.70 ± 0.823	0	2	1.80 ± 3.084	0	10
	Equipa	0.00 ± 0.000	0	0	0.00 ± 0.000	0	0	0.00 ± 0.000	0	0
Feedback Prescritivo	Individual	76.80 ± 37.900	24	144	34.9 ± 21.901	1	74	45.70 ± 13.047	25	62
	Grupal	7.70 ± 5.100	1	14	3.80 ± 3.645	0	11	4.10 ± 3.510	0	10
	Equipa	0.00 ± 0.000	0	0	0.00 ± 0.000	0	0	0.00 ± 0.000	0	0
Feedback Descritivo	Individual	4.60 ± 3.438	0	10	2.10 ± 1.969	0	6	5.10 ± 3.573	1	12
	Grupal	0.30 ± 0.675	0	2	0.5 ± 0.707	0	2	0.80 ± 0.919	0	2
	Equipa	0.00 ± 0.000	0	0	0.00 ± 0.000	0	0	0.00 ± 0.000	0	0
Feedback Interrogativo	Individual	2.20 ± 3.048	0	9	2.70 ± 3.802	0	13	4.60 ± 2.171	2	9
	Grupal	0.60 ± 0.699	0	2	0.6 ± 1.075	0	3	0.40 ± 0.516	0	1
	Equipa	0.00 ± 0.000	0	0	0.00 ± 0.000	0	0	0.00 ± 0.000	0	0
Feedback Avaliativo	Individual	30.70 ± 17.417	17	76	16.50 ± 14.570	0	41	19.9 ± 7.534	7	37
	Grupal	3.10 ± 1.595	1	6	1.50 ± 2.014	0	6	3.60 ± 4.195	0	13
	Equipa	0.00 ± 0.000	0	0	0.00 ± 0.000	0	0	0.00 ± 0.000	0	0
Demonstração Positiva	Individual	0.9 ± 1.287	0	3	1.50 ± 1.354	0	4	1.70 ± 3.020	0	9
	Grupal	2.80 ± 3.967	0	13	1.00 ± 1.414	0	4	2.40 ± 2.797	0	8
	Equipa	0.00 ± 0.000	0	0	0.10 ± 0.316	0	1	0.00 ± 0.000	0	0
Demonstração Negativa	Individual	0.00 ± 0.000	0	0	0.00 ± 0.000	0	0	0.10 ± 0.316	0	1
	Grupal	0.30 ± 0.675	0	2	0.00 ± 0.000	0	0	0.20 ± 0.632	0	2
	Equipa	0.00 ± 0.000	0	0	0.00 ± 0.000	0	0	0.00 ± 0.000	0	0
Humor	Individual	22.5 ± 15.393	6	62	22.0 ± 8.969	8	37	21.00 ± 13.433	7	51
	Grupal	5.60 ± 8.072	0	24	6.80 ± 8.877	0	23	4.80 ± 4.185	0	12

Encorajamento	Equipa	0.10 ± 0.316	0	1	0.20 ± 0.632	0	2	0.00 ± 0.000	0	0
	Individual	53.40 ± 19.962	26	83	32.80 ± 20.280	3	73	33.50 ± 14.879	15	64
	Grupal	14.7 ± 12.763	3	42	17.70 ± 17.914	0	54	8.40 ± 7.26	0	23
Elogio	Equipa	0.00 ± 0.000	0	0	0.50 ± 0.972	0	3	0.00 ± 0.000	0	0
	Individual	23.7 ± 17.582	1	44	23.5 ± 19.358	0	53	33.00 ± 14.704	13	58
	Grupal	2.30 ± 2.452	0	8	1.20 ± 1.751	0	6	2.60 ± 2.271	0	6
Punição	Equipa	0.00 ± 0.000	0	0	0.00 ± 0.000	0	0	0.00 ± 0.000	0	0
	Individual	0.10 ± 0.316	0	1	0.00 ± 0.000	0	0	0.00 ± 0.000	0	0
	Grupal	0.20 ± 0.632	0	2	0.40 ± 1.265	0	4	0.90 ± 2.025	0	6
Repreensão	Equipa	0.00 ± 0.000	0	0	0.00 ± 0.000	0	0	0.00 ± 0.000	0	0
	Individual	9.90 ± 4.533	4	17	8.10 ± 4.280	2	15	5.40 ± 2.989	2	11
	Grupal	1.60 ± 1.955	0	6	1.20 ± 1.317	0	4	0.60 ± 0.699	0	2
Gestão da Equipa Técnica		7,60 ± 4.926	2	18	5.10 ± 2.331	1	8	8.80 ± 3.048	4	13
Gestão de Atletas		20.00 ± 4.422	14	28	25.10 ± 7.203	12	35	20.00 ± 10.424	6	42
Conversa com Equipa Técnica		44.20 ± 13.340	18	58	53.70 ± 16.166	35	87	55.90 ± 20.523	23	82
Conversa com Atletas	Individual	23.10 ± 10.235	9	43	39.10 ± 17.523	20	72	24.10 ± 6.082	15	33
	Grupal	18.20 ± 17.113	3	53	21.60 ± 17.437	2	59	11.20 ± 4.315	4	17
	Equipa	2.60 ± 5.232	0	13	1.10 ± 1.729	0	5	0.00 ± 0.000	0	0
Observação		40.10 ± 29.122	8	118	38.50 ± 17.915	15	66	69.10 ± 31.793	37	123
Silêncio		16.70 ± 14.127	0	37	29.00 ± 19.551	0	66	37.70 ± 15.882	13	61
Atividade Motora		2.20 ± 2.394	0	7	2.00 ± 4.643	0	15	2.40 ± 2.413	0	6
Outros Comportamentos		1.70 ± 2.541	0	8	1.70 ± 2.163	0	6	0.40 ± 0.943	0	2

Estatística de Teste do Comportamento de Treinador Adjunto no registo de ocorrências

Categoria	Recetor	Estatística de Teste	
		χ^2	<i>P</i>
Objetivo	Individual	2.000	0.395
	Grupal	2.552	0.303
	Equipa	2.000	1.000
Condições de Realização	Individual	3.128	0.233
	Grupal	1.077	0.615
	Equipa	5.200	0.136
Critérios de Êxito	Individual	12.359	<0.001
	Grupal	7.371	0.022
	Equipa	-	1.000
Componentes Críticas	Individual	2.600	0.316
	Grupal	0.974	0.682

	Equipa	2.000	1.000
Questão	Individual	4.207	0.142
	Grupal	3.000	0.235
	Equipa	2.000	1.000
Responder à Questão	Individual	1.879	0.416
	Grupal	4.160	0.135
	Equipa	2.000	1.000
Feedback Positivo	Individual	1.897	0.437
	Grupal	3.310	0.215
	Equipa	-	1.000
Feedback Negativo	Individual	2.324	0.330
	Grupal	2.606	0.286
	Equipa	-	1.000
Feedback Prescritivo	Individual	3.200	0.222
	Grupal	2.000	0.399
	Equipa	-	1.000
Feedback Descritivo	Individual	3.500	0.184
	Grupal	1.000	0.631
	Equipa	-	1.000
Feedback Interrogativo	Individual	6.412	0.040
	Grupal	1.000	0.739
	Equipa	-	1.000
Feedback Avaliativo	Individual	4.200	0.135
	Grupal	5.027	0.081
	Equipa	-	1.000
Demonstração Positiva	Individual	1.226	0.598
	Grupal	2.067	0.379
	Equipa	2.000	1.000
Demonstração Negativa	Individual	2.000	1.000
	Grupal	2.000	0.778
	Equipa	-	1.000
Humor	Individual	0.054	0.994
	Grupal	1.135	0.594
	Equipa	1.000	1.000
Encorajamento	Individual	2.600	0.316
	Grupal	1.077	0.615
	Equipa	6.000	0.111
Elogio	Individual	2.600	0.316
	Grupal	2.811	0.253
	Equipa	-	1.000
Punição	Individual	2.000	1.000
	Grupal	0.500	1.000
	Equipa	-	1.000
Repreensão	Individual	5.600	0.066
	Grupal	1.687	0.472
	Equipa	-	1.000
Gestão da Equipa Técnica	-	5.842	0.052
Gestão de Atletas	-	2.400	0.368
Conversa com Equipa Técnica	-	1.800	0.436
Conversa com Atletas	Individual	5.600	0.066
	Grupal	2.053	0.372
	Equipa	5.526	0.115
Observação	-	6.000	0.048
Silêncio	-	2.579	0.299
Atividade Motora	-	0.452	0.851

Outros Comportamentos	-	2.467	0.3252
------------------------------	---	-------	--------

Correção de Bonferroni para o Comportamento do Treinador Adjunto no registo de ocorrências

Categoria	Recetor	Adj. Sig (p)		
		FO1 – FO2	FO2 – FO3	FO1 – FO3
Critérios de Êxito	Individual	0.353	0.172	0.002
	Grupa	0.133	1.000	0.057
Feedback Interrogativo	Individual	1.000	0.172	0.101
Observação	-	1.000	0.281	0.057

Comportamento do Treinador Adjunto no registo de duração

Variable	Recetor	FO1			FO2			FO3		
		X ± DP	Min	Máx	X + DP	Min	Máx	X + DP	Min	Máx
Objetivo	Individual	0:00:01 ± 0:00:02	0:00:00	0:00:07	0:00:03 ± 0:00:07	0:00:00	0:00:25	0:00:01 ± 0:00:03	0:00:00	0:00:11
	Grupal	0:00:13 ± 0:00:19	0:00:00	0:01:00	0:00:02 ± 0:00:03	0:00:00	0:00:10	0:00:02 ± 0:00:05	0:00:00	0:00:13
	Equipa	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:03	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00
Condições de Realização	Individual	0:01:01 ± 0:01:02	0:00:00	0:03:02	0:01:01 ± 0:00:34	0:00:16	0:02:06	0:01:17 ± 0:00:35	0:00:28	0:02:16
	Grupal	0:03:48 ± 0:02:37	0:00:56	0:07:22	0:03:13 ± 0:02:18	0:00:11	0:06:43	0:04:24 ± 0:2:23	0:01:16	0:09:01
	Equipa	0:00:02 ± 0:00:08	0:00:00	0:00:28	0:00:07 ± 0:00:15	0:00:00	0:00:46	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00
Critérios de Êxito	Individual	0:00:03 ± 0:00:08	0:00:00	0:00:27	0:00:13 ± 0:00:12	0:00:00	0:00:35	0:00:51 ± 0:00:40	0:00:18	0:02:29
	Grupal	0:00:05 ± 0:00:07	0:00:00	0:00:20	0:00:12 ± 0:00:12	0:00:00	0:00:34	0:00:14 ± 0:00:13	0:00:03	0:00:38
	Equipa	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00
Componentes Críticas	Individual	0:01:22 ± 0:01:19	0:00:00	0:04:18	0:01:56 ± 0:01:08	0:00:09	0:03:50	0:02:03 ± 0:00:48	0:01:05	0:03:44
	Grupal	0:00:31 ± 0:00:31	0:00:00	0:01:30	0:00:21 ± 0:00:39	0:00:00	0:02:12	0:00:19 ± 0:00:15	0:00:04	0:00:44
	Equipa	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:02	0:00:00	0:00:08	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00
Questão	Individual	0:00:04 ± 0:00:07	0:00:00	0:00:23	0:00:04 ± 0:00:07	0:00:00	0:00:22	0:00:12 ± 0:00:11	0:00:00	0:00:35
	Grupal	0:00:45 ± 0:00:55	0:00:00	0:02:55	0:00:09 ± 0:00:07	0:00:00	0:00:20	0:00:19 ± 0:00:27	0:00:00	0:01:31

	Equipa	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:01 ± 0:00:06	0:00:00	0:00:19	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00
Responder à Questão	Individual	0:00:05 ± 0:00:08	0:00:00	0:00:23	0:00:07 ± 0:00:07	0:00:00	0:00:19	0:00:13 ± 0:00:20	0:00:00	0:01:09
	Grupal	0:00:14 ± 0:00:22	0:00:00	0:01:07	0:00:00 ± 0:00:01	0:00:00	0:00:04	0:00:01 ± 0:00:03	0:00:00	0:00:11
	Equipa	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:01	0:00:00	0:00:04	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00
Feedback Positivo	Individual	0:01:00 ± 0:00:35	0:00:34	0:02:32	0:00:37 ± 0:00:33	0:00:00	0:01:32	0:00:50 ± 0:00:22	0:00:16	0:01:25
	Grupal	0:00:03 ± 0:00:03	0:00:00	0:00:11	0:00:02 ± 0:00:04	0:00:00	0:00:11	0:00:07 ± 0:00:08	0:00:00	0:00:23
	Equipa	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00 n
Feedback Negativo	Individual	0:00:30 ± 0:00:30	0:00:08	0:01:50	0:00:12 ± 0:00:12	0:00:00	0:00:36	0:00:30 ± 0:00:19	0:00:08	0:01:05
	Grupal	0:00:06 ± 0:00:06	0:00:00	0:00:16	0:00:02 ± 0:00:02	0:00:00	0:00:07	0:00:07 ± 0:00:13	0:00:00	0:00:42
	Equipa	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00
Feedback Prescritivo	Individual	0:05:24 ± 0:03:05	0:01:27	0:11:57	0:02:37 ± 0:01:44	0:00:02	0:06:06	0:03:29 ± 0:01:06	0:01:37	0:05:16
	Grupal	0:00:31 ± 0:00:21	0:00:03	0:01:00	0:00:20 ± 0:00:22	0:00:00	0:01:18	0:00:17 ± 0:00:15	0:00:00	0:00:44
	Equipa	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00
Feedback Descritivo	Individual	0:00:20 ± 0:00:17	0:00:00	0:00:53	0:00:09 ± 0:00:10	0:00:00	0:00:31	0:00:22 ± 0:00:16	0:00:03	0:00:52
	Grupal	0:00:01 ± 0:00:02	0:00:00	0:00:08	0:00:01 ± 0:00:02	0:00:00	0:00:07	0:00:03 ± 0:00:03	0:00:00	0:00:11
	Equipa	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00
Feedback Interrogativo	Individual	0:00:14 ± 0:00:22	0:00:00	0:01:08	0:00:16 ± 0:00:25	0:00:00	0:01:26	0:00:25 ± 0:00:18	0:00:09	0:01:13
	Grupal	0:00:02 ± 0:00:03	0:00:00	0:00:09	0:00:03 ± 0:00:05	0:00:00	0:00:14	0:00:03 ± 0:00:05	0:00:00	0:00:18
	Equipa	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00
Feedback Avaliativo	Individual	0:01:34 ± 0:00:59	0:00:40	0:04:08	0:00:54 ± 0:00:49	0:00:00	0:02:23	0:01:26 ± 0:00:31	0:00:31	0:02:39
	Grupal	0:00:10 ± 0:00:05	0:00:02	0:00:20	0:00:05 ± 0:00:06	0:00:00	0:00:20	0:00:16 ± 0:00:19	0:00:00	0:00:58
	Equipa	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00
Demonstração Positiva	Individual	0:00:09 ± 0:00:19	0:00:00	0:01:01	0:00:14 ± 0:00:15	0:00:00	0:00:47	0:00:17 ± 0:00:29	0:00:00	0:01:28
	Grupal	0:01:02 ± 0:01:30	0:00:00	0:04:24	0:00:23 ± 0:00:34	0:00:00	0:01:28	0:01:15 ± 0:01:27	0:00:00	0:04:08
	Equipa	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:03 ± 0:00:12	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00
Demonstração Negativa	Individual	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:03
	Grupal	0:00:02 ± 0:00:04	0:00:00	0:00:15	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:01 ± 0:00:03	0:00:00	0:00:12
	Equipa	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00
Humor	Individual	0:01:44 ± 0:01:22	0:00:32	0:05:22	0:01:42 ± 0:00:39	0:00:34	0:02:53	0:01:41 ± 0:01:04	0:00:33	0:04:06

	Grupal	0:00:27 ± 0:00:44	0:00:00	0:02:12	0:00:39 ± 0:00:36	0:00:00	0:01:59	0:00:23 ± 0:00:22	0:00:00	0:01:00
	Equipa	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:03	0:00:01 ± 0:00:04	0:00:00	0:00:13	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00
Encorajamento	Individual	0:03:20 ± 0:01:25	0:01:31	0:05:16	0:02:02 ± 0:01:16	0:00:11	0:04:36	0:02:05 ± 0:01:03	0:00:49	0:04:29
	Grupal	0:00:58 ± 0:00:53	0:00:10	0:03:02	0:01:06 ± 0:01:18	0:00:00	0:04:05	0:00:34 ± 0:00:32	0:00:00	0:01:38
	Equipa	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:01 ± 0:00:03	0:00:00	0:00:10	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00
Elogio	Individual	0:01:11 ± 0:00:51	0:00:02	0:02:05	0:01:13 ± 0:01:00	0:00:00	0:02:53	0:01:50 ± 0:00:50	0:00:40	0:03:22
	Grupal	0:00:07 ± 0:00:08	0:00:00	0:00:28	0:00:03 ± 0:00:05	0:00:00	0:00:18	0:00:09 ± 0:00:08	0:00:00	0:00:22
	Equipa	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00
Punição	Individual	0:00:00 ± 0:00:01	0:00:00	0:00:04	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00
	Grupal	0:00:00 ± 0:00:02	0:00:00	0:00:08	0:00:02 ± 0:00:06	0:00:00	0:00:21	0:00:03 ± 0:00:08	0:00:00	0:00:25
	Equipa	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00
Repreensão	Individual	0:00:41 ± 0:00:21	0:00:14	0:01:21	0:00:33 ± 0:00:19	0:00:07	0:01:14	0:00:22 ± 0:00:13	0:00:08	0:00:47
	Grupal	0:00:06 ± 0:00:08	0:00:00	0:00:27	0:00:05 ± 0:00:05	0:00:00	0:00:16	0:00:02 ± 0:00:03	0:00:00	0:00:09
	Equipa	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00
Gestão da Equipa Técnica		0:02:54 ± 0:01:24	0:01:03	0:05:41	0:02:00 ± 0:01:52	0:00:13	0:05:18	0:02:03 ± 0:01:22	0:00:42	0:04:33
Gestão de Atletas		0:02:26 ± 0:00:35	0:01:35	0:03:12	0:02:42 ± 0:00:57	0:01:09	0:04:19	0:02:44 ± 0:01:40	0:00:38	0:05:50
Conversa com Equipa Técnica		0:11:39 ± 0:05:05	0:03:55	0:20:36	0:15:38 ± 0:06:54	0:04:58	0:27:23	0:13:35 ± 0:06:32	0:05:23	0:24:50
Conversa com Atletas	Individual	0:02:20 ± 0:00:59	0:01:12	0:04:32	0:05:01 ± 0:03:19	0:01:52	0:13:22	0:02:42 ± 0:01:10	0:01:06	0:04:40
	Grupal	0:01:30 ± 0:01:23	0:00:15	0:03:57	0:02:27 ± 0:01:57	0:00:07	0:05:36	0:01:07 ± 0:00:42	0:00:23	0:02:51
	Equipa	0:00:09 ± 0:00:19	0:00:00	0:00:50	0:00:07 ± 0:00:12	0:00:00	0:00:33	0:00:00 ± 0:00:00	0:00:00	0:00:00
Observação		0:07:07 ± 0:05:00	0:00:42	0:18:28	0:06:26 ± 0:02:45	0:01:53	0:09:45	0:11:32 ± 0:06:38	0:04:59	0:24:16
Silêncio		0:03:50 ± 0:04:21	0:00:00	0:12:06	0:06:30 ± 0:05:34	0:00:00	0:17:53	0:07:53 ± 0:04:12	0:01:41	0:12:58
Atividade Motora		0:14:38 ± 0:14:51	0:00:00	0:33:01	0:06:33 ± 0:17:08	0:00:00	0:54:31	0:05:00 ± 0:05:55	0:00:00	0:16:23
Outros Comportamentos		0:00:34 ± 0:00:45	0:00:00	0:01:57	0:00:36 ± 0:00:57	0:00:00	0:02:28	0:00:04 ± 0:00:11	0:00:00	0:00:34

Estatística de Teste do Comportamento de Treinador Adjunto no registo de duração

Categoria	Recetor	Estatística de Teste	
		χ^2	<i>P</i>
Objetivo	Individual	1.529	0.488
	Grupal	3.267	0.223
	Equipa	2.000	1.000
Condições de Realização	Individual	2.737	0.268
	Grupal	1.400	0.601
	Equipa	5.200	0.136
Critérios de Êxito	Individual	12.359	<0.001
	Grupal	3.211	0.224
	Equipa	-	1.000
Componentes Críticas	Individual	1.400	0.601
	Grupal	1.800	0.436
	Equipa	2.000	1.000
Questão	Individual	3.250	0.205
	Grupal	6.821	0.032
	Equipa	2.000	1.000
Responder à Questão	Individual	1.273	0.561
	Grupal	4.846	0.093
	Equipa	2.000	1.000
Feedback Positivo	Individual	0.600	0.830
	Grupal	5.882	0.049
	Equipa	-	1.000
Feedback Negativo	Individual	1.400	0.601
	Grupal	2.606	0.286
	Equipa	-	1.000
Feedback Prescritivo	Individual	3.200	0.222
	Grupal	0.842	0.668
	Equipa	-	1.000
Feedback Descritivo	Individual	1.632	0.461
	Grupal	1.000	0.631
	Equipa	-	1.000
Feedback Interrogativo	Individual	1.897	0.437
	Grupal	0.231	0.944
	Equipa	-	1.000
Feedback Avaliativo	Individual	1.800	0.436
	Grupal	4.000	0.146
	Equipa	-	1.000
Demonstração Positiva	Individual	3.812	0.161
	Grupal	1.750	0.450
	Equipa	2.000	1.000
Demonstração Negativa	Individual	2.000	1.000
	Grupal	2.000	0.778
	Equipa	-	1.000
Humor	Individual	1.400	0.601
	Grupal	1.590	0.491
	Equipa	1.000	1.000
Encorajamento	Individual	2.600	0.316
	Grupal	0.800	0.710
	Equipa	6.000	0.111
Elogio	Individual	2.600	0.316
	Grupal	3.744	0.167

	Equipa	-	1.000
Punição	Individual	2.000	1.000
	Grupal	0.500	1.000
	Equipa	-	1.000
Repreensão	Individual	5.600	0.066
	Grupal	1.697	0.455
	Equipa	-	1.000
Gestão da Equipa Técnica	-	3.800	0.187
Gestão de Atletas	-	0.200	0.974
Conversa com Equipa Técnica	-	1.400	0.601
Conversa com Atletas	Individual	9.600	0.007
	Grupal	2.400	0.368
	Equipa	4.526	0.115
Observação	-	2.600	0.316
Silêncio	-	2.000	0.393
Atividade Motora	-	0.545	0.783
Outros Comportamentos	-	2.467	0.324

Correção de Bonferroni para o Comportamento do Treinador Adjunto no registo de duração

Categoria	Recetor	Adj. Sig (<i>p</i>)		
		FO1 – FO2	F02 – F03	F01 – F03
Crítérios de Êxito	Individual	0.353	0.172	0.002
Questão	Grupal	0.030	0.791	0.438
Feedback Positivo	Grupal	-	-	-
Conversa com Atletas	Individual	0.022	0.022	1.000

Estatística de Teste do Comportamento entre o Treinador Principal e o Treinador Adjunto no registo de ocorrências

Categoria	Recetor	TP x TA FO1		TP x TA FO2		TP x TA FO3	
		Z	<i>p</i>	Z	<i>p</i>	Z	<i>p</i>
Objetivo	Individual	-0.107	1.000	-1.342	0.500	-1.000	1.000
	Grupal	-1.800	0.061	-1.693	0.078	-1.897	0.094
	Equipa	-0.447	1.000	-1.633	0.250	-1.000	1.000
Condições de Realização	Individual	-1.067	0.313	-2.173	0.031	-2.194	0.025
	Grupal	-0.255	0.846	-1.020	0.336	-1.070	0.322
	Equipa	-1.890	0.125	-2.310	0.020	-1.342	0.500
Crítérios de Êxito	Individual	-1.342	0.500	-2.243	0.023	-1.581	0.125
	Grupal	-2.315	0.021	-1.688	0.092	-0.306	0.791

	Equipa	-1.000	1.000	-2.032	0.063	-1.000	1.000
Componentes Críticas	Individual	-1.823	0.078	-2.395	0.014	-0.408	0.711
	Grupal	-1.428	0.168	-1.786	0.076	-0.051	0.988
	Equipa	-1.000	1.000	-0.272	1.000	0.0	1.000
Questão	Individual	-0.638	0.625	-0.322	0.906	-1.980	0.078
	Grupal	-1,424	0.184	-1.914	0.062	-1.787	0.094
	Equipa	-1.414	0.500	-1.057	0.375	-1.000	1.000
Responder à Questão	Individual	-0.425	0.813	-1.491	0.180	-1.279	0.234
	Grupal	-1.327	0.195	-2.050	0.063	-1.633	0.250
	Equipa	-1.000	1.000	-1.473	0.250	0.0	1.000
Feedback Positivo	Individual	-2.805	0.002	-2.705	0.004	-1.432	0.170
	Grupal	-2.831	0.002	-1.532	0.141	-1.119	0.344
	Equipa	0.0	1.000	0.0	1.000	0.0	1.000
Feedback Negativo	Individual	-1.581	0.123	-1.605	0.129	-1.226	0.248
	Grupal	-2.157	0.047	-0.302	1.000	-1.725	0.156
	Equipa	0.0	1.000	0.0	1.000	0.0	1.000
Feedback Prescritivo	Individual	-1.244	0.250	-1.530	0.137	-0.969	0.359
	Grupal	-0.511	0.643	-0.561	0.611	-1.904	0.059
	Equipa	0.0	1.000	-1.000	1.000	0.0	1.000
Feedback Descritivo	Individual	-1.495	0.152	-2.314	0.016	-1.365	0.191
	Grupal	-0.816	0.750	-1.282	0.281	-1.656	0.188
	Equipa	0.0	1.000	0.0	1.000	0.0	1.000
Feedback Interrogativo	Individual	-0.994	0.383	-0.254	0.828	-2.699	0.004
	Grupal	-0.557	0.750	-0.962	0.500	-1.342	0.375
	Equipa	0.0	1.000	0.0	1.000	0.0	1.000
Feedback Avaliativo	Individual	-2.805	0.002	-2.703	0.004	-1.328	0.213
	Grupal	-2.414	0.016	-1.611	0.141	-1.364	0.219
	Equipa	0.0	1.000	0.0	1.000	0.0	1.000
Demonstração Positiva	Individual	-0.985	0.383	-2.050	0.063	-0.424	0.703
	Grupal	-1.812	0.090	-1.265	0.250	-1.873	0.078
	Equipa	-1.000	1.000	-1.289	0.375	-1.414	0.500
Demonstração Negativa	Individual	0.0	1.000	0.0	1.000	-1.000	1.000
	Grupal	-0.816	0.750	-1.000	1.000	-0.447	1.000
	Equipa	0.0	1.000	0.0	1.000	0.0	1.000
Humor	Individual	-2.606	0.008	-2.805	0.002	-2.803	0.002
	Grupal	-1.199	0.231	-2.371	0.016	-2.311	0.021
	Equipa	-0.447	1.000	-0.535	0.750	0.0	1.000
Encorajamento	Individual	-0.357	0.750	-2.295	0.018	-2.090	0.037
	Grupal	-1.887	0.061	-1.888	0.061	-0.474	0.676
	Equipa	0.0	1.000	-0.365	0.875	0.0	1.000
Elogio	Individual	-1.481	0.164	-1.376	0.193	-1.122	0.285
	Grupal	-1.005	0.344	-1.652	0.133	-2.384	0.016
	Equipa	-1.000	1.000	-1.000	1.000	0.0	1.000
Punição	Individual	-1.000	1.000	-1.342	0.500	-1.342	0.500
	Grupal	-2.333	0.031	-1.000	1.000	-1.069	0.500
	Equipa	0.0	1.000	0.0	1.000	0.0	1.000
Repreensão	Individual	-1.130	0.289	-1.544	0.148	-1.376	0.195
	Grupal	-0.070	0.984	-0.171	0.906	-1.633	0.219
	Equipa	0.0	1.000	0.0	1.000	0.0	1.000
Gestão da Equipa Técnica		-2.803	0.002	-1.072	0.320	-0.051	0.969
Gestão de Atletas		-0.873	0.412	-0.153	0.922	-0.306	0.787
Conversa com Equipa Técnica		-0.949	0.375	-1.682	0.105	-0.255	0.846
Conversa com Atletas	Individual	-1.843	0.074	-2.652	0.006	-1.784	0.084
	Grupal	-2.193	0.025	-0.613	0.578	-1.379	0.195
	Equipa	-0.425	0.680	-1.951	0.063	-1.000	1.000
Observação		-1.887	0.061	-1.276	0.219	-1.988	0.049

Silêncio	-1.262	0.234	-0.178	0.887	-2.194	0.025
Atividade Motora	-2.032	0.063	-0.368	0.875	-2.214	0.031
Outros Comportamentos	-0.527	0.688	-0.216	0.961	-0.962	0.500

Estatística de Teste do Comportamento entre o Treinador Principal e o Treinador Adjunto no registo de duração

Categoria	Recetor	TP x TA FO1		TP x TA FO2		TP x TA FO3	
		Z	p	Z	p	Z	p
Objetivo	Individual	-0.105	0.938	-1.342	0.500	-1.000	1.000
	Grupal	-1.784	0.084	-1.823	0.070	-1.781	0.094
	Equipa	-0.447	1.000	-1.604	0.250	-1.000	1.000
Condições de Realização	Individual	-1.599	0.129	-2.703	0.004	-2.599	0.006
	Grupal	-0.561	0.625	-0.255	0.846	-1.580	0.131
	Equipa	-1.214	0.313	-2.547	0.008	-1.342	0.500
Critérios de Êxito	Individual	-1.069	0.500	-1.752	0.086	-1.377	0.188
	Grupal	-2.094	0.037	-1.428	0.168	-0.408	0.717
	Equipa	-1.000	1.000	-2.023	0.063	-1.000	1.000
Componentes Críticas	Individual	-0.560	0.641	-2.601	0.006	-0.359	0.676
	Grupal	-2.040	0.041	-1.784	0.084	-0.357	0.748
	Equipa	-1.000	1.000	-0.535	0.750	0.0	1.000
Questão	Individual	-0.314	0.844	-0.524	0.688	-1.402	0.188
	Grupal	-1.376	0.193	-1.383	0.074	-1.542	0.141
	Equipa	-1.342	0.500	-1.153	0.313	-1.000	1.000
Responder à Questão	Individual	-1.153	0.313	-1.836	0.074	-1.400	0.195
	Grupal	-1.580	0.131	-2.033	0.047	-1.289	0.375
	Equipa	-1.000	1.000	-1.461	0.250	0.0	1.000
Feedback Positivo	Individual	-2.805	0.002	-2.701	0.004	-1.479	0.152
	Grupal	-2.807	0.002	-1.840	0.066	-0.847	0.438
	Equipa	0.0	1.000	0.0	1.000	0.0	1.000
Feedback Negativo	Individual	-1.326	0.199	-1.632	0.111	-1.123	0.289
	Grupal	-1.472	0.156	-0.179	0.910	-1.897	0.094
	Equipa	0.0	1.000	0.0	1.000	0.0	1.000
Feedback Prescritivo	Individual	-0.866	0.432	-1.172	0.275	-0.102	0.939
	Grupal	-0.459	0.695	-0.612	0.574	-1.836	0.074
	Equipa	0.0	1.000	-1.000	1.000	0.0	1.000
Feedback Descritivo	Individual	-1.376	0.193	-1.836	0.068	-1.481	0.164
	Grupal	-1.289	0.375	-1.366	0.207	-1.472	0.188
	Equipa	0.0	1.000	0.0	1.000	0.0	1.000
Feedback Interrogativo	Individual	-0.140	0.945	-0.677	0.563	-2.803	0.002
	Grupal	-0.105	1.000	-1.219	0.313	-1.214	0.313
	Equipa	0.0	1.000	0.0	1.000	0.0	1.000
Feedback Avaliativo	Individual	-2.803	0.002	-2.701	0.004	-1.376	0.193
	Grupal	-1.786	0.082	-1.686	0.105	-1.601	0.121
	Equipa	0.0	1.000	0.0	1.000	0.0	1.000
Demonstração Positiva	Individual	-0.421	0.719	-2.032	0.047	-0.676	0.578
	Grupal	-1.478	0.160	-0.070	0.969	-1.955	0.055
	Equipa	1.000	1.000	-1.461	0.250	0.0	1.000
	Individual	0.0	1.000	0.0	1.000	1.000	1.000

Demonstração Negativa	Grupal	-0.535	0.750	-1.000	1.000	-0.477	1.000
	Equipa	0.0	1.000	0.0	1.000	0.0	1.000
Humor	Individual	-2.295	0.020	-2.803	0.002	-2.803	0.002
	Grupal	-1.008	0.344	-2.688	0.004	-1.585	0.129
	Equipa	-0.447	1.000	-0.535	0.750	0.0	1.000
Encorajamento	Individual	-0.459	0.695	-2.395	0.014	-0.561	0.625
	Grupal	-1.785	0.080	-2.090	0.037	-0.533	0.652
	Equipa	0.0	1.000	-0.365	0.875	0.0	1.000
Elogio	Individual	-1.836	0.074	-1.376	0.193	-0.866	0.432
	Grupal	-1.368	0.203	-2.243	0.023	-2.524	0.008
	Equipa	-1.000	1.000	-1.000	1.000	0.0	1.000
Punição	Individual	-1.000	1.000	-1.342	0.500	-1.342	0.500
	Grupal	-2.201	0.031	-1.000	1.000	-1.069	0.500
	Equipa	0.0	1.000	0.0	1.000	0.0	1.000
Repreensão	Individual	-1.244	0.250	-2.197	0.027	-1.123	0.289
	Grupal	-0.070	0.984	-0.210	0.875	-1.590	0.156
	Equipa	0.0	1.000	0.0	1.000	0.0	1.000
Gestão da Equipa Técnica	-	-2.701	0.004	-1.682	0.105	-1.277	0.230
Gestão de Atletas	-	-1.988	0.049	-1.377	0.186	-0.357	0.750
Conversa com Equipa Técnica	-	-1.172	0.275	-2.191	0.027	-0.051	1.000
Conversa com Atletas	Individual	-0.051	1.000	-1.580	0.131	-1.478	0.160
	Grupal	-2.194	0.029	-0.663	0.557	-0.306	0.791
	Equipa	-1.680	0.109	-1.680	0.109	-1.000	1.000
Observação	-	-1.172	0.275	-0.561	0.625	-1.784	0.084
Silêncio	-	-0.059	1.000	-0.889	0.426	-2.293	0.020
Atividade Motora	-	-2.023	0.063	-0.730	0.625	-2.201	0.031
Outros Comportamentos		-0.700	0.547	-0.700	0.547	-1.214	0.313